



Universidade de Brasília  
Instituto de Letras  
Departamento de Teoria Literária e Literaturas  
Pós-Graduação em Literatura  
Mestrado em Literatura e práticas sociais

**A PEDRA E A TORRE**  
**NARRATIVAS SOBRE OS CRISTIANISMOS**  
**DE PEDRO E MARIA MADALENA**

**WILIAM ALVES BISERRA**

BRASÍLIA  
2008

**WILIAM ALVES BISERRA**

**A PEDRA E A TORRE  
NARRATIVAS SOBRE OS CRISTIANISMOS  
DE PEDRO E MARIA MADALENA**

DISSERTAÇÃO APRESENTADA AO CURSO DE MESTRADO EM LITERATURA, DO DEPARTAMENTO DE TEORIA LITERÁRIA E LITERATURAS DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, COMO REQUISITO PARCIAL PARA A OBTENÇÃO DO TÍTULO DE MESTRE EM LITERATURA.

ORIENTADORA: PROF<sup>a</sup> DR<sup>a</sup> MARIA CRISTINA TEIXEIRA STEVENS

BRASÍLIA  
2008

## **BANCA EXAMINADORA**

---

PROFESSORA DOUTORA MARIA CRISTINA TEIXEIRA STEVENS  
(PRESIDENTE)

---

PROFESSORA DOUTORA LEILA ASSUMPÇÃO HARRIS  
(MEMBRO)

---

PROFESSOR DOUTOR ANDRÉ LUIS GOMES  
(MEMBRO)

---

PROFESSOR DOUTOR JOÃO VIANNEY CAVALCANTI NUTO  
(SUPLENTE)

A TOD@S QUE NÃO NEGAM O SAGRADO; A  
TOD@S QUE BUSCAM O LADO MÃE NO DEUS-PAI;  
A TOD@S QUE LUTAM PELA ORDENAÇÃO  
SACERDOTAL DE MULHERES.

Eram três [as mulheres] que acompanhavam o [senhor]: sua mãe, Maria, a irmã dela e Madalena, que é chamada de sua companheira. Com efeito, era Maria sua mãe, sua irmã e sua esposa.... E a companheira [do salvador] é Maria Madalena. Cristo a amava mais que a [todos] os discípulos e costumava beijá-la [com freqüência] na [boca]. O restante dos discípulos ficava ofendido com isso. Eles lhe disseram: “Por que você a ama mais que a todos nós”?

*(Evangelho Gnóstico de Felipe)*

## SUMÁRIO

RESUMO .....	I
ABSTRACT .....	II
AGRADECIMENTOS.....	III
CAPÍTULO I: FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA .....	1
1.1 - FEMINISMOS: MULHERES DONAS DE SUA PRÓPRIA VOZ .....	3
1.2 - HISTÓRIA: DE QUEM? PARA QUEM? .....	6
1.3 - METAFICÇÃO HISTORIOGRÁFICA.....	8
CAPÍTULO II: MULHERES NO INÍCIO DO CRISTIANISMO: PROTAGONISMO E APAGAMENTO.....	13
CAPÍTULO III: OS GNÓSTICOS E O EVANGELHO DE MARIA MADALENA.....	25
CAPÍTULO IV: <i>THE WILD GIRL</i> : MICHELLE ROBERTS E A RECRIAÇÃO DE UM MITO.....	51
4.1 - O INÍCIO DA NARRATIVA .....	54
4.2 - PEDRO NO MEIO DO CAMINHO.....	59
4.2.1 - O PRIMEIRO EMBATE .....	59
4.2.2 - O SEGUNDO EMBATE COM PEDRO .....	70
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	88
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	91

## RESUMO

Esta dissertação discute a exclusão das mulheres no início do cristianismo a partir da análise de duas obras: O evangelho gnóstico de Maria Madalena, (*circa* séc. IV d.c.) e o romance *The Wild Girl*, da escritora inglesa contemporânea Michele Roberts.

Não se pode falar de história do cristianismo sem se falar da Igreja Romana. A ortodoxia não nasceu pronta, ela precisou se impor por meio de séculos de luta teológica. Seu principal trunfo foi a conversão do imperador Constantino e o direito, dado por ele, de exercer poder de polícia em assuntos de fé. A partir daí, Roma podia perseguir fisicamente os “hereges”. Um desses grupos perseguidos era o dos gnósticos, eles acreditavam em uma deusa-mãe, criadora de tudo; defendiam que a queda e o pecado não foram culpa da mulher e diziam que o principal apóstolo não era Pedro e sim Maria Madalena, de quem alegavam ser filhos espirituais. Uma visão bem mais favorável para as mulheres do que aquela apresentada pela ortodoxia, que as estava, naquele exato momento, excluindo dos espaços de poder eclesiástico. As mulheres haviam sido muito importantes para o estabelecimento do cristianismo, elas eram pregadoras e sacerdotisas, mas uma vez estatizado o movimento, a ortodoxia disse que elas deveriam voltar para o espaço doméstico.

Michele Roberts buscou questionar essa injustiça histórica e escreveu uma obra em que, simulando um evangelho, reconta o nascimento do cristianismo na visão de Maria Madalena. Tomando por base o evangelho gnóstico atribuído a esta última, Roberts se vale do feminismo e das técnicas narrativas contemporâneas para subverter a metanarrativa patriarcal que satanizou o corpo e reificou a mulher.

O objetivo principal ao analisar essas obras é buscar nelas pontos em comum, desconstruções, reconstruções, *tópoi* discursivos. Para além da intertextualidade e das transformações metaficcionalis de Roberts, entenderemos as duas obras sob a condição literária de construtos verbais. O aspecto literário irá juntar-se às questões históricas, políticas e mesmo teológicas. Um segundo objetivo é mostrar não o que foi, mas o que não foi, ou seja, ouvir outras histórias sobre cristianismos, abafadas e silenciadas; tradições cristãs diferentes, com a possibilidade de uma apóstola fundadora. A proposta aqui apresentada é a de analisar um evangelho do século II e um romance do século XX enquanto se passeia por uma tradição cristã combatida, abafada e resgatada. Para isso, as principais bases teóricas utilizadas serão: as reflexões dos estudos de gênero; aspectos da teoria historiográfica contemporânea e a metaficção historiográfica.

## ABSTRACT

This dissertation aims to analyze the exclusion of women in the beginnings of Christianity, by analyzing two works: the Gnostic gospel of Mary Magdalene (*circa* sec. IV ad) and the novel *The Wild Girl*, by contemporary British author, Michele Roberts.

There's no way to discuss the history of Christianity without a word on the Roman Church. But the orthodoxy wasn't born ready, it had to impose itself, through years of theological battles. Its main act was the conversion of the emperor Constantine and the right, given by him, to exercise police authority on faith matters. From that day on Rome could persecute and punish the heretics. One of those groups were the Gnostics; they believed in a mother goddess, creator of all, they professed that the fall and the original sin were not to be blamed on women, they also said that the main apostle was not Peter, but Mary Magdalene, of whom they claimed to be spiritual heirs.

The Gnostic view of women was much more favorable than that held by the orthodoxy, that was, at that exact moment, excluding women from the places of church power. Women have been very important for the founding of Christianity, they were preachers and priestesses, but, once the movement was joined with the Roman State, the orthodoxy said that women should go back to their domestic sphere.

Michele Roberts tried to discuss that historical injustice and wrote a work that, by simulating a gospel, retells the birth of Christianity, in Magdalene's point of view. Based on the Gnostic gospel of Magdalene, *The Wild Girl* intertwines many narrative techniques with a strong feminist perspective to undermine the patriarchal metanarrative that demonized the body and reified women.

The main goal on analysing these works is to find a common ground between them, deconstruction, reconstruction, speech themes. Beyond intertextuality and the metafictional transformations of Roberts, the two works will be seen under their literary condition of verbal structures. The literary aspect will join the historical, political and even theological questions. A second goal is to present not what happened, but what could have happened, that is, to listen to stories about silenced, different Christianities, with the possibility of a woman founder. The point is to analyse a gospel from the second century and a novel from the XXth century, as we travel through a christian tradition that was put out and them brought back. To do this, the main theoretical basis used will be: gender studies, teory of history and historiographic metafiction.



## **AGRADECIMENTOS**

À Juliana, esposa e amiga infinita, por toda a compreensão e apoio demonstrados durante este trabalho.

À minha mãe, Maria Zilma, por tudo o que é, fez e faz.

À professora Cristina Stevens, por todo o incentivo e paciência durante a orientação desta dissertação, perdoando as muitas falhas e aconselhando sempre sabiamente.

Aos companheir@s de caminhada, pessoas maravilhosas, com as mãos calejadas e a cabeça cheia de sonhos.

A tod@s @s amig@s que esqueci de mencionar, mas que sabem, estão sempre presentes e merecem toda a minha gratidão.

## Capítulo I: Fundamentação Teórica

Maria Madalena, sem dúvida se falou muito sobre ela recentemente: a arrependida, a prostituta, a santa, a apóstola, a noiva perdida, a sacerdotisa, a personagem. Quantas Madalenas existem? Tantas quantas criarmos. Esta dissertação não busca resgatar a Madalena histórica, como alguns buscam um Jesus histórico. Uma Madalena histórica, assim como um Jesus histórico, é um construto, uma criação verbal, como o é todo o fazer historiográfico.

Mas por que escrever sobre Maria Madalena? Sem dúvida é um tema muito controverso e cheio de especulações, que alguns considerariam pouco científicas, pouco acadêmicas. Certamente, falar sobre Maria Madalena é muito lucrativo, quem duvidar pergunte a Dan Brown...<sup>1</sup>. Madalena é uma figura muito importante no imaginário ocidental, um nome chave do cristianismo, alguém cuja história foi criada e usada para justificar apropriações, apagamentos e manipulações as mais diversas. Como toda figura do imaginário social, ela é construída e construtora de realidades, presença não palpável, mas perceptível. Nos últimos anos, especialmente a partir da segunda metade do século XX, percebeu-se um “renascimento” de Madalena no imaginário do ocidente. Especialmente após a descoberta dos evangelhos gnósticos de Nag Hammadi. Os gnósticos eram um grupo cristão considerado herege pela Igreja de Roma e a referida coleção apresentava uma série de relatos alternativos para os evangelhos tradicionais. Entre os quais, um que se intitulava o evangelho de Maria, identificada pelos teólogos como Madalena.<sup>2</sup> A narrativa era desconcertante e, junto com o teor dos outros manuscritos encontrados, prometia uma revolução copernicana no que sabíamos sobre o cristianismo.

No último quartel do século XX, no contexto da contracultura, do pós-modernismo, dos movimentos ditos “minoritários” e de juventude, veio também a necessidade de uma releitura, quase sempre contestatória, das metanarrativas, inclusive as religiosas. Nesse momento, a cultura de massas descobre Madalena, e o quanto ela era lucrativa. Começam a surgir filmes, romances, peças teatrais e óperas-rock retratando sua história, questionando as versões oficiais. *Jesus Cristo Superstar*, *A Última Tentação de Cristo*, *Operação Cavalo de Tróia*, *O Código Da Vinci*; todos têm em Madalena um ponto comum. No entanto, mesmo nestas re-leituras que se querem inovadoras, ela é apresentada como “a grande mulher por trás do grande homem”; ela não existe por si, sua identidade é relacional: Senhora Jesus. Seu

---

<sup>1</sup> Autor de *o código Da Vinci*, que fez fortuna ao escrever um *best-seller* sobre um suposto relacionamento entre Jesus e Maria Madalena. A obra foi transformada em filme e tornou-se um *blockbuster*.

<sup>2</sup> Tanto a descoberta como o próprio evangelho gnóstico de Maria Madalena serão analisados mais detalhadamente no capítulo três desta dissertação.

papel de líder do movimento de Cristo, sua coragem, seu embate com as tradições petrina e paulina e seu posterior apagamento não são mostrados. Mesmo assim, há um ponto importante: a discussão foi posta, e isso é bom, as pessoas passaram a se perguntar se as coisas poderiam ter sido diferentes, se havia outras maneiras de se encarar um modelo religioso que parecia gasto. Novas ondas de religiosidade começam a surgir e muitas clamam um retorno a uma espiritualidade “feminina”, um retorno às tradições da “Deusa”<sup>3</sup>. A figura de Madalena é muito inspiradora para esses movimentos. Ao mesmo tempo, os estudos feministas ganham um espaço cada vez maior nas academias e fazem críticas severas às metanarrativas patriarcais e misóginas, buscando reabilitar figuras injustiçadas pela tradição falologocêntrica, nas mais diversas áreas do saber. É quando surgem importantes estudos sobre os evangelhos gnósticos, como o de Elaine Pagels<sup>4</sup>, e figuras femininas da bíblia são colocadas em destaque e repensadas; entre elas, Maria Madalena.

Escolhi pesquisar sobre essa importante personagem bíblica em função de meus interesses acadêmicos pelas ciências da religião e estudos de gênero. Foi possível perceber, sem muito esforço, que um dos locais de maior força do patriarcalismo e da misoginia é a Igreja Romana. O papel desta na apropriação ideológica das mulheres pelos homens (GUILLAUMIN, 1978:12) é tão forte e antigo que é difícil saber quais seriam as conseqüências para o ocidente se as relações entre cristianismo e mulheres tivessem sido diferentes. Quantas mulheres, na ausência física do poder clerical instituído, não cuidavam, quase sozinhas, de comunidades inteiras? Comunidades que só viam padres de seis em seis meses; não fossem elas, quem organizaria os movimentos paroquiais? As práticas de devoção? As lutas das CEBs<sup>5</sup>? Citando um exemplo de nosso país. Como é possível que seja negada a essas mulheres a dignidade do sacerdócio? O direito de perdoar os pecados a um moribundo ou batizar uma criança que, em muitos casos, elas mesmas, na condição de parteiras, ajudam a pôr no mundo?

Os feminismos e as contestações pós-modernas relacionadas à identidade, discurso, teoria da história e da ciência, e a metaficção historiográfica serão as principais ferramentas

---

<sup>3</sup> No último quartel do século XX, uma série de novas espiritualidades começaram a ganhar espaço no ocidente. Uma das mais fortes é um movimento chamado *WICCA*, fortemente baseado na espiritualidade matriarcal celta e na comunhão com a natureza. Tal movimento resgata e valoriza o sagrado feminino, o *WICCA* transforma devolve às bruxas seu caráter sagrado, transformando-as em sacerdotisas e profetisas, guias espirituais. Além disso, Há também a teologia feminista que contesta o patriarcalismo sexista dos monoteísmos abraâmicos (judaísmo, cristianismo, islamismo) e advoga o resgate do sagrado feminino, do lado mãe no Deus-pai (Conf RHODEN, 1995).

<sup>4</sup> Importante pesquisadora e teóloga estadunidense cuja obra *Os Evangelhos Gnósticos* marca o início do moderno estudo acadêmico do movimento gnóstico.

<sup>5</sup> Comunidades Eclesiais de Base; principal organização popular da Igreja Católica Romana no Brasil nos anos 1970-1980.

teóricas deste estudo; entretanto, este instrumental teórico será enriquecido por outras fontes. Pretendemos mostrar como é limitada a tradição falocêntrica que delimitou espaços de gênero para o sagrado e pôs uma cerca em volta de Deus(a), masculinizou o divino, satanizou o corpo e reificou a mulher.

Duas serão as obras analisadas nessa pesquisa: o livro *The Wild Girl (A Garota Selvagem)*, da escritora inglesa contemporânea Michelle Roberts e o evangelho gnóstico atribuído à Maria Madalena (c. 150 DC). *The Wild Girl* é um romance que narra a história de Maria Madalena; escrito na forma de um evangelho, ele se propõe a ser a tradução de um manuscrito encontrado em escavações arqueológicas. A narrativa desconstrói a representação tradicional do início do primeiro grupo cristão. Todas as personagens principais são transformadas: Cristo, Pedro, a Virgem Maria e, principalmente, Madalena. A autora buscou questionar e problematizar as concepções históricas e teológicas tradicionais, mostrando uma Madalena forte, inteligente e audaciosa, líder e apóstola nas primeiras comunidades cristãs. A segunda obra é, de fato, um achado arqueológico: *O Evangelho Gnóstico de Maria Madalena*. Perdido por mais de mil e setecentos anos, este evangelho apócrifo é um documento importantíssimo para se entender o papel da mulher no início do cristianismo.

## **1.1 - FEMINISMOS: MULHERES DONAS DE SUA PRÓPRIA VOZ**

Uma das bases teóricas das reflexões aqui apresentadas é o feminismo, atualmente, um movimento plural, multifacetado, articulado com as questões de raça, classe e sexualidade. Os feminismos são entendidos, não apenas, como um movimento efetivo de luta social, mas também como uma ferramenta analítica. É um campo de reflexões naturalmente multidisciplinar e não necessariamente centrado somente nas mulheres. Uma das idéias mais importantes para o pensamento feminista é a distinção entre sexo e gênero; o primeiro é entendido como um fato biológico e o segundo como um construto social, como ilustra a célebre frase de Simone de Beauvoir: “ Não se nasce mulher, torna-se mulher”(Beauvoir, 2000); o feminismo, portanto, pensa as relações de gênero em geral e questiona o binarismo reducionista de homem/mulher.

Na literatura, uma das principais lutas do pensamento feminista, foi, e é, a de dar voz aos silêncios, de visibilizar a autoria feminina. As mulheres são normalmente tomadas como objetos da construção ficcional masculina. Os autores canônicos, majoritariamente homens, construíram suas personagens de ficção e nelas inseriram suas idéias e representações sobre como as mulheres deveriam ser ou se comportar. Raras são as vozes autorais femininas na

história da literatura, especialmente a antiga, e quando as há, o contraste entre as personagens femininas criadas por elas e as criadas por eles, é marcante.<sup>6</sup>

O cânone literário reflete as tendências ideológicas da classe dominante e é ela quem escolhe o panteão dos grandes nomes de um país. Assim, as primeiras escritoras vão surgir nos cânones literários ocidentais somente a partir do século XX, será então que elas nunca escreveram antes? É claro que houve mulheres escritoras, mas seus nomes não tiveram prestígio e os critérios para a exclusão de suas obras foram muito mais políticos que estéticos. Falando sobre mulheres e literatura, Virgínia Woolf, nos anos 1920, publicou uma célebre e “ovular” (não seminal) obra intitulada: *Um teto todo seu*, (WOOLF, 2000) Ela defende, entre outras coisas, a independência financeira e a estabilidade material como condições para as produções intelectuais da mulher. Se uma mulher quisesse ser escritora ela precisaria de um pouco de dinheiro e um lugar para morar, sem essas coisas básicas não há liberdade possível, ela argumenta. Considerando que o público de Woolf era feminino, ela pergunta: “Vocês têm idéia de quantos livros são escritos sobre mulheres no período de um ano? Vocês têm idéia de quantos são escritos por homens? Vocês têm idéia de que vocês são, talvez, o animal mais discutido do universo?” (WOOLF, 2000:24)<sup>7</sup>

A grande questão levantada por Woolf, é o fato de que as mulheres eram sempre objeto do discurso masculino, seja literário, religioso, ou histórico. Elas não tinham voz, não podiam se auto-representar. Woolf lembra de uma famosa frase de Sir Samuel Johnson que dizia que uma mulher escrevendo era como um cachorro andando sobre as patas traseiras; ninguém queria que o cachorro andasse bem, mas todos se admiravam do simples fato de ele o fazer (WOOLF, 2000: 51). Mulheres escrevendo, tendo voz própria, era algo antinatural, criticável. As mulheres objetificadas pelo olhar literário masculino, ou seja, as personagens femininas dos grandes autores são, muitas vezes, poderosas, persuasivas, corajosas; entretanto, na voz da historiografia oficial, salvo poucas exceções, as mulheres eram representadas como sendo fiéis e obedientes aos seus maridos, servas de seus pais além de boas e pacientes mães de seus filhos:

O que emerge, então, é um ser estranho e compósito. Na imaginação ela é da maior importância, na vida real ela é insignificante. Ela frequenta os livros de poesia de uma capa à outra, mas desaparece na história....Algumas das palavras mais inspiradas, alguns dos pensamentos

---

<sup>6</sup> Esta situação de descompasso e exclusão ainda pode ser percebida na literatura brasileira contemporânea, conforme a abrangente pesquisa realizada pela Professora Regina Dalcastagne do Departamento de Teoria Literária e Literaturas da Universidade de Brasília: Conf. (DALCASTAGNE, 2005).

<sup>7</sup> Todas as traduções, dos livros não publicados em português, presentes nesta dissertação são de minha autoria.

mais profundos da literatura saem de seus lábios, no dia-dia ela mal sabia ler ou soletrar e era uma propriedade de seu marido ( WOOLF: 2000:40).

A questão é que todo este construto ficcional sobre as mulheres era uma estratégia para manter a dominação. Negar a exclusão no campo simbólico era um meio de perpetuá-la no mundo real. E a padronização que a historiografia tradicional faz das mulheres é algo altamente reducionista, que será discutido posteriormente nesta dissertação. Quando as mulheres começam a ter, como um grupo, uma consciência maior de sua condição, isto é, com a ascensão do movimento feminista, elas começam a perceber como é importante desconstruir a representação que o patriarcado havia feito sobre elas. A voz autoral feminina busca fugir das distorções na caracterização das mulheres, entre outras coisas. As personagens extremadas são típicas da caracterização patriarcal, com seus papéis e representações engessadas sobre o feminino (santa, rainha, mãe, prostituta). A grande diferença da mulher autora, é que ela passa a ser sujeito da narrativa. Através de sua história, contada por ela mesma, ela se humaniza; ao ganhar o direito à voz ela adquire dignidade.

Woolf imagina como deve ter sido difícil para algumas mulheres talentosas do passado exercer o dom que possuíam. A vocação para a atividade intelectual e a criação artística eram uma benção para um homem, mas uma letra escarlate para uma mulher. Um exemplo marcante é o de Judith Shakespeare. Woolf imagina uma irmã para Shakespeare, com o mesmo talento para o teatro, sendo o gênero a única diferença entre os dois. Seu nome seria Judith e ela não teria a menor chance de sucesso: “Qualquer mulher nascida com um grande talento no século XVI teria enlouquecido, se matado ou terminado seus dias em uma cabana fora da vila, meio bruxa, temida e ridicularizada.” (WOOLF, 2000:45).

A autoria feminina contemporânea busca, a partir da recriação histórica, resgatar as irmãs de Shakespeare silenciadas pela história tradicional. Michele Roberts costuma repensar o papel das mulheres dentro do catolicismo. Para ela, o caso de Maria Madalena é emblemático, exemplo de uma mulher que exerceu liderança e influência no início do cristianismo e teve de ser diminuída e denegrida ao longo da história para não causar problemas à ordem patriarcal. Para escrever, mulheres como Judith Shakespeare, ou Maria Madalena, tinham de travar uma grande batalha contra os papéis tradicionais atribuídos a uma mulher na sociedade: “repudiar as enfraquecedoras prescrições patriarcais e recuperar ou relembrar suas precursoras perdidas” (GUBAR, 1979:73). Roberts tenta trazer para as novas escritoras essas “precursoras perdidas”, para que elas percebam que possuem uma tradição literária à qual se filiar.

Para problematizar a representação tradicional de Madalena e das mulheres na Igreja Romana, Roberts propõe não um tratado, mas um romance, pois ela busca, na literatura, um poder transformador, capaz de desconstruir a naturalização e provocar a reflexão. Para isto é preciso repensar a história.

## 1.2 - HISTÓRIA: DE QUEM? PARA QUEM?

Outro campo de interesse e que teve suas bases problematizadas pelos pensamentos pós-modernos foi a teoria da história. Correntes mais recentes apontam frequentemente para o caráter contingente do fazer historiográfico, para a impossibilidade de totalidade, para o fim das ilusões de imparcialidade e universalidade, tão caras aos historiadores positivistas e aos herdeiros do século XIX. Ao invés desta “história dos historiadores” como a chamava Michael Foucault (RAGO, 1993:25), busca-se uma outra história, uma “história do possível”, na expressão da historiadora feminista Tânia Swain<sup>8</sup>, uma história que esteja atenta para a multiplicidade, para as descontinuidades, sem pretensões a “descobrir” fatos, verdades ou heróis; uma história consciente de si mesma, auto-reflexiva, que ponha na mesa as cartas do jogo, explicitando seus fundamentos teóricos. Uma história fragmentada que não se quer passado e se assume relato.

Tal história é fortemente relacionada a Foucault, que nas palavras de Margareth Rago: “Defendeu o projeto de uma história geral construída a partir das descontinuidades, das rupturas e do entrecruzamento de séries organizadas pelo historiador” (RAGO, 1993:16). Onde Rago conclui que a(o) historiador(a) deve “não mais acreditar poder chegar à verdade objetiva ou à essência originária, não mais a busca da totalidade, mas trabalhar as descontinuidades” (RAGO, 1993:27). Ou seja, haverá, por exemplo, algo por trás do relato de um evangelista como Lucas? Será que sua voz não serve para abafar outras vozes? E se assim for, o que se deve fazer para ouvi-las? Como encarar o fazer histórico depois dessas reflexões? O historiador norte-americano, Keith Jenkins, arrisca sua definição:

A história é um discurso mutável e problemático, sobre um aspecto do mundo, o passado, que é produzido por um grupo de trabalhadores com mentes contemporâneas (majoritariamente, em nossa cultura, historiadores profissionais) que trabalham epistêmica, metodológica, ideológica e praticamente posicionados e cujos produtos, uma vez em circulação, estão sujeitos a uma série de usos e abusos que são logicamente infinitos (JENKINS 1991: 26)

---

<sup>8</sup> Navarro, Tânia. *Os limites discursivos da história, imposição de sentidos in* Labrys ed.9, acesso em 12/01/2007.

Tânia Navarro, entretanto, é bem incisiva, denunciando as limitações da história dos historiadores e semeando a esperança de uma história do possível:

O papel d@s historiador@s, em meu entender, não é afirmar tradições, corroborar certezas, expor evidências. É, ao contrário, destruí-las para reviver o frescor da multiplicidade, a pluralidade do real. Para encontrar uma história do possível, da diversidade, de um humano que não se conjuga apenas em sexo, sexualidade, dominação, posse, polarização.... É criar a inquietação, a interpelação, é suscitar a mudança, é levantar questões e pesquisar incansavelmente a diversidade, para escapar à tirania do unívoco, do homogêneo, da monótona repetição do mesmo. (SWAIN S/D: Labrys revista eletrônica [www.unb.br/ih/his/gefem/labrys9/libre/anhita.htm](http://www.unb.br/ih/his/gefem/labrys9/libre/anhita.htm), acesso em 12/01/2007)

Uma história do possível é, sem dúvida, possível, mais ainda, é necessária e urgente. A história dos historiadores foi sentida como reducionista e factual, e foi severamente criticada, entre outros, pelo pensamento feminista. O que se dizia? Ora, esta história é considerada tendenciosa e incompleta. O pior problema não é ela ser tida como ideologicamente condicionada, mas o fato de se pretender universal e de esconder as bases ideológicas patriarcais, racistas e etnocêntricas sobre as quais está fundada. A denúncia que se faz, é que esta história apagou e reificou as mulheres, naturalizou os papéis sexuais, fechou os olhos para tudo o que não lhe agradasse ver. Assim, as poucas mulheres que têm o nome registrado são consideradas exceções: são as santas, as rainhas, as revolucionárias. Não há registros da mulher comum, das pessoas infames<sup>9</sup>. Criaram uma regra para as mulheres e nos fizeram crer que qualquer uma que saísse desse padrão era bruxa, puta<sup>10</sup> ou santa.

O passado não pode ser relatado pela história, pois, no sentido dado por Jenkins, o passado é o “fato”, o acontecimento irrepitível e irrecuperável, e não aquilo que foi dito sobre ele, a história. Nas palavras de Michelle Perrot:

Os homens tomam a palavra homem no sentido universal. Os homens não são todo mundo. Pelas interrogações, pelo assunto, há uma interrogação e um ponto de vista feminino de abordar a história... Senti com as mulheres a dificuldade do invisível, da invisibilidade da história... Elas são o proletário dos proletários. (PERROT, 1995:33).

---

<sup>9</sup> No sentido Foucaultiano de “sem fama”.

<sup>10</sup> Vale lembrar que uma das etimologias possíveis para puta, presente com variações em várias línguas românicas - *putaine* (francês), *puta* (espanhol) *putana* (italiano) - é de *PUTARE*, pensar, em latim. *Ego puto, tu putas, illa puta*, daí puta seria mulher que pensa, que escolhe sair dos padrões estreitos de virgem, boa filha, esposa e mãe e acaba contraindo um estigma, uma letra escarlate. (Conf. CUNHA, 2007).



Ela continua afirmando que “Em virtude da sua longa exclusão do campo da política, as mulheres estavam mais vinculadas ao âmbito social”(PERROT, 1995:34) e ainda aponta uma questão fundamental no pensamento feminista caracterizado por Gayle Rubin, entre várias outras, de sistema sexo-gênero: “Conjunto de arranjos pelos quais uma sociedade transforma sexualidade biológica em produtos da atividade humana, e no qual estas necessidades sexuais transformadas são satisfeitas” (RUBIN, 1975:48).

Trata-se da divisão do espaço social segundo o gênero; ao homem, o público, à mulher, o privado. Uma vez que a história era a história do público, ela nada ou muito pouco tinha a falar das mulheres, ideologicamente segregadas ao espaço privado. Ora, é exatamente isso que deve ser questionado; quem estabeleceu que o privado não é também público e político? Quem determinou que as coisas eram mesmo assim como as lemos? Essas eram fronteiras teóricas criadas pelos legisladores e moralistas que doutrinavam a todos dizendo que estes eram os papéis a seguir. Entretanto, se os espaços definidos para cada gênero precisam ser reiterados *ad nauseam* pelo patriarcado, é porque a divisão era frágil, artificial. Muita coisa só existia nas leis de Sólon e nos escritos de Sêneca, Cícero e Santo Agostinho. Por que proibir o espaço, comumente entendido como público, às mulheres se elas já não estivessem lá? Nenhum legislador proíbe o que não acontece. Isso nos abre possibilidades, devemos ler nos silêncios da historiografia oficial, buscar pelo que a escritora norte-americana Alice Walker chamou de “o jardim de nossas mães” (WALKER, 1988), ou seja, tudo o que as mulheres fizeram e não foi registrado oficialmente, mas que persiste. Ela imagina uma mulher negra, pobre e analfabeta que não foi bruxa, nem sufragista, mas nem por isso foi uma assujeitada, uma conformada. Talvez tudo o que essa mulher tenha deixado foi um jardim e, se procurarmos bem, talvez ainda haja lá alguma rosa, nunca registrada pela botânica oficial.

### 1.3 - METAFICÇÃO HISTORIOGRÁFICA

A metaficção historiográfica é uma importante ferramenta da narrativa pós-moderna, por se tratar de um conceito duplo, falemos primeiro, um pouco, sobre metaficção. A este respeito, assim se pronunciou o professor Kurt Müller da Universidade de Jena:

Ficção sobre ficção, ou ficção que torna seu status epistemológico e ontológico de ficção, manifestamente aparente, e possivelmente um assunto da própria ficção. Assim, metaficção é um modo de ficção no qual o processo de construção ficcional é alcançado por meio de técnicas auto-reflexivas tais como o uso do narrador auto-consciente ou o autor/narrador, jogo intertextual evidente, paródia, *mise en abyme*, e um envolvimento crescente do leitor com a obra. (MULLER, 2004:57)

Assim, uma definição possível para metaficção é a de ficção auto-reflexiva, plenamente consciente de sua condição de construto (*Poiésis*) verbal. Rejeitando simultaneamente a mimesis aristotélica e a concepção romântica da arte como filha espiritual e quase inexplicável da inspiração, a metaficção faz questão de mostrar para o leitor os andaimes e vigas do edifício, os fios de arame por baixo do mármore da escultura, porque é este entrelaçamento que faz *Davi e Moisés* ficarem de pé sem cair em excessos parnasianos de valorização dogmática da forma. Essa consciência narrativa a que se faz referência não é nova, pode-se encontrá-la em *Dom Quixote*, nas obras de Machado de Assis, em Shakespeare (A peça dentro da peça, em *Hamlet*, por exemplo); também em *A moreninha*, ou até mesmo nos evangelhos, quando Cristo comenta o fato de ele falar por parábolas. Trata-se de uma tradição absolutamente ancestral. Quando o contador de histórias, nas tribos, em volta da fogueira, selecionava este ou aquele relato para uma noite ou um público especial (quando, por exemplo, o pajé escolhia contar um mito guerreiro antes de uma batalha), estava já realizando um ato reflexivo sobre a sua narrativa, consciente daquilo que contava e do público que o ouvia. Com o passar do tempo, a consciência dos autores sobre o seu ofício apenas aumentou, tornando-se cada vez mais aguda. Metaficção é um termo que demonstra já maturidade e auto-conhecimento artístico, que se aprimora constantemente atingindo nuances mais e mais precisas. Como podemos perceber pelos vários tipos de metaficção definidos pela crítica especializada, como Patrícia Waugh, que identifica três: uma que subverte o papel do narrador e questiona a distinção entre ele e aquilo que é narrado; um segundo que parodia ou recria uma obra específica ou um modo narrativo particular (o caso do romancista americano Michael Cunningham re-escrevendo *Mrs Dalloway* e usando deliberadamente o estilo e técnicas narrativas de Virginia Woolf, conforme pode-se perceber em *As horas* (CUNNINGHAM, 2002)); o último são obras apenas levemente auto-reflexivas, em que a autoconsciência narrativa não se deixa ver. (Conf WAUGH 1984: 62-116).

Da metaficção e dos questionamentos das várias tendências da historiografia contemporânea nasce a metaficção historiográfica. A ciência positivista do século XIX acabou influenciando as ciências humanas e fazendo com que estas últimas buscassem o rigor metodológico das ciências exatas para serem aceitas na universidade. Ora, sabe-se que estas noções são problemáticas, primeiro, porque o rigor metodológico não livra ninguém de erro, nem as ciências exatas; segundo, porque a pretensão de verdade acaba levando à arrogância e criando uma ilusão de imparcialidade e universalidade. Fragilizando esses conceitos e procedimentos, surge a metaficção historiográfica. A história não tem um *status* ontológico

tão diferente da ficção, por isso pode ser reescrita; e é isso o que deseja, e faz essa nova ferramenta epistemológica.

Metaficção historiográfica não pode ser confundida com romance histórico. Este último, oficialmente surgido no século XIX com Sir Walter Scott, é filho de uma relação mais direta e nominalista com a história. Acredita na existência do passado, tal qual foi apresentado pela historiografia oficial, confia na objetividade, imparcialidade e universalidade da “ciência” histórica. O livro tem muitas vezes um propósito didascálico, podendo até ser remetido às concepções estéticas de Horácio que dizia que a arte deveria ensinar deleitando (HORÁCIO, 1991: 45-92). Por isso o tom é quase sempre grandiloquente, beirando o épico. Alguns professores utilizam essas obras com fim de ensinar “história”. Para aprender sobre as guerras napoleônicas, deve-se ler *Guerra e Paz*, de Tolstoi; sobre a Inglaterra Medieval - *Ivanhoé*, de Walter Scott; sobre a queda dos Visigodos - *Eurico- o presbítero*, de Alexandre Herculano e sobre a guerra civil americana - *E o vento levou*, de Margareth Mitchell. A crítica contemporânea a isso é que seria uma visão reducionista da história e da literatura. A metaficção historiográfica, conforme pensada pela teórica canadense Linda Hutcheon (HUTCHEON, 1991), questiona profundamente o romance histórico.

Uma das características da metaficção historiográfica é a de dar densidade psicológica às personagens; por isso, uma das ferramentas menos usadas é a personagem “tipo”, ou seja, uma deveria ser o típico fazendeiro escravocrata e racista do sul dos Estados Unidos, outra o típico *yankee* liberal e abolicionista do norte; uma deveria ser o típico bispo corrupto ou o árabe mau e a outra o padre e cristão honesto. Esse tipo de ferramenta cria personagens binárias e torna a narrativa previsível, algo totalmente criticado pela metaficção historiográfica com seu desejo de pluralidade e sofisticação narrativa, herdado do modernismo. Nas palavras de Hutcheon: “A metaficção historiográfica adota uma ideologia pós-moderna de pluralidade e reconhecimento da diferença; o “tipo” tem poucas funções, exceto como algo a ser atacado com ironia” (HUTCHEON, 1991:151).

Outra questão estilística importante para a metaficção historiográfica é o detalhe histórico. A história tradicional era também chamada “história dos acontecimentos”<sup>11</sup>, o importante não eram os detalhes, mas o fato. Daí não importava a cor dos carpetes ou a comida servida na cena do jantar, desde que se preservasse o fato. Para a metaficção historiográfica, o detalhe é construtor da narrativa:

---

<sup>11</sup> chamada de *événementielle* pela escola dos annalles. (Conf. JENKINS, 1991)

Em primeiro lugar a metaficção historiográfica se aproveita das verdades e das mentiras do registro histórico... certos detalhes históricos conhecidos são deliberadamente falsificados para ressaltar as possíveis falhas mnemônicas da história registrada e o constante potencial para o erro proposital ou inadvertido... Como leitores, vemos os narradores fazendo tanto a coleta quanto a tentativa de uma organização narrativa. (*HUTCHEON, 1991:152*).

A partir disso, o detalhe, que antes não tinha valor ou servia para dar autenticidade ao relato, agora passa ter um valor subversivo. Os pequenos fatos não narrados ou deixados de lado pela “grande história” passam a ser fundamentais na narrativa, porque por meio deles a personagem, e muitas vezes o leitor, vão construir sua interpretação do real. Nesse sentido, o romance está fazendo, junto com o leitor, uma nova historiografia; estão ambos se apropriando juntos do “passado”; são ambos um pouco historiadores. Além do que, por meio da estética da recepção, o romance está sendo construído no ato de leitura, enquanto constrói, junto com o leitor, uma outra narrativa sobre uma narrativa prévia, oficial, que ele, romance, supõe que o leitor já conhecia. Para isso servem os detalhes, para serem apropriados, moldados, e para, em seus espaços e lacunas, subverter a história oficial.

Um outro ponto de destaque na metaficção historiográfica é o uso de personagens históricas reais nas obras. O romance histórico tradicional trataria a personagem histórica real, um pouco como trata o detalhe, ou seja, melhor seria que nenhuma grande figura histórica aparecesse, e se aparecesse seria apenas para corroborar a “verdade histórica” do relato, para legitimar a narrativa em sua ligação ontológica com a história. A metaficção historiográfica vai agir de maneira diferente. Não há restrições quanto ao “respeito aos dados históricos” das personagens reais. Elas podem, sim, aparecer e são também objeto da ficção, são também apropriadas. As figuras históricas passam a interagir com outros personagens reais que jamais encontraram, vão a lugares onde nunca estiveram e interagem com personagens que são pura ficção. É o que Humberto Eco faz com Bernardo Guy em *O nome da rosa*; Michael Cunningham também cria e brinca com sua Virginia Woolf de *As Horas*. Como um recurso metaficcional extra, muitas dessas personagens são escritores reais de obras consagradas que o autor da metaficção deseja problematizar, discutir. Eles, esses escritores clássicos, tornam-se então criadores e criaturas, pois são quase sempre retratados criando suas principais obras: Milton em *The tree of Knowledge*, (FIGES, 1991) Freud de *The White Hotel* (THOMAS, 1999) ou Virginia Woolf de *As horas* (CUNNINGHAM, 2002). Em um recurso muito engenhoso de intertextualidade estabelece-se uma ligação imediata entre o romance que se está lendo e a obra do autor/personagem, que passa a ser fundamental para o entendimento do

romance metaficcional em questão, o que levará o leitor, para uma melhor fruição do romance, a ler a obra do autor/personagem retratado.

Tal recurso serve ainda para questionar mais uma vez as fronteiras entre ficção e realidade, chamando novamente a atenção para a natureza ficcional e discursiva da história. A maioria das personagens reais presentes nesses romances, especialmente os criadores intelectuais, tem a história da criação de suas obras envolta em mistérios, não se tem muita certeza sobre como ele/a escreveu a obra. Em cima dessa lacuna, disso que seria um detalhe, a metaficção historiográfica nasce; muitas vezes com o objetivo de subverter, de dar voz a quem não teve voz, de mostrar a história oficial sobre outro ângulo. A idéia é abrir espaço para a pluralidade e desconstruir as narrativas mestras canônicas que, não poucas vezes, serviram como instrumento de opressão. Por isso, escrevem a penelopíada, dando a visão de Penélope sobre a Odisséia, (ATWOOD, 2005) e também re-escrevem Robinson Crusóe na ótica de Sexta-Feira ( COETZEE: 1986).

Assim faz Michelle Roberts. Filha das idéias feministas, ela vai buscar nas teorias pós-modernas da história e na metaficção historiográfica um caminho para re-escrever a história de Maria Madalena, de Jesus e de todo o movimento cristão. Ao revisitar a metanarrativa mais importante do ocidente, põe-se em discussão os alicerces ideológicos que nos moldaram. Boa é a casa construída sobre a pedra (Pedro), mas ela nos mostra que talvez essa pedra não seja assim tão sólida. Para melhor entendermos as questões levantadas por Roberts, talvez seja útil falar um pouco sobre o papel das mulheres no início do cristianismo, é o que será feito no próximo capítulo.

## Capítulo II: Mulheres no início do cristianismo: protagonismo e apagamento.



Uma mulher parte o pão celebrando a eucaristia. Pelas roupas e cortes de cabelos, presume-se que a maior parte dos participantes seja de mulheres. (Figura 1). Início do século III, capela grega das catacumbas de Santa Priscila, Roma. Fonte: TORJESSEN, 1995 e <http://www.womenpriests.org/gallery> acesso em 16/01/2007

“Não há mais judeu nem grego, escravo nem livre, homem nem mulher; pois todos vós sois um só em Jesus Cristo” (Gálatas 3,27-28 in *Bíblia sagrada*, tradução oficial da CNBB, 2002.)<sup>12</sup>

Esta radical afirmação de São Paulo aos gálatas é uma das pedras angulares do pensamento cristão, ou ao menos assim se pensa. Será que não havia mesmo diferença entre os primeiros cristãos? Até que ponto não se criou um imaginário idílico quanto a essas

---

<sup>12</sup> Todas as citações bíblicas presentes nesta dissertação foram retiradas dessa fonte.

comunidades? Alguns diriam mesmo edênico, uma idade de ouro. Somos remetidos a um mito fundador no qual tudo sempre começa bem e é necessária uma explicação para o posterior desconcerto do mundo. Uma metanarrativa, ainda presente na pós-modernidade questionadora, importante para o pensamento igualitário ocidental, ao menos desde o Iluminismo. Quando um movimento, herético ou não, queria devolver a “autenticidade” ao cristianismo, especialmente na Idade Média, ou quando se fala, ainda hoje, de um cristianismo “radical”, é deles que se fala; desses cristãos, que nem cristãos se chamavam ainda. Eram caridosos, abnegados, resolutos, probos, admirados mesmo por seus perseguidores. Mais uma vez, cabe a pergunta: até que ponto? Poderíamos considerá-los Cidadãos do céu, proto-comunistas, proto-anarquistas, proto-hippies? Talvez sejam proto-tipos, criações das sucessivas gerações que os moldaram como argila no imaginário coletivo, uma das inúmeras redes que formam as representações sociais; frutos da linguagem do que disseram deles, do conjunto de imagens coletivas ou, em outras palavras, “imaginário social”:

Imaginação é... pôr em imagem .... É a mesma coisa para aquilo que chamo imaginário social... A linguagem é uma criação do coletivo anônimo, é o imaginário instituinte, o imaginário social. Uma dimensão imaginária é o que permite que em toda linguagem existam não somente provérbios, poemas ou expressões metafóricas indefinidas, mas que, sobretudo, a linguagem possa veicular as expressões imaginárias sociais: Tabu, Totem, Deus, Nação. Vocês alguma vez viram a nação brasileira? (CASTORIÁDIS, s/d: 92)

Ou seja, o imaginário social é composto por conceitos, visões estabelecidas socialmente. Ele não pertence a nenhum indivíduo, mas influencia e conforma a visão de mundo de todos eles. Seu poder e sua continuidade se dão por meio da linguagem. É por ela que são criadas as significações imaginárias, ou representações sociais. Longe de serem um construto meramente lingüístico e incorpóreo, as conseqüências destas representações são físicas, reais, prendem e libertam, expulsam de casa, criam e dividem espaços de poder, batem em crianças, queimam mendigos, espancam mulheres e discriminam negros.

Sobre representações sociais diz Denise Jodelet:

Com as representações sociais tratamos de fenômenos observáveis... Realidades mentais... Elas circulam nos discursos, são trazidas pelas palavras e veiculadas em mensagens e imagens midiáticas. Cristalizadas em condutas e em organizações materiais e espaciais... Produto e processo de uma atividade de apropriação da realidade exterior ao pensamento (JODELET, 2001: 20)

As palavras e os discursos são, portanto, o *locus vivendi* das representações sociais. Ali podemos encontrá-las e analisá-las. Jodelet diz ainda que “não há representação sem

objeto” (JODELET, 2001:21), pode-se desenvolver esta idéia dizendo que a representação tende a tomar o lugar do objeto, substituí-lo. Donde se conclui que uma das principais funções da representação social é apagar-se enquanto tal, tornar-se invisível, imperceptível, naturalizar-se. Nas palavras de Castoriádis: “Essas significações imaginárias (representações sociais)... São as únicas legítimas na sociedade. Em geral, a condição de sua legitimidade não se coloca” (CASTORIÁDIS, S/D: 94)

Essa legitimação é o que se chama naturalização. Compreendendo naturalização como uma representação que alcançou seu objetivo, ou seja, está sedimentada no imaginário social, a tal ponto que nem é percebida. Um exemplo disso são as representações sociais de Homem/Mulher, Mãe, Esposa, etc. Papéis já dados, máscaras abrangentes que oprimem e apagam as diversidades. Estas representações se fortalecem, reproduzem e sedimentam através de mecanismos de reiteração. Discursos, práticas e instituições que reafirmam a representação sob vários meios, chamados por Teresa de Lauretis de tecnologias de construção. Se a representação reforçada está ligada aos papéis de gênero, são tecnologias de construção de gênero<sup>13</sup> (LAURETIS, 1994: 44). Com base nesses conceitos, parece existir uma naturalização quanto ao cristianismo dos primeiros dias, quase um senso-comum. É isto que este capítulo pretende questionar, utilizando como ferramentas analíticas, conforme mencionado no capítulo anterior, a teoria da história, o pensamento feminista e algumas contribuições da análise do discurso.

A grande matriz de sentido que sustenta a representação social sobre o início do cristianismo é a idéia de igualdade, conforme podemos perceber pelos evangelhos canônicos: “Jesus sentou-se, chamou os doze e lhes disse: “ se alguém quiser ser o primeiro, seja o último de todos, aquele que serve a todos” (Marcos 9,35); “ o senhor mostrou a força de seu braço, dispersou os que tem planos orgulhosos no coração, derrubou os poderosos de seus tronos e exaltou os humildes”(Lucas1, 51-52); “ Pois todo aquele que se exalta será humilhado e todo aquele que se humilha será exaltado” (Lucas 17, 14). Esses são apenas alguns exemplos que enfatizam a idéia de que as rígidas estruturas sociais daquela época eram, no ensinamento de Jesus, contrárias à vontade de Deus. Nas cartas de São Paulo o ensinamento é o mesmo:

Como o corpo é um, embora tenha muitos membros, e como todos os membros do corpo, embora sejam muitos, formam um só corpo, assim também acontece com Cristo. De fato, todos nós, Judeus ou Gregos, escravos ou livres, homens ou mulheres, fomos batizados num só espírito, para formarmos um só corpo e todos nós bebemos de um único espírito.



(1 Coríntios 12, 12-13)

São muitas as passagens em que Paulo ressalta a igualdade de todos dentro da comunidade aos olhos de Deus. Mas talvez as passagens bíblicas que mais contribuíram para uma visão idealizada dos primórdios do cristianismo foram alguns trechos dos atos dos apóstolos, de Lucas:

Eles eram perseverantes em ouvir o ensinamento dos apóstolos, na comunhão fraterna, na fração do pão e na oração... Todos os que abraçavam a fé viviam unidos e possuíam tudo em comum; vendiam suas propriedades e seus bens e repartiam o dinheiro entre todos conforme a necessidade de cada um. (Atos 2, 42-46)

A multidão dos fiéis era um só coração e uma só alma. Ninguém considerava suas coisas que possuía, mas tudo entre eles era posto em comum... Entre eles ninguém passava necessidade, pois aqueles que possuíam terras ou casas as vendiam, traziam o dinheiro e o depositavam aos pés dos apóstolos. Depois era distribuído conforme a necessidade de cada um (Atos 4, 32-35)

Mais adiante, Lucas prossegue e diz que um casal, Ananias e sua esposa, mentiram sobre o dinheiro que tinham, não queriam partilhar. E Deus os fulmina, matando-os instantaneamente, como castigo e exemplo (Atos 5, 1-11). Este caso, dito por Lucas como *exemplum*, mostra como era séria para os primeiros cristãos a questão da partilha e da igualdade. Da partilha do dinheiro, talvez, mas, e a igualdade?

A imagem que recebemos dos primeiros cristãos é a de uma união inquebrantável e de uma igualdade celeste, mas representações são discursos, e como tal, podem ser analisados. Todo discurso é composto de interdiscursos e se abre para a polissemia, o que é natural dada a natureza incompleta e relacional da linguagem; assim, em toda fala outras vozes podem ser percebidas. No caso dos primeiros cristãos, o excesso de ênfase que davam a sua suposta igualdade, nos faz suspeitar das palavras de Lucas. Mas há outras vozes polissêmicas, outros textos, que podem nos fornecer mais pistas sobre essa época do cristianismo, especialmente sobre o que aconteceu com as mulheres, dentro do movimento. Se todos eram iguais, por que as mulheres não podiam celebrar a eucaristia? Sobre a exclusão das mulheres e, especialmente, a proibição de que elas fossem sacerdotizas, vejamos o que diz, no século IV, um dos maiores teólogos do cristianismo:

Não permitimos que as mulheres exerçam o ofício do ensino nas igrejas...para nós, o próprio mestre e senhor, Jesus, só nos enviou os doze para ensinar os povos e os gentios, mas nunca

enviou mulheres, embora estas não faltassem...E se não permitimos que as mulheres pregassem, por que alguém deseja ir contra a natureza e permitir-lhes fazer o serviço sacerdotal? Pois fazer das mulheres sacerdotisas é um erro da impiedade pagã. Então, se fosse permitido que as mulheres batizassem, o senhor teria sido batizado por sua mãe, e não por João. (JERÔNIMO, SÃO, 1994:143)

Em seguida, leiamos Santo Irineu de Lyon, da mesma época: “espera-se que a insolência louca das mulheres que ousarem querer ensinar, não vá tão longe a ponto de reivindicarem o direito de batizar também” (2003:45) Estes dois trechos, que são apenas uma pequena amostra do que o clero daquela época dizia sobre as mulheres, fornecem bom material de análise; vejamos apenas algumas matrizes discursivas mais evidentes: 1-A exclusão das mulheres é de origem divina; 2- A tradição apostólica diz que só a homens foi dado o sacerdócio; 3- não bastasse o dogma e a tradição, a própria natureza diz que as mulheres são indignas do sacerdócio.

Uma reflexão rápida já nos aponta: o caráter dogmático e arbitrário do interdito; a manipulação da história e a negação da existência de mulheres-sacerdotes em qualquer ponto da trajetória do cristianismo; o discurso de naturalização do interdito: é, foi e sempre será assim, algo cujos motivos seriam pretensamente inquestionáveis porque estão dentro do quadro do “natural”. Além, também, da ligação do sacerdócio das mulheres a um “outro” perturbador, do qual o cristianismo quer se diferenciar a todo custo: “a impiedade pagã”. Pensando no subentendido, que está no domínio do não dito<sup>14</sup>, seria interessante lembrar que estas palavras foram pronunciadas em um momento em que o cristianismo estava em forte ritmo de estatização, sendo transformado em religião oficial do império, oficialmente tentando se desvencilhar e, internamente, assimilando muita coisa das religiões politeístas. Esta relação problemática, de afastamento e aproximação com o “paganismo” tem muito a dizer sobre o desenvolvimento da religião cristã. É interessante também lembrar que um dos interdiscursos/matrizes discursivas mais comuns em textos eclesiásticos dessa época sobre mulheres é o que as une à natureza, e agora, é esta mesma natureza/imanência/corpo que as impede de serem sacerdotes.

---

<sup>14</sup> Ao contrário do pressuposto, o subentendido não se encontra no texto, mas ”no contexto, não pode ser asseverado como necessariamente ligado ao dito” ORLANDI, 2002: 82. O não-dito, porém é uma “iminência de sentido...dá os contornos do dito, significativamente” Id, Ibid : 83.



(Figura 2) Uma mulher com véu reza com as mãos levantadas, século III, cubiculum de Velatia, catacumbas de santa Priscila, Roma. Fonte: TORJESEN, 1995 e <http://www.womenpriests.org/gallery> acesso em 12/01/2007

A fala de Santo Irineu, abre-nos um “possível” na história dos historiadores. Ele fala da “insolência louca” das mulheres que querem ensinar, e teme que elas cheguem ao absurdo de querer ministrar o batismo. Já São Jerônimo proíbe expressamente essa prática. Ora, o que isto nos diz? Que, contra a vontade deles, elas eram muito atuantes e faziam todas essas coisas que eles proibiam, senão não haveria por que proibir. O apagamento das mulheres da história oficial, tantas vezes denunciado pelas feministas, mostra-se, portanto, deliberado e arbitrário.

Há nas catacumbas de santa Priscila, em Roma, uma imagem (fig 2) de mulher orante, com as mãos elevadas e usando uma estola sacerdotal; ela é identificada como “*Theodora Episcopa*”, feminino latino de *episcopus* (bispo). Tratando esta imagem como “monumento”<sup>15</sup>, encontramos nela um traço elucidativo, um detalhe aparentemente pequeno: a letra “a” de “*episcopa*” está raspada e danificada (TORJESEN, 1995: 10), indicando que alguém tentou, ao menos é possível supor, livrar-se do inconveniente de ter uma mulher bispa. Isto nos abre a possibilidade para descortinar a tentativa de apagamento de outras Theodoras, cujo número exato não podemos dizer, mas cuja existência foi quase certa. Há outros indícios, pinturas e epitáfios. Na ilha Grega de Thera uma mulher, Epiktas, é chamada de presbítera

<sup>15</sup> “Indício portador de suas referências e valores inscritos nas diversas dimensões do social... um acontecimento discursivo, no qual as várias leituras admissíveis sobre a fonte nos apontam para uma história possível dos indícios e não uma história impossível das evidências.” (SANT’ANA, S/D: 02).

(TORJENSEN, 1995:10). Nas mesmas catacumbas de Santa Priscilla, há um afresco, do início do século III, (figura 1 -TORJENSEN 1995:10) representando uma celebração eucarística. No centro da cena está uma mulher, partindo o pão e presidindo à reunião; pelas roupas e cabelos percebe-se que a maioria dos participantes são mulheres. Em outro afresco retratando uma celebração eucarística, encontrado nas catacumbas de São Pedro e São Marcelino, de data incerta, vemos uma mulher segurando o cálice no alto e passando o pão, o que leva a crer que ela esteja presidindo o ritual. O que chama a atenção, entretanto, é o olhar de espanto lançado pelo homem que recebe o pão da mulher; uma interpretação possível é a de que ele está surpreso com ela. Por quê? Talvez porque ela esteja presidindo. Tomemos esta possibilidade, já que o indício aponta muitas vezes, ela ilustra bem o processo de entrada, liderança, exclusão e apagamento das mulheres no início da igreja cristã.

O papel de destaque das mulheres no cristianismo primitivo começou com o próprio Jesus. Elas o acompanhavam para todos os lados, davam-lhe suporte financeiro, foram as mais fiéis a ele quando os outros desertaram; os quatro evangelhos afirmam com uma unanimidade rara que uma mulher, Maria Madalena, foi a primeira testemunha e encarregada de dar a notícia do fato mais importante, fundador e constitutivo do novo movimento: a ressurreição<sup>16</sup>. O movimento de Cristo foi atacado por ser um movimento de mulheres e escravos e os cristãos não negaram isto, mas disseram, citando São Paulo, que na fraqueza dos homens está a força de Deus. Nas palavras do teólogo Barth D. Ehrman “As cartas paulinas do novo testamento apresentam claros indícios de que as mulheres desempenhavam um papel proeminente nas comunidades cristãs emergentes, desde os tempos primitivos” (2006:190). Ao examinarmos a carta aos romanos, Paulo manda recomendações e lembranças a vários membros da congregação, entre eles várias mulheres: Prisca, Maria, Trifena, Trifosa e Pérside, Júlia e outras duas mulheres: Febe, chamada de diaconisa e encarregada de levar a carta de Paulo até Roma, e um homem chamado Junias a quem ele chama de “eminente entre os apóstolos”. Há algumas traduções tendenciosas com relação a estas pessoas: Primeiramente Febe é chamada, no original, de presbítera e o copista,<sup>17</sup> ou o tradutor, escolheu diaconisa, o que já é muito suspeito, mas o pior vem com Junias, que na verdade é Junia, ou seja, é uma mulher. O problema maior é porque o próprio Paulo, em uma das poucas cartas cuja autoria lhe é certa, chama uma mulher de “eminente entre os apóstolos” (Rom 16-7). Ora, um dos

---

<sup>16</sup> Apenas quatro cenas da vida de Cristo podem ser encontradas em todos os evangelistas, essa é uma delas Marcos 15,40-51, 7,24-30; 15,40-41; 16,1-8; Lucas 8,1-3;23, 55-24,10; Mateus 27,55;28,1-10;João 20,1-2; 4,1-42.

<sup>17</sup> Para maiores detalhes sobre alterações, tendenciosas ou não, feitas pelos copistas aos manuscritos do novo testamento ver EHRMAN, 2006.

principais argumentos de que mulheres não podem ser sacerdotes é porque, dizem, Cristo não escolheu nenhuma delas como apóstola. Esta afirmação de São Paulo põe tudo por terra, e é ainda mais importante porque é a única vez em todo o novo testamento canônico que uma mulher é chamada diretamente de “apóstola”. A conclusão mais lógica a partir daí é que: “o grupo apostólico era, evidentemente, maior que a lista dos doze homens com os quais a maioria das pessoas tem familiaridade”(EHRMAN, 2006:192) Isto abria a possibilidade não só para uma re-inserção oficial das mulheres no sacerdócio, mas permitia uma discussão mais ampla sobre quem eram estes outros apóstolos e o que teriam feito ou deixado, ou seja, todo o cânone do novo testamento, duramente cristalizado ao longo de séculos de debates teológicos, à custa de crimes e silenciamentos, tudo isto podia ruir por causa de uma única mulher, em uma única frase, corriqueira, de Paulo. O que foi feito então? Uma das várias alterações textuais ideologicamente motivadas no novo testamento, Júnia passou a ser chamada Júnias, um homem (Conf EHRMAN, 2006:192). “Apóstolos eminentes”, algumas bíblias ainda levam esta tradução. Outros copistas tornam o texto ambíguo, segundo Bart D Ehrman; ao invés de “saudai Andronico e Junia, meus parentes e companheiros de prisão, eminentes apóstolos.” alguns manuscritos registram: “Saudai Andrônico e Júnia, meus parentes, saudai também meus companheiros de prisão, eminentes apóstolos”.(2006:193) Vale lembrar que Júnia era um nome feminino bastante comum no império naqueles dias e o nome masculino Júnias só foi encontrado nas adulterações desta carta. Outro texto que foi muito usado para justificar a exclusão das mulheres do papel de liderança nas igrejas, foi a 1ª carta de São Paulo a Timóteo 2,11-15:

A mulher deve guardar silêncio com toda a submissão. Não permito à mulher ensinar ou ter autoridade sobre um homem. Que ela se mantenha em silêncio. Com efeito, Adão foi formado primeiro; depois Eva. E Adão não foi o seduzido, mas a mulher que, seduzida, caiu na transgressão. Todavia, ela será salva por sua maternidade, contanto que persevere na fé, no amor e na santidade, com modéstia.

Esses versículos são apropriados para uma análise discursiva. “Silêncio com toda a submissão”, Isso traz à tona o sistema de honra do mediterrâneo conforme explicado por Karen Jo Torjensen (TORJENSEN, 1995): para as mulheres castidade, obediência e silêncio. O calar-se não era somente não falar, era não se meter no público que é espaço masculino (no

sistema público/privado de gênero)<sup>18</sup>; era não ter acesso ao foro ou ao altar que são lugares de poder e de fala. Em seguida vem o “não permito”; o autor usa de sua autoridade, que se crê vir da continuidade apostólica, e se acha no poder de fazer tal proibição. Logo após aparece a citação da figura de Eva, origem de todo o mal, outra matriz discursiva nas falas cristãs oficiais desse período relativas às mulheres, repetida à exaustão por dois milênios.

Alguns grupos heréticos louvavam a figura de Eva, porque foi a primeira a comer do fruto da sabedoria; os gnósticos a admiravam porque teve coragem de enfrentar a ordem do Demiurgo tirano. Isso sem falar em Lilith, sujeito excêntrico<sup>19</sup> do folclore judaico, que, posta à margem, toma uma posição crítica de resistência e questiona o poder central que a marginalizou. Logo após a maldição de Eva, vem a salvação, não por Cristo, como seria de se esperar, mas pela sua função natural, desejada e permitida, a maternidade,<sup>20</sup> fim único da mulher, reduzida a natureza/imanência/corpo. Por fim, a modéstia, o golpe final de submissão e apagamento, a lei de ouro do código do mediterrâneo (TORJENSEN, 1995: 138): a honra de uma mulher é sua vergonha e a vergonha do homem é ter vergonha. Vergonha para uma mulher tem, obviamente, conotações sexuais, daí a fixação, do mesmo São Paulo, com o uso do véu por parte das mulheres (I cor 2,1-16), pois o uso do véu significava que ela aceitava sua condição de posse de alguém, marcava que ela tinha marido, vivo ou morto, impedia os outros de terem pensamentos luxuriosos com a exposição de seus cabelos. Essa peça de vestimenta era importante para os papéis de gênero, desempenhados nas esferas pública e privada. É preciso lembrar que os dois espaços estão imbricados e tanto o binarismo quanto as separações são artificiais, sabe-se que uma das maiores lutas das feministas foi para politizar o privado, para dar visibilidade ao espaço doméstico: “O pessoal é político”, sempre foi uma das principais bandeiras do movimento. O véu, naquele contexto, servia para a mulher saber que, mesmo temporariamente no espaço público, ali não era seu lugar; se ela usava o pano sobre a cabeça, mostrava aceitar isso. Até porque se uma mulher tentasse abertamente entrar no espaço público, podia ser chamada de mulher pública e do público, com conotações sexuais. Cristina Stevens, ao falar da apropriação da classe das mulheres pela classe dos homens diz que o patriarcado precisou não só dividir o público e o privado, mas a mulher de todos e a mulher de um só, para garantir também a legitimidade da paternidade para fins de herança. (STEVENS, 2007). Estes elementos, rapidamente encontrados nas cinco linhas da

---

<sup>18</sup> Para maiores detalhes sobre o sistema de espaço público privado de gênero na antiguidade mediterrânea, ver TORJENSEN, 1995.

<sup>19</sup> para maiores detalhes sobre a noção de sujeito excêntrico, ver DE LAURETIS, Teresa, 1994.

<sup>20</sup> Para um estudo mais profundo sobre a visão feminista, multidisciplinar, da maternidade. Ver: STEVENS, 2007.

carta acima citada, resumem várias matrizes discursivas misóginas ainda hoje empregadas pela Igreja Romana para excluir as mulheres das instâncias de poder clerical, da dignidade do sacerdócio. Chegam mesmo a dizer que Cristo “exerceu seu sacerdócio através da masculinidade de seu corpo”<sup>21</sup> (*Declaração sobre a admissão de mulheres ao sacerdócio*, Vaticano, 1976) quando convêm aos celibatários, Cristo é um ser assexuado, um homem não viril<sup>22</sup>; depois quando não mais convém, ele se torna viril e é isto que garante seu sacerdócio. Entre as justificativas já dadas anteriormente para excluir as mulheres do sacerdócio, estão algumas que, hoje, chegam a soar cômicas. Já se disse que a costela de Adão era torta e por isso a natureza (eis a natureza novamente) da mulher era torta, desviada, indigna do sagrado; ou que *femina* vinha, etimologicamente, de *fides minus*, ou seja, de menor fé.

Uma última consideração sobre a carta de São Paulo a Timóteo: hoje há um quase consenso entre os teólogos de que ele não a escreveu, aliás, nenhuma das duas; elas foram provavelmente feitas por um seguidor seu, anos depois de sua morte. (EHRMAN, 2006 :191). Obviamente, na época em que essas cartas foram escritas, havia uma forte discussão sobre o papel das mulheres na igreja; basta observar o evangelho gnóstico de Maria Madalena, descoberto em Nag Hammadi em 1945, em que ela enfrenta a autoridade de Pedro, conforme analisaremos neste trabalho. O problema, segundo alguns pesquisadores, é que São Paulo foi ambíguo. Em algumas cartas, defendia a igualdade entre todos, noutras, punha reticências e restrições. “Por isso, em algumas igrejas, as mulheres desempenhavam importantes funções de liderança; em outras, os papéis foram diminuídos e as vozes silenciadas” (EHRMAN, 2006:192) Quando ele foi martirizado e especialmente quando a igreja foi se estatizando mais e mais, a questão sobre a limitação do papel das mulheres foi crescendo.

Karen Jo Torjensen (TORJENSEN, 1995:125) defende que o cristianismo começou como uma religião de mistério, seguindo o modelo de vários outros cultos de mistério da antiguidade (Dionisos, Eleusis, Mithra etc). Com o proselitismo de São Paulo, quis fazer-se universal, mas não podia ocupar o espaço público, porque a religião do público, espaço do Estado, era o paganismo romano. O cristianismo torna-se então religião do privado, os cristãos reuniam-se em casas, catacumbas e lugares mais reservados. Ora, o espaço do privado, na divisão espacial de gênero no mediterrâneo, pertencia às mulheres, logo, elas foram fundamentais para o novo grupo. Como patronas, fundadoras de comunidades,

---

<sup>21</sup> Documento oficial do vaticano expedido, *ex-cathedra*, pela congregação para a doutrina da fé, também conhecida, há não muito tempo atrás, como tribunal do santo ofício, ou, santa inquisição, cujo último presidente foi o então cardeal Joseph Ratzinger, atual Bento XVI, apelidado nos corredores vaticanos de papa panzer ou papa prada.

<sup>22</sup> Para maiores detalhes sobre a dessexualização de Cristo por parte dos teólogos celibatários, ver HEINEMANN, 1996

diaconisas, presbíteras, apóstolas, profetizas e até escritoras de evangelhos. Nenhuma figura ilustra tão bem esse papel ativo e fundador das mulheres quanto Maria Madalena, chamada de apóstola dos apóstolos pela própria Sé de Pedro.

No entanto, à medida que a igreja foi se estatizando, tornando-se pública, o discurso oficial com relação às mulheres foi se tornando cada vez mais excludente e misógino. Elas foram muito úteis no início, mas agora não mais; que voltassem, então, ao *lócus* pagão a elas destinado. É interessante como neste ponto a mensagem igualitária dos primeiros dias, extremamente útil para convertê-las e utilizar sua força de trabalho, esvaziou-se. Os cristãos, sempre tão preocupados, ao menos oficialmente, em não imitar em nada “as impiedades pagãs”, no caso das mulheres, herdaram, sem grandes alterações, a misoginia das três fontes em que mais beberam: o helenismo, o judaísmo e as culturas romanas/romanizadas, que compunham o quadro geral do imaginário mediterrâneo. (TORJENSEN, 1995:165). Tudo colaborando para dar apoio ideológico à apropriação da classe das mulheres pela classe dos homens, a apropriação material do trabalho, do tempo e dos corpos das mulheres, bem como de seus frutos (leite, filhos etc), só poderia ser possível com o aval ideológico das representações sociais sobre as mulheres (a virgem, a santa, a puta, a esposa, a mãe, a filha, etc) e o código de “honra” criado para elas: silêncio, castidade e obediência.

Segundo Collete Guillaumin (1978:15), a apropriação material da classe das mulheres pela classe dos homens se dá por meio da apropriação do tempo, dos produtos do corpo e da obrigação sexual. No caso do cristianismo, é inegável o auxílio que ele recebeu das mulheres para se manter e mesmo para chegar ao poder. Para lembrarmos de apenas um caso, foi através da conversão da mãe de Constantino, Teodósia, que o filho imperador veio a se “converter”. Isto se enquadra na apropriação do trabalho e do tempo das mulheres, grandes colaboradoras dos principais passos do cristianismo desde os dias de seu fundador. A historiografia cristã oficial, entretanto, minimiza este fato, numa tentativa de invisibilizar, ou diminuir, o trabalho feminino. No caso específico de Constantino, ressalta-se, oficialmente, uma possível intervenção divina, através do sonho profético que ele teria tido com o sinal da cruz (*in hoc signus vincet*). De todo modo, o apagamento das mulheres da história do cristianismo primitivo, comprova a apropriação da classe das mulheres pela classe dos homens e mais ainda a naturalização da exclusão, permitindo seu perpetuamento, claramente visível, por exemplo, na negação do sacerdócio às mulheres.

Toda essa rede de representações e conseqüentes instituições misóginas está costurada no imaginário social patriarcal e falologocêntrico, que cria universais aprisionantes na forma de modelos a seguir; impondo essências aos sujeitos e abafando as diversidades. Este sujeito,



dito cartesiano/iluminista, porém com raízes greco-romano-cristãs, sofreu sérios ataques e não mais se sustenta ontologicamente. Segundo Stuart Hall (2005: 34-46) essa forma de identidade sofreu três ataques importantes:

1-A teoria marxista, pois dizia que os sujeitos só atuavam na história com papéis já dados, havendo, portanto, um limite para suas ações;

2- Freud e a psicanálise, com o inconsciente e o enfraquecimento da mente racional;

3- O estruturalismo de Saussure, Levi-strauss e outros que desembocou nos pós-modernismos e nos filósofos da diferença da segunda metade do século XX.

Entretanto, mesmo que a digam morta, Inês ainda é rainha. A mente falologocêntrica ainda é presidente das companhias, delegada, juíza, cientista e papa. Ela vem sendo combatida, mas ainda continua universalizando o referencial e totalizando o contingente. Ela ainda espanca mulheres, mutila suas genitálias e as impede de serem sacerdotisas. É um buraco negro autoritário desejando engolir todas as explosões de supernova que são as diversidades. Este rei está nu, há muito tempo, mas continua desfilando pelas ruas com um manto de imaginário e um séquito de sexistas. Algumas poucas crianças na multidão apontam e denunciam sua nudez. São profetas, e não importa se tentam calá-las, pois se elas calarem, as pedras falarão( Lc 19:40).

### **Capítulo III: Os gnósticos e o evangelho de Maria Madalena.**

Em Dezembro de 1945, um camponês egípcio chamado Muhammad-Ali Al-Samman, saiu com seus irmãos para procurar fertilizantes para sua plantação. Depois de andarem um pouco, encontraram uma terra boa para este fim, perto do vilarejo minúsculo de Nagi-Hammadi. Começaram a cavar e, de repente, encontraram a boca de um grande vaso de cerâmica vermelha; continuaram cavando e viram que o vaso tinha mais de um metro de altura. Inicialmente Muhammad não soube o que fazer, pensou que talvez ali houvesse ouro e quis quebrar o vaso, mas ficou com medo de que houvesse dentro um *Djin* (um gênio do mal). Por fim, sua ganância venceu seu medo e, com uma picareta, ele quebrou o vaso. Imediatamente espalharam-se pelo chão mais de trinta volumes de papiro encadernados em pele de carneiro. Muhammad ficou desapontado, quis deixar os livros lá, mas levou-os para casa. Como não sabia ler, não tinha idéia do que se tratava, jogou os papiros em cima da palha que era usada no fogão a lenha; sua mãe, Umm-Ahmad, disse depois que utilizou muitas daquelas folhas para acender o fogo. Muhammad e os irmãos foram logo em seguida presos por assassinato, pois seu pai havia sido morto recentemente e eles o vingaram matando o assassino. Na cadeia, eles comentaram sobre os livros. Começava então uma das maiores corridas da arqueologia moderna; o governo egípcio, fundações internacionais de pesquisa e traficantes do mercado negro travaram uma longa batalha pelos códices. Até que a Fundação Jung, de Zurique, e o governo egípcio, por meio do museu copta do Cairo, conseguiram reunir todos os volumes restantes. Depois disso, um grupo internacional de estudiosos foi selecionado para fazer a tradução dos textos; finalmente, em 1978, o trabalho foi concluído e publicado com o título : *The Nag-Hammadi Lybrary (a biblioteca de Nag-Hammadi)*. (PAGELS, 2006: VI-VIII) Um ano depois, um dos tradutores, Elaine Pagels, publicou um estudo basilar sobre o movimento e os textos gnósticos: *Os evangelhos gnósticos*. Estas duas obras são fundadoras dos estudos acadêmicos modernos sobre o gnosticismo e serão uma importante fonte para as discussões aqui desenvolvidas.

Apesar de Muhammad e sua mãe explicarem que muitas páginas foram queimadas ou rasgadas, o que chegou até nós é sem dúvida impressionante: são mais de 52 textos. *A biblioteca de Nag-Hammadi*, modo como se convencionou chamar o conjunto dos códices, data de *circa* 350 d.c.; no entanto, nenhum dos manuscritos é original, são todos traduções cujos originais já existiam há, estima-se, pelo menos 200 anos. Os códices estão escritos em

copta<sup>23</sup>, mas os originais foram provavelmente escritos em grego *koiné*<sup>24</sup> por volta do ano 150 D.C. A datação das traduções de Nag-Hammadi não gera muita polêmica, no entanto a dos originais é muito controversa. Ninguém os põe depois do século II, mas muitos estudiosos, como o professor Helmut Koester (THE NAG HAMMADI LIBRARY, 1978:117) e Elaine Pagels sugerem que eles talvez datem da segunda metade do século I: “tão antigos, ou mais, que os evangelhos de Marcos, Lucas, Mateus e João” (PAGELS, 2006:XVII).

Sabe-se que os evangelhos canônicos foram escritos num período compreendido entre 70 e 110 D.C. Não havia entre eles um desejo de coerência e muito menos se pensava em criar um texto só, unificado para todos os cristãos. Escrevia-se por necessidades particulares e improvisadamente dentro das limitações de cada comunidade. Vale lembrar que a taxa de analfabetismo em Roma, para pegar como exemplo apenas a capital do império, variava entre 85 e 90%, estimam os historiadores.(EHRMAN, 2006:21) Nestas condições, e dada a premissa de que o cristianismo em seus primeiros dias é um movimento da plebe, das classes mais baixas, como confiar no que foi escrito? Eles sabiam escrever? Poder-se-ia dizer que o judaísmo sempre pregou a alfabetização, pois era uma religião baseada em um livro e os homens tinham de ler na sinagoga. Na verdade, as taxas de analfabetismo, e a conseqüente exclusão da leitura dos textos, eram igualmente grandes, daí a necessidade das leituras públicas por parte dos poucos que podiam realizá-la. Havia no início do movimento cristão, na fase pré-paulina, pessoas medianamente esclarecidas, como Mateus e Nicodemos, mas como cobrador de impostos, Mateus só precisava saber contar. Já do sacerdote Nicodemos, se algo ele escreveu, nada temos, pois não chegou até nós nenhum relato a ele atribuído.

Muitos então usavam o serviço de escribas que atuavam como “secretários”, com bem menos fidelidade textual que as (os) secretárias (os) modernos teriam. Quando, mais tarde, alguns textos têm de ser repassados a outras comunidades, entra em cena um dos personagens mais problemáticos: o copista. Vale lembrar que nenhum dos manuscritos evangélicos que temos são originais, são todos cópias, algumas bem posteriores ao possível original. O que isso tudo tem a ver com os gnósticos? Isto é muito importante para os gnósticos porque é neste momento que começam a nascer as tradições paulina e petrina que depois se uniriam em Roma para gerar o que chamamos de ortodoxia. E é exatamente esta ortodoxia que irá, em

---

<sup>23</sup> Língua muito falada por todo o Egito durante a antiguidade tardia e ainda hoje utilizada na liturgia dos cristãos de São Marcos, também chamados coptas, e por populações locais.

<sup>24</sup> O grego *koiné* era a língua franca da antiguidade tardia, a modalidade de grego equivalente ao latim vulgar. O *koiné* era diferente do grego clássico e aristocrático de Platão e Aristóteles. Era chamado de língua do povo, demótico, e foi a base para o grego moderno. Nas terras do império romano o latim era bem menos falado do que se poderia esperar. O povo sabia mais *koiné* que latim e nessa língua foram escritos três dos quatro evangelhos oficiais, exceto Mateus. Quando São Paulo escreve para os cristãos de Roma ele o faz em *koiné*, prova de que mesmo na capital do império o grego era a língua de comunicação. Conf EHRMAN, 2006: 35.

nome da unidade da cristandade, abafar vários cristianismos nascentes, entre eles, o gnosticismo. Voltando aos copistas, quem eram eles e o que podem ter feito? O copista pagão mais comum era um escravo, liberto ou não, semi-alfabetizado, capaz de decifrar os símbolos gráficos, mas raramente com leitura fluente; as noções de pontuação e de separação de palavras não existiam, usava-se a *scripto continua*, isso quer dizer que, na maioria das vezes TUDO ERA ESCRITO JUNTO E EM MAIUSCULAS SEM NENHUM TIPO DE PONTUAÇÃO E ACENTO. Obviamente, isso gerava sérios problemas não só de leitura, mas de interpretação e reprodução. Tomemos por exemplo a frase em inglês *GOD IS NOWHERE*, isto pode ser lido como *God is nowhere* (Deus não está em lugar nenhum) ou *God is now here* (Deus está aqui agora). O escravo copista, às vezes, nem sabia do que se tratava o manuscrito que copiava, e não se interessava pelo que estava fazendo. Teria acontecido o mesmo com os cristãos? Ouçamos o teólogo Bart Ehrman:

As pessoas que reproduziam os textos por todo o império não eram, normalmente, aqueles que queriam os textos. Os copistas, em geral, reproduziam os textos para outros. Uma das mais importantes descobertas recentes sobre os primeiros copistas cristãos, por outro lado, é que com eles se dava exatamente o contrário. Depreende-se que os cristãos que copiavam os textos eram aqueles que os queriam - isto é, eles copiavam os textos ou para uso pessoal e/ou comunitário ou o faziam para benefício de outros... Em suma, eram simplesmente pessoas minimamente letradas da comunidade cristã que podiam fazer cópias e queriam fazê-las. (EHRMAN, 2006: 60).

Poderiam estes copistas ter alterado o texto, não simplesmente por não saberem escrever,<sup>25</sup> mas por questões pessoais e doutrinárias? A resposta é sim. Deve-se lembrar que, embora a maioria dos escribas fosse minimamente letrada, não se deve generalizar; havia alguns que escreviam e liam bem, e o movimento de Cristo, possuía, em suas origens, alguns membros altamente intelectualizados, como Paulo e Lucas, o primeiro era doutor da lei judaica e o segundo era grego e médico, e eles não eram os únicos. Com relação à ação dos copistas sobre os escritos cristãos da época, vejamos o que diz Orígenes, padre do século III e um dos maiores teólogos do início do cristianismo: “As diferenças entre os textos se tornaram gritantes, ou pela negligência de algum copista ou pela audácia perversa de outros; ou eles descuidam de verificar o que transcreveram, ou no processo de verificação, acrescentam ou apagam trechos como mais lhes agrade.” (ORÍGENES, 2004:47) A quantidade de textos

---

<sup>25</sup> O número de erros de grafia e gramaticais cometidos pelos escribas era tão grande que irritava alguns leitores como Plínio, o velho, que dizia que muitas vezes não ler uma obra por não agüentar o analfabetismo do copista. (Vide SNODGRASS 1988: 228).

circulando e o medo de alterações pelos copistas era tanta que, por volta do ano 110 d.c., o autor do Apocalipse segundo João diz:

Eu atesto a todo o que ouvir as palavras da profecia deste livro: se alguém lhes fizer qualquer acréscimo, Deus lhe acrescentará as pragas descritas neste livro. E se alguém tirar qualquer coisa das palavras do livro dessa profecia, Deus lhe retirará a sua parte da vida e da cidade santa, descritas neste livro. (APOCALIPSE 22, 18-19)

O desejo do autor, seja quem for, é o de evitar alterações fraudulentas feitas por copistas ao seu manuscrito. Esta ameaça só faria sentido se o copista fosse cristão; um copista pagão, se entendesse o que estava escrito, dificilmente se amedrontaria com estas linhas.

Para esse período, dos primeiros textos e escribas, cheio de polêmicas, antes do nascimento da ortodoxia, os estudiosos evitam usar o termo cristianismo, pois ele só começaria a ser utilizado posteriormente; fala-se apenas em movimento de Cristo: um movimento incrivelmente multi-facetado que se espalhou primeiramente pelas comunidades judaicas presentes no império romano ao longo de toda a bacia do mediterrâneo. Os judeus normalmente enxergavam o movimento como mais um grupo messiânico como tantos que vieram antes e que viriam depois. Para se ter uma idéia de como este tipo de movimento era comum e da sua importância para a história judaica, só no século I houve mais de trinta grupos assim, incluindo o de Cristo, alguns com mais, outros com menos seguidores, uns mais pacíficos, outros mais belicosos. O mais importante deles, além do Cristão, foi o de Bar Kochba; de tendências belicistas, este movimento levou a um levante armado contra os romanos. A reação romana foi furiosa e culminou em 70 D.C com a destruição de Jerusalém, que teve seus campos salgados, e a expulsão dos judeus de sua terra.<sup>26</sup> Essa dispersão foi a mais longa e a mais cruel da história hebraica: a segunda diáspora (a primeira havia sido o cativeiro da Babilônia). Os exilados se dividiram em sefarditas<sup>27</sup> e ashkenazitas<sup>28</sup>, além de vários grupos menores; a diáspora durou quase 2.000 anos e só acabou com a criação do estado de Israel em 1948.

---

<sup>26</sup> Para maiores detalhes ver : JOSEFO, Flávio (2004) *Historia dos Hebreus*, São Paulo, CPAD.

<sup>27</sup> De *sefarad*, em hebraico, península ibérica, termo que se refere aos judeus de Portugal e Espanha que tiveram seu apogeu no tempo do domínio árabe da região. Foram fundamentais para unificar os reinos peninsulares, custear e executar as grandes navegações e colonizar o novo mundo. Foram as principais vítimas do santo ofício, a inquisição, que os usou para enriquecer e fortalecer a igreja romana na península.

<sup>28</sup> De *Ashkenazi*, em hebraico, Europa central e oriental. Termo que se refere aos judeus que habitaram estas regiões, especialmente as atuais Alemanha, Polônia, Hungria, Romênia, Tchecoslováquia e Rússia. Foram as principais vítimas do holocausto nazista e os grandes responsáveis pelo movimento sionista, além da criação do novo estado de Israel.

Se os judeus enxergavam os primeiros cristãos como uma pequena seita messiânica, os romanos e gregos das classes senhoriais, além dos dirigentes dos povos mediterrâneos helenizados e romanizados, tendiam a criticá-los abertamente, alguns por razões morais, outros porque achavam sua doutrina filosoficamente fraca. As opiniões são severas: “Superstição depravada e desregrada (...) esta superstição contagiosa, imoral” – (Gaius Plinius Caecilius Secundus); “Superstição perniciosa” – (Cornélius Tácitus); “ Superstição nova e maléfica” – (Suetonius Tranquillus) ( CROSSAN, 2003:45) um pouco depois diz Porfírio : “os evangelistas eram escritores de ficção, não observadores nem testemunhas oculares da vida de Jesus. Cada um dos quatro, em algum ponto contradiz o outro”(CROSSAN, 2003:45). Na mesma época, o filósofo Celso escreve:

Eis a palavra de ordem deles: para trás quem tem cultura, quem tem discernimento! Quantas recomendações perversas para nós! Mas se houver algum ignorante, inculto, uma criança, que venha!...Jamais se aproximam de uma assembléia de homens prudentes para lá revelar seus mistérios. Mas, logo que percebem a presença de adolescentes, um bando de escravos, um ajuntamento de idiotas e mulheres incultas para lá correm a se exhibir... Falam muito da árvore da vida e da tábua da salvação, imagino que isto seja porque seu mestre era carpinteiro de profissão e foi pregado em uma cruz. Fosse ele ferreiro e tivesse sido estrangulado teríamos um ferro do amor e uma corda da imortalidade. Qualquer idosa a cantar uma cantiga de ninar para fazer dormir uma criancinha não ficaria envergonhada de sussurrar este tipo de conto? (ORIGENES 2004: 52)

O objetivo é ridicularizar os cristãos. Os primeiros críticos, Suetônio, Tácito e Plínio, eram contemporâneos de Paulo e Pedro, Porfírio e Celso são do final do século II. Os primeiros tendem a mostrar o cristianismo nascente como um movimento perigoso, não raro “ateu”, especialmente porque ser ateu era não venerar os deuses romanos, entre eles, claro, o imperador. Eles têm uma preocupação mais social, têm medo de um levante ou revolta. Entretanto, o movimento cristão naqueles dias deveria ter poucos seguidores, porque nenhum dos três se dignou a escrever mais que algumas palavras sobre ele. Já no tempo de Celso e Porfírio, a situação havia mudado completamente; os cristãos não só estavam mais organizados como já possuíam até um perfil sócio-econômico de seguidores e incomodavam tanto que Celso dedicou uma obra inteira para atacá-los.

Se as elites eram abertamente contrárias ao cristianismo<sup>29</sup>, sabemos que com a plebe se deu o oposto. De início o romano ou o romanizado/helenizado comum, tendia a ver o novo movimento como mais uma religião de mistérios, um culto iniciático como os de Dionisos ou de Eleusis, na Grécia e o culto de Mitra, da Pérsia. Eram vistos como um grupo originalmente fechado, ritualizado e pouco teriam sobrevivido se não se tivessem se aberto e adaptado ao meio em que se encontravam. Mas no que consiste esta adaptação? Inicialmente ela consiste em aceitar que a mensagem que traziam era para todos - isto os tira do gueto judaico. Também a mensagem de igualdade, que servia para atrair a esmagadora maioria de excluídos da *pax romana*, da *ordo urbis*: Mulheres, estrangeiros, escravos, etc. Mas eles não eram os primeiros a vir com esta mensagem, outros cultos vindos das margens do império também a tinham semelhante. O que terá sido então? O que tinham eles para conseguir sucesso junto aos menos favorecidos? Duas foram as coisas que atraíram seguidores aos cristãos: a austeridade moral que pregavam e a partilha dos bens que faziam, a caridade.

A caridade que praticavam era um orgulho para os primeiros cristãos, como se nota nos atos dos apóstolos (AT: 2,42-46 e 4,32-35), eles se gloriavam de dizer que os pagãos ficavam admirados ao vê-los e exclamavam: “Vede como se amam”. É citado também no martirologio de São Lourenço; narra a lenda que quando a igreja começa a ganhar prestígio e expandir suas obras, alguns a acusam de ter tesouros e Lourenço, para defendê-la, leva os acusadores a uma capela e, mostrando os pobres e viúvas ali abrigados diz: “Eis o nosso tesouro” (DE VARAZZE, 2006:312). No entanto, alguns historiadores (entre eles aquele que é considerado uma das maiores autoridades em antiguidade tardia e cristianismo primitivo - Peter Brown [1990:92]), acreditam que os primeiros cristãos não eram os mais pobres, mas certa “classe média” urbana que custeou o grupo nascente. A partir das doações desse grupo, eles puderam fazer as obras de apoio e atrair os mais pobres. Além disso, a excessiva ênfase dos padres e exegetas do cristianismo primitivo na partilha dos bens e na caridade revela que talvez os primeiros cristãos não fossem tão generosos assim, ao contrário, mostra como tal processo, tal espírito de doação, deve ter sido difícil de cultivar, pois se não fosse necessário, por que insistir tanto no mesmo ensinamento?

Vale lembrar que o sistema coletivo romano possuía uma rede de auxílio social, se é que se pode assim chamá-la, baseada nos patronos. É importante conhecê-la porque o

---

<sup>29</sup> Vide o caso das cartas de Plínio, o jovem, que foi governador romano e teve de lidar com cristãos em seu governo. Em suas cartas ao imperador Trajano, ele pede orientação sobre o que fazer com a nova seita. O Imperador o responde e aconselha sobre o que deve fazer. Este breve epistolário tem valor histórico incalculável.

cristianismo irá se aproveitar dela e de suas brechas para se firmar no ocidente. Sobre o patronato romano, assim comenta a historiadora e teóloga Karen Jo Torjensen:

A diferença entre o patrono e seu cliente depende das diferenças de status e classe social. Na sociedade romana as classes eqüestre e senatorial eram as duas mais elevadas, logo, as classes governantes. Elas podiam apadrinhar as classes mais baixas de três modos: 1- Relacionando-se com alguém de classe social mais baixa, inclusive as pessoas comuns, a plebe. 2- Relacionando-se, alguém das classes eqüestre ou senatorial, com comunidades estrangeiras que buscavam nestes acordos maior autonomia e proteção contra a exploração. 3- A relação de amizade (*Amicitia*) em que a diferença de status entre os participantes não era tão grande... O apadrinhamento de cidades e o cultivo de clientes podia dar ao patrono um considerável poder político. Os apadrinhados ficavam ligados a seus patronos por laços de lealdade que duravam a vida inteira. Eles davam informações, presentes e recusavam-se a testemunhar contra seus benfeitores. O apadrinhado, ou patrocinado, era obrigado a aumentar o prestígio, a reputação e a honra de seus patronos, na vida pública e privada. Sua maior função era dar a seus patronos honra social, através de manifestos públicos e monumentos às benfeitorias, generosidade e virtudes de seu patrono (1995: 94)

O sistema de patronato romano foi fundamental para que o cristianismo se firmasse em Roma, e, em conseqüência, ganhasse poder e pudesse assim oprimir outros grupos cristãos, como os gnósticos. O patronato era muitas vezes feito pelos governantes e homens públicos, não porque quisessem fazer o bem ou ajudar o próximo, mas porque era seu dever cívico ajudar sua cidade; não havia para eles a noção de solidariedade, mas de “cidadania”. Sua ajuda, no entanto, era muitas vezes superficial e vista pelos pobres como insatisfatória, porque o povo entendia que, como cidadãos ilustres, eles tinham a obrigação de ajudá-los sempre, e não só esporadicamente como faziam. Na maioria dos casos, os cônsules e magistrados costumavam oferecer jogos de circo e gladiadores; no máximo, às vezes, distribuíam trigo, mas nada de substancial que de fato resolvesse a situação. É a famosa política do *panis et circenses* (pão e circo):

Os cidadãos notáveis alimentam sua cidade: espera-se deles que gastem largas somas para manter o sentimento de contínua alegria e prestígio dos cidadãos normais... Tais doações individuais podem ser comparadas a fogos de artifício: celebram as grandes ocasiões, o poder e a generosidade dos protetores, o esplendor da cidade. A idéia de um fluxo regular de doações sob a forma de esmolas, para a categoria permanente dos aflitos, os pobres, ultrapassa o horizonte desses homens. (BROWN-1991: 104)



A questão, portanto, não é a do ato praticado, mas da mentalidade de quem o pratica. Os notáveis fazem o que fazem em seu bem e pelo bem da cidade, os cristãos em nome de seu deus. Os notáveis agem faraonicamente e de maneira esporádica, quando acham necessário; os cristãos fazem bem menos, mas são constantes. Alguns pesquisadores acreditam que os cristãos teriam aprendido a idéia de igualdade e, mais importante, a como administrar um fundo comum, com as sociedades ascéticas do judaísmo, como os essênios, que lhes serviram de modelo. Com a constância de suas doações, patrocinadas por alguns patronos e especialmente viúvas generosas, os cristãos ganham o “estômago” da plebe e dos escravos e crescem da maneira que se sabe. Na verdade, o cristianismo se aproveitou de uma brecha no sistema de patronato romano, e com a constância de gestos menores e mais concretos, ganhou a simpatia do povo. Mas este mesmo sistema de patronato cobrou seu preço do cristianismo, pois como era ajudado por algumas pessoas influentes romanas e helenizadas, estas tiveram sua influência em moldá-lo. É quando entra a questão moral.

Uma das principais mudanças morais ocorridas na antiguidade clássica é a substituição de uma moral tribal e guerreira, por uma moral cidadã. A moral guerreira é chamada de *areté* (ἀρετή). É a virtude dos tempos homéricos, representada em Aquiles, de pés ligeiros, e Hércules, em que o que contava era o valor mostrado em batalha e a audácia do guerreiro. Posteriormente, com o aperfeiçoamento da idéia de cidade, a classe dominante passou a valorizar outras atitudes, não mais ligadas à impulsividade e à ousadia do guerreiro, mas à sutileza de pensamento, à contenção de gestos e aos atos calculados dos estadistas, esta nova moral senhorial chama-se *sofrosine* (σοφροσύνη), auto-controle e auto-conhecimento<sup>30</sup>.

A *areté* era perigosa demais para o equilíbrio tão instável da *polis*. O surgimento da filosofia mostra uma mudança de paradigma na mentalidade antiga; não se trata somente de questionar a cosmologia e os mitos, mas de repensar a condição humana como um todo, valorizando a *pólis*. Daí que o desenvolvimento da filosofia favoreceu incrivelmente um pensamento estruturante para a organização e o fortalecimento das cidades, basta lembrar da *República* de Platão e da *Política* de Aristóteles. Estima-se que por volta do século III AC, esta mudança de pensamento e moral estava consolidada. Por que isto será importante para os cristãos e especialmente para os gnósticos? Porque esta nova moral de contenção e equilíbrio será incrivelmente admirada também pelos romanos que a acreditavam um dom dos deuses, fruto de constantes lutas interiores, conquistada e mantida a duras penas, possível somente

---

<sup>30</sup> Um estado intermediário entre *areté* e *sofrosine* é encontrada no solerte Odisseu. Odisseu, ou Ulisses, é um claro contraste com Aquiles, já que é muito mais ligado aos valores da *pólis* e das virtudes de bem governar: inteligência, sagacidade e paciência.

para poucos. O estoicismo<sup>31</sup> pregava que esta elevação moral só poderia ser conquistada por um seleto grupo de filósofos, e o povo nunca seria capaz de tanta abnegação. Quando os cristãos chegam a Roma, eles tomam para si esta moral e acrescentam a idéia judaica de que proceder contrariamente é contra as leis de IHW<sup>32</sup>, uma ofensa divina, passível de punição eterna. Entregar-se aos instintos, para um estóico, era apenas vergonhoso. Prova de ignorância e fraqueza, nada tinha de pecaminoso, pois os estóicos não acreditavam na vida após a morte<sup>33</sup>, não esperavam recompensas, nem temiam castigos.

Os cristãos passam a pregar e praticar, ostensivamente, essa moral. Isto surpreende alguns intelectuais pagãos; vejamos sobre isto o testemunho daquele que é considerado o maior médico romano, Galeno:

Seu desprezo [dos cristãos] pela morte a cada dia nos é evidente, assim como sua moderação em matéria de coabitação. Pois elas [as comunidades cristãs] se constituem não só de homens, mas também de mulheres que durante toda a vida se abstêm de coabitar; contam-se entre eles indivíduos que, pela autodisciplina e o autocontrole, elevam-se à altura de verdadeiros filósofos (GALENO,2003:122)

Não tarda para que os cristãos, especialmente os bispos, percebam esta admiração e passem a usá-la a seu favor, como Irineu de Lyon, séc III DC, que defendeu os cristãos dizendo: “Não somos nós exemplos de temperança e controle de nossas paixões e medos? Enfrentamos a morte abertamente e demonstramos os escravos, sapateiros e ferreiros as virtudes antes reservadas apenas aos filósofos” (IRINEU DE LYON, 2003:65) Esta nova moral serve como forte marcador de identidade entre os cristãos e serve para angariar-lhes respeito também entre as classes menos favorecidas, pois esta moral rigorosa os destacava em meio aos outros. Atraía-lhes simpatizantes entre filósofos e patrícios e adeptos entre o povo.

No entanto este cristianismo que estava a duras penas se firmando no mundo greco-romano estava longe de ser coeso; especialmente nos primeiros anos, em que a pregação se dava aleatoriamente e não havia nenhum registro escrito. A “boa nova” chegava fragmentada em vários lugares ao longo do império. As igrejas de Antioquia, de Esmirna, de Corinto, de Cesária Augusta e de Alexandria dificilmente receberam a mensagem cristã da mesma maneira e muito menos a assimilaram igualmente. A diversidade era tão grande que cada

---

<sup>31</sup> Doutrina filosófica fundada pelo escravo Zenão de Eléia, derivada de uma corrente socrática menor. Esta filosofia se espalhou fortemente pela classe senhorial romana e teve como membros nomes famosos como o médico Galeno, o senador Sêneca, o orador Cícero e o próprio imperador Marcus Aurélius.

<sup>32</sup> Esta é a transliteração mais comum do *tetragramaton*, as quatro letras hebraicas que formam o nome do deus bíblico. יהוה

<sup>33</sup> Nas palavras de Sêneca, a vida além túmulo era : *Imago poetarum* – ilusão dos poetas ( SENECA 2003: 12).

igreja poderia quase representar um cristianismo diferente, fora as dissensões dentro das igrejas locais. A missão de Paulo foi exatamente a de tentar transformar esta colcha de retalhos em um movimento único, organizado e centralizado no lugar mais conveniente: a capital do império. O desejo de unidade entre os cristãos, tão presente nas cartas de Paulo, foi abraçado pelos cristãos petrinus de Roma. Unificar o pensamento significava “corrigir” os que pensavam diferentemente. Nasce o desejo da ortodoxia. Uma coisa não existe sem a outra, ortodoxia, (*ορθοδοξια*) vem do grego e significa “a opinião/lei correta”, o herege (*ερεσιαρχοσ*) é aquele que escolhe outro pensamento, heresia significa escolha. Dentre as dezenas de heresias do cristianismo inicial, algumas se destacaram, especialmente o arianismo, o docetismo, o ebionismo, o adocionismo e, a mais importante para nós, o gnosticismo.

Gnosis (*γνωσισ*) em grego significa conhecimento. O gnosticismo seria então um movimento fundado sobre o conhecimento, mas qual conhecimento? Não o conhecimento terreno, mas o espiritual. Era isto que traria a salvação. Não a morte de Cristo na cruz, porque diziam que ninguém pode ser salvo pela morte e sofrimento do outro. O sofrimento é um mal, uma indignidade, não deve ser encorajado como método de salvação. Com isto tornavam o sacrifício da cruz desnecessário. O que salva é conhecer a si mesmo através da mensagem do Cristo, o que salva é a mensagem, não o mensageiro. Por isso eles também não aceitavam a ressurreição física. Para eles, isso era uma mera alegoria, uma metáfora da verdadeira ressurreição espiritual que aconteceria quando o neófito alcançasse a gnosis. É um movimento incrivelmente complexo e multifacetado que divergia da nascente ortodoxia em vários pontos. Vejamos alguns dos principais:

O criador do mundo não é um deus bondoso e a queda e o pecado não são culpa da mulher. O evangelho de Maria Madalena diz textualmente “Não existe pecado”. (THE NAG HAMMADI LIBRARY, 1978: 532)<sup>34</sup> A criadora do universo é Sophia, esta sim imensamente sábia e bondosa. Repleta de amor, Sophia criou sua primeira filha: a vida, depois o amor e, por último, para administrar a criação, ela criou o demiurgo, IHWH. Os filhos de Sophia são chamados *eóns*, o deus de Israel é um dos *eóns*, o caçula. Sua mãe o infundiu de energia e ele criou nosso mundo, por isso o mundo é imperfeito, porque é obra de um deus iniciante. Ele passou então a se orgulhar do que havia feito; arrogante, achou que o fizera sozinho e “era até ignorante da própria mãe”( THE NAG HAMMADI LIBRARY, 1978:246). Ele passou então

---

<sup>34</sup> Por se tratar de uma obra anônima e de autoria coletiva, transposta em inglês por uma banca de vários tradutores dos cinco continentes, as citações aos textos gnósticos serão feitas através do nome da publicação, batizada de *The Nag Hammadi Library*.

a criar seres inferiores, imperfeitos: a humanidade. Isto entristeceu sua mãe que se retirou para o mais alto céu. Ele então, com ciúme de sua mãe e sua irmã disse “Eu sou Deus e não há outro além de mim” (THE NAG HAMMADI LIBRARY, 1978:248). Assim diz o *evangelho secreto de João*: “... Ele disse ‘eu sou um deus ciumento, e não há nenhum outro senão eu’. Mas ao anunciar isto indicou a existência de outro deus, pois se não houvesse outro, de quem ele teria ciúme? ...Então a mãe começou a ficar angustiada”. (THE NAG HAMMADI LIBRARY: 352) Outra fonte gnóstica, Justino, diz: “O demiurgo ao se tornar um espírito arrogante, vangloriou-se de todas as coisas que estavam abaixo dele e exclamou: “eu sou o pai e deus e não há ninguém acima de mim”, mas sua mãe, ouvindo-o falar assim, gritou com ele: “ Não minta! *Ialdabaoth*...” (THE NAG HAMMADI LIBRARY)<sup>35</sup> outros textos gnósticos, como a *Hipostáse dos arcontes*, mostram uma discussão entre a mãe, Sophia, a primeira filha Vida (zoe) e o demiurgo, chamado de menininho, *ialdabaoth*, deus cego (ou deus dos cegos) *samael* e burro/tolo, *Saklas*:

Ele se tornou arrogante ao dizer: “sou eu o Deus e não há outro além de mim”... E uma voz surgiu da altura do reino do poder absoluto, dizendo: “Você está errado, Samael”. E ele disse: “Se existe algo além de mim, deixe que apareça para mim!” E Sophia, imediatamente estendeu o dedo e introduziu luz na matéria, e ela o seguiu até a região do caos. Ele disse mais uma vez a seus frutos: “eu sou o deus da totalidade” e Vida, filha da sabedoria, gritou e disse a ele: “Você está errado, Saklas. (THE NAG HAMMADI LIBRARY: 336)

Este é, em resumo, o mito de criação gnóstico. Havia variações, sem dúvida,<sup>36</sup> mas a base do relato era a mesma. Podemos imaginar, apenas pelo gênesis, quão perturbadoras não devem ter sido estas idéias para a ortodoxia nascente. É uma narrativa incrivelmente diferente da tradicional. Primeiro, Deus é mulher, Sophia, a sabedoria, a mãe universal. Segundo, aquele que os cristãos consideravam o deus supremo e pai de Jesus, nem era deus supremo, nem pai de Jesus. O deus de Israel é categoricamente chamado de burro (*saklas*) e aqueles que acreditam nele de cegos –(*samael*, deus dos cegos). Ele é um deus caçula e imperfeito, megalomaniaco, cuja obra-prima, o mundo, foi muito mal feita.

Ao contrário do que possa parecer, os gnósticos não eram separatistas; eles participavam da partilha do pão e acolhiam as viúvas, faziam votos de castidade e até se

---

<sup>35</sup> *Ialdabaoth* tem origem hebraica e significa “vem cá menino!” Ou “menino!” (CONF. THE NAG HAMMADI LIBRARY, 1978: xvi).

<sup>36</sup> Em alguns relatos, por exemplo, Sophia era um ser andrógino, representando a completude, em outro ela não dá a luz a Zoe (vida) e em uma ainda, o demiurgo, IHWH, não é seu filho amado, mas uma tentativa de aborto que deu errado. Vide *The Nag Hammadi library*, 1978.

destacavam na severidade dos costumes. Eles aceitavam que os outros cristãos acreditassem em Ialdabaoth. Achavam que haviam recebido uma revelação especial, diziam que Cristo havia trazido dois tipos de mensagem: uma aberta, universal, daí católica, que seria a ortodoxia romana; e uma outra secreta, esotérica, que ele havia passado apenas para um grupo seleta. Diziam que nem todas as pessoas estavam prontas para a mensagem completa, nem mesmo todos os apóstolos a podiam ouvir. Gostavam de citar as várias vezes em que os apóstolos, especialmente Pedro, têm uma interpretação literal, infantil, das metáforas e parábolas de Cristo.

No início do cristianismo, as principais divergências doutrinárias se davam no tocante à natureza de Jesus: seria ele homem? Deus? Meio homem, meio Deus? Uma hora homem, outra hora Deus? Sempre homem e sempre Deus? Parecia homem, sendo Deus ou parecia Deus, sendo homem? Várias correntes cristãs vão nascer das diferentes respostas a estas perguntas. O problema começou quando uma resposta afirmou que todas as outras estavam erradas e, brandindo a espada, as quis calar. O gnosticismo vai dar sua versão de Jesus, vai dizer que ele não era mais, nem menos, divino que ninguém. Não havia nada nele que as pessoas comuns não pudessem alcançar. Ele não era deus encarnado, apenas alguém que descobriu sua centelha divina, e esta, Sophia havia posto em cada um. Estas idéias soaram incrivelmente orientais para os tradutores. Como nos explica Pagels (2006: 43), em alguns textos, eles substituíram o nome Jesus por Buda, e a idéia encaixou perfeitamente. Isto não é por acaso; sabe-se que os gnósticos eram um grupo incrivelmente sincrético, que bebeu de várias fontes. Não podemos também esquecer que Alexandre Magno chegou até a Índia e que nem o Hinduísmo, nem o Budismo, eram desconhecidos nas terras do império. Os gnósticos tiveram uma forte concentração no Egito, especialmente Alexandria. Ora, Roma era o centro político do império, mas Alexandria superava tanto a capital quanto Atenas em matéria de produção cultural. Não somente por possuir a maior biblioteca de toda a antiguidade, cuja fama não conhecia fronteiras e atraía sábios de todo o mundo, mas também por ser herdeira de um dos mais sábios povos de que se tem notícia<sup>37</sup>, além de ser um dos portos comerciais mais fervilhantes do mundo de então, trazendo gente e manuscritos de vários lugares e culturas. Alexandria era a única cidade da antiguidade a possuir duas das sete maravilhas do mundo. É interessante perceber que Alexandria deu muito mais trabalho para ser catequizada que Roma e que, ao chegar lá, o cristianismo hibridizou-se e tomou uma de suas facetas mais sofisticadas, o gnosticismo.

---

<sup>37</sup> A arquitetura, a medicina, a mumificação e o misticismo egípcio dispensam comentários.

Os gnósticos eram um sério problema para a ortodoxia, porque não usavam argumentos políticos, mas teológicos, e não buscavam o isolamento, mas a integração. Eles acabam se separando porque a ortodoxia os expulsa, não saem por vontade própria; são excluídos, excomungados, e quando se isolam nas montanhas, não é por serem eremitas de vocação, mas para fugir. A ortodoxia tinha medo porque eles eram muito difíceis de se descobrir, não faziam ostentação, nem proselitismo; eram um grupo discreto e escolhiam cuidadosamente a quem revelar seus segredos. Diziam que eram herdeiros dos ensinamentos secretos que Jesus passou a alguns apóstolos escolhidos, especialmente Tiago, Marta e Maria Madalena. Dos três apóstolos dos quais os gnósticos dizem descender, dois são mulheres e, exatamente por isso, não são consideradas apóstolos pela ortodoxia. Madalena era considerada por eles como a mais iluminada dentre os discípulos, porque teve a graça de ser a primeira a ver Jesus ressuscitado e recebeu dele os ensinamentos arcanos. Ela é para eles o modelo de discípula; são muitos os textos gnósticos que a apontam como figura de destaque entre os apóstolos, pois ela os encoraja, ensina e corrige. É ela quem mais faz perguntas ao cristo ressuscitado, tanto que em determinado momento Pedro diz : “Senhor, mandai que Maria se cale para que nós também possamos perguntar” ( THE NAG HAMMADI LIBRARY, 1978:143). Para falarmos mais sobre como os gnósticos viam essa personagem fundamental da história do cristianismo, vamos analisar a principal fonte que temos a este respeito, o evangelho gnóstico de Maria Madalena<sup>38</sup>:

.... “e a matéria será definitivamente [destruída] ou não?” O salvador disse, “ todas as naturezas, todas as formações, todas as criaturas existem em e para umas as outras e retornarão novamente para sua origem. Pois a natureza da matéria só é resolvida quando retorna à sua própria origem. “Quem tiver ouvidos para ouvir que ouça.”

Pedro disse a ele: “Já que tu nos explicaste tudo, diga-nos também isto: o que é o pecado do mundo? “O salvador disse: “O pecado não existe. Sois vós que criais o pecado quando cometeis coisas na natureza do adultério, a que se chama pecado. Por isso o Bem veio até vocês, para a essência de cada natureza, para retorná-la a sua fonte.” Então ele continuou e disse : “ É por isso que vocês [ficam doentes] e morrem , pois [...] daquele que[...] [aquele que] puder entender, que entenda.[A matéria deu origem] a uma paixão sem igual, que proveio de algo contrário à natureza. E então surge um distúrbio em todo o corpo. É por isso que eu vos digo: Tenham ânimo, e se vocês estiverem desanimados, animem-se com a presença da natureza em suas diferentes formas. Quem tiver ouvidos para ouvir, que ouça.

Após dizer estas coisas o abençoado dirigiu-se a todos dizendo: “Que a paz esteja com vocês. Recebam minha paz. Cuidado para que ninguém vos desvie de vosso caminho dizendo:

---

<sup>38</sup> As partes entre colchetes estão rasgadas no manuscrito original e o texto integral é pequeno porque muitas páginas se perderam, entre elas, as seis primeiras.

“Vede aqui” ou “Vede ali”, porque o filho do homem está dentro de vocês. Sigam-no! Aqueles que o procuram o encontrarão. Vão e preguem o evangelho do reino. Não estabeleçam nenhuma lei além daquela que eu já vos deixei e não façam leis como o legislador, para que elas não vos oprimam.” Depois de dizer estas coisas, ele partiu. (THE NAG HAMMADI LIBRARY 1978:524)

Esse evangelho é conhecido através de duas outras fontes, no original grego. Infelizmente ambas estão severamente danificadas e a tradução copta encontrada em Nag Hammadi é a maior versão que hoje se possui. Ele pode ser dividido em três partes: Os ensinamentos de Cristo para todos os apóstolos, a visão de Maria e a discussão entre os apóstolos seguida do final. Embora o evangelho leve apenas o nome de Maria, os estudiosos são quase unânimes em dizer que se trata de Madalena. Pois, caso a Maria mencionada fosse a mãe de Cristo, este parentesco teria sido mencionado ou ao menos levemente aludido durante o texto; além do mais, a julgar por outras fontes da época (como os *Atos dos apóstolos*), a mãe de Cristo era já uma senhora muito querida e respeitada dentro da comunidade cristã; nem mesmo Pedro a trataria com a grosseria demonstrada neste evangelho.

Infelizmente, as primeiras páginas estão rasgadas e pegamos o texto já no meio de um diálogo entre Cristo e seus discípulos. Percebemos que ele é já o Cristo glorioso, ressuscitado e que em breve irá embora. É interessante notar que os gnósticos pouco se interessavam por relatos da Paixão, já que a consideravam inútil. Uns diziam que havia sido um capricho do demiurgo (IHWH), outros que esta havia sido a maneira que Jesus encontrara de enganá-lo. Eles costumavam dizer que havia duas pessoas diferentes: Jesus e o Cristo. Um era sua porção humana, outro sua centelha divina. Na hora da morte na cruz, o Cristo, que era Deus, abandonou Jesus, pois Deus não morre, por isso Jesus exclamou: “Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste”. Estava falando de seu Deus interior, seu *daimon*, nas palavras de Sócrates. (PLATÃO, 2007)

A pergunta na qual nossa versão começa era sobre escatologia, ou seja, o fim dos tempos, algo muito em voga nas comunidades cristãs daquela época; basta observarmos a quantidade de apocalipses produzidos no período. Alguém perguntara se a matéria iria ou não ser destruída; Cristo diz que a matéria voltará a sua origem. Os gnósticos eram helenizados, possuíam um pensamento profundamente platônico e, neste sentido, tinham um grande desprezo pela matéria e pelo corpo. Muitos teólogos chegam a dizer que o desprezo cristão pelo corpo foi fortalecido quando eles tiveram contato com o platonismo dos helenizados. A ortodoxia tentou suprimir os gnósticos, mas eles deixaram sua marca, intensificaram o

pessimismo cristão com relação à matéria, à carne e ao corpo. Para eles, a matéria não pode ser salva tal como está, pois já foi criada má pelo demiurgo mal.

Depois nos deparamos com um marcador de oralidade muito comum nos evangelhos e que prova que este texto está na tradição de Jesus<sup>39</sup> : “quem tiver ouvidos para ouvir que ouça”; encontramos frases assim em várias passagens do novo testamento. Depois disso, ele os tranquiliza com relação ao pecado, dizendo que ele não existe. São as pessoas que o criam quando cometem o mal.

Em seguida há um parágrafo cheio de alusões a outros textos cristãos e que liga este evangelho, definitivamente, à tradição de Cristo. Ele lhes deseja a paz (“Eu vos deixo a paz eu vos dou a minha paz” Jo 14, 27); alerta sobre falsos messias (“Não vos enganeis quando vos disserem o messias está aqui, ou ele está ali” Lc 17: 20-25); mostra a disponibilidade da mensagem (“Procurem e encontrarão, pedi e vos será dado batei e a porta vos será aberta” Mt 7:7); envia os discípulos para pregar (“Ide por todo o mundo pregai o evangelho a toda criatura” Mc 16: 15-16). Por fim, a mais importante admoestação: que não criassem leis e divisões entre si.

Este evangelho é interpretado como uma peça de resistência do movimento gnóstico, contra a perseguição que eles já estavam sofrendo pelas mãos da ortodoxia. Percebemos claramente que Pedro age como um vilão nesta narrativa, duvidando de e magoando Madalena, trazendo a discórdia para a comunidade dos apóstolos. Isto seria uma resposta dos gnósticos contra as perseguições impetradas pelo cristianismo de Roma, simbolizado por Pedro. O conselho enfático de Jesus prepara o leitor para que este goste ainda menos da atitude intolerante que Pedro terá brevemente. Serve ainda para dar um forte argumento a Levi, quando esse repreende Pedro, por descumprir uma ordem dada por Cristo pouco antes.

A cena que nos é descrita parece uma típica narrativa de aparição do Cristo ressuscitado; como não temos o início, não sabemos se os apóstolos reconheceram ou não Jesus imediatamente, em regra eles não o reconhecem, como foi o caso em Emaús (Lc 24:13-35). Depois Jesus responde a algumas perguntas, dá alguns conselhos para os discípulos, dá a ordem para que preguem a todos os povos, o “ide”, e vai embora.

Mas eles estavam tristes. Eles choravam muito dizendo: “Como iremos enfrentar os gentios para pregar o evangelho do filho do homem? Se eles não o pouparam, como nos pouparão? Neste momento Maria levantou-se, saudou a todos e disse a seus irmãos: Não chorem e não

---

<sup>39</sup> “Tradição de Jesus” é uma expressão usada por especialistas para designar as incontáveis narrativas orais que deram origem aos relatos escritos dos evangelhos. Essas narrativas tinham algumas marcas, como frases ou expressões que se repetiam constantemente, como recurso mnemônico. Vide CROSSAN 2004 e 1994.



fiquem tristes, nem sejam temerosos, pois a graça dele estará com vocês em toda a sua plenitude e vos protegerá. Ao invés disso, louvemo-lo por sua grandeza, pois ele nos preparou e nos tornou homens.”<sup>40</sup> Quando Maria disse isso, ela tocou os corações deles e levou-os para o bem e eles começaram a conversar sobre as palavras do salvador.

Pedro disse a Maria: “Irmã, nós sabemos que o senhor te amava mais do que as outras mulheres. Diga-nos as palavras do salvador de que você se lembra daquelas que você sabe, mas nós não, nem as ouvimos”. Maria respondeu e disse: “O que vos foi escondido eu agora vos direi.” (THE NAG HAMMADI LIBRARY, 1978: 525)

Logo em seguida, os apóstolos ficam com medo, confusos, desarticulados, sem saber o que fazer. Esta é exatamente a cena que dá seqüência ao relato. Entra então em cena a personagem que assina o evangelho, Maria. É interessante o fato de que ela aparece como uma pessoa forte, decidida. Quando todos os apóstolos homens estão cabisbaixos e com medo, ela toma a liderança e os conforta. Ela se levanta, fica de pé, para falar. Isso demonstra autoridade, segurança; ela tomou a frente e fez sua voz ser ouvida por todos. O texto diz que ela falou com seus irmãos, dando uma impressão de igualdade, ela não era inferior a nenhum homem ali presente. Enquanto a ortodoxia nascente desejava relegar a mulher ao silêncio, Madalena se põe em uma posição de poder. Falar, ensinar os outros apóstolos, é sinal de sua liderança e prestígio. Ela começa então a confortá-los e diz algo que pode ser um pouco problemático. Falando sobre Cristo, ela diz que ele lhes enviaria sua graça e que eles deviam estar felizes porque Cristo os havia preparado e transformado todos, Maria inclusive, em homens. Ora, o que isto quer dizer? Devemos imaginar o que isto significa na tradição gnóstica. Os gnósticos operavam em duas lógicas: na sua, e na de seu tempo. Apesar de se mostrarem inovadores na re-elaboração do deus judaico, eles também absorveram as idéias de seu meio, o que não exclui a misoginia; assim, a mulher forte seria igual ao homem, o paradigma. É comum enxergar os gnósticos como um grupo libertário, defensor de um cristianismo revolucionário, que dava liberdade às mulheres e permitia tudo o que Roma proibia. Seria anacronismo de nossa parte querer que eles defendessem idéias feministas que só seriam elaboradas mais de um milênio depois. Mesmo a “novidade” que eles trazem com relação a IHWH é apenas um resgate das tradições das deusas<sup>41</sup>. Mais importante do que um

---

<sup>40</sup> O termo aqui utilizado é o copto Prone, em grego o original pode ter sido Andros –Homem ou Anthropo-humanidade, conforme será discutido mais adiante.

<sup>41</sup> Entendo por Tradições das deusas as várias manifestações míticas e cerimoniais atribuídas por vários povos tanto da Europa quanto do oriente próximo, e mesmo na Índia, a um sem número de divindades femininas. Ora benévolas, ora malévolas, estas divindades representam aspectos psicológicos e naturais, ou seja, o mundo interior e exterior de seus devotos. Tais manifestações vão desde a Deusa triforme dos celtas, passando pela Ceres dos romanos, as parcas dos gregos, as valquírias dos nórdicos, a Ishtar dos babilônios até a Kali negra dos

componente misógino na fala de Maria, é sua posição de clara autoridade diante dos outros discípulos. Poder-se-ia argumentar que esta autoridade é conquistada ao preço de sua renúncia à condição de mulher? Por um lado sim, por outro pode-se dizer que ao invés de negada, esta condição é afirmada e até usada para justificar sua liderança - “Por que não é verdade que o salvador a amava mais que aos outros?” ou como diz o Evangelho gnóstico de Felipe:

Eram três [as mulheres] que acompanhavam o [senhor]: Sua mãe, Maria, a irmã dela e Madalena, que é chamada de sua companheira. Com efeito, era Maria sua mãe, sua irmã e sua esposa... E a companheira [do salvador] é Maria Madalena. Cristo a amava mais que a [todos] os discípulos e costumava beijá-la [com frequência] na [boca]. O restante dos discípulos ficava ofendido com isso. Eles lhe disseram: “Por que você a ama mais que a todos nós?... (THE NAG HAMMADI LIBRARY 1978:148-149)

Não vem ao caso indagar se Cristo e Madalena eram marido e mulher, basta sabermos que os gnósticos achavam que sim, e que, para eles, isto fazia muita diferença. Madalena possuía um papel de destaque na tradição gnóstica exatamente por causa de sua proximidade com Jesus, por sua condição de mulher, companheira e confidente dele. Alguns poderão dizer que isto é ainda um papel secundário. Mais uma vez a mulher não tem valor por si mesma, mas por seu papel relacional com o homem; Madalena só é importante por ser a senhora Jesus, primeira dama do reino de Deus. Entretanto, não se pode negar também que, levando isto em consideração, o cristianismo deveria ser um movimento fortemente feminino, pois as duas figuras mais importantes eram mulheres: a esposa e a mãe de Cristo. Pedro, e os homens, viriam em terceiro lugar. Considerando que alguns gnósticos acreditavam na existência de uma filha de Cristo e Madalena, isto desceria a posição dos homens para o quarto lugar na hierarquia, depois da mãe, da esposa e da filha. Não é necessário dizer o quão incômoda esta possibilidade parecia aos cristãos de Roma. Filho das tradições petrina e paulina, o cristianismo romano estava crescendo largamente, ganhando espaço, fama e, lentamente, convertendo os poderosos. Os bispos, sacerdotes e diáconos já se estavam organizando, mais ou menos nos moldes do Estado, derivando não só sua organização, mas até mesmo o nome de suas funções do serviço público (*diákonos*, por exemplo, era servidor público, assim como *episcopus*, do grego *ἐπι σκοπεω*, ou, o que enxerga de cima/ acima).

---

hindus. Jung as interpreta como vários estágios e manifestações da Anima, o aspecto feminino do self. Para maiores detalhes ver JUNG 2005, além de CAMPBELL 2007 e ainda BOGATO 2005 e FRAZER 1993.

A ortodoxia vinha, a duras penas, tentando assegurar sua posição na teia social romana, baseada, entre outras coisas, no patriarcalismo misógino mediterrâneo, compartilhado por gregos, judeus e romanos. As idéias gnósticas apresentavam uma séria ameaça, uma verdadeira subversão. Com base nelas, as mulheres poderiam reivindicar as posições oficiais que lhes eram negadas. O papel a elas reservado não seria simplesmente de auxiliar os homens, mas de liderá-los. Os membros masculinos poderiam descer do primeiro para o quarto lugar na hierarquia e isto era, no mínimo, intolerável.

Obviamente, a reação não tardou a ocorrer; inicialmente eram apenas disputas teológicas, mas, à medida que a ortodoxia ganhava mais poder, a discussão verbal tornou-se perseguição física; tão brutal e eficaz que só tivemos acesso aos textos gnósticos no século XX - mais de um milênio e meio depois. Isto porque os textos foram escondidos, pois não teriam sobrevivido se tivessem sido encontrados. Tão bem ocultados estavam, que poderiam assim ter ficado para sempre, não fosse o acaso de alguns agricultores procurando esterco. As idéias gnósticas ainda fizeram eco em momentos posteriores da história do cristianismo. O caso mais famoso se deu no século XII, com os hereges do Languedoc, no sul da França, os Cátaros. Muitas de suas idéias são de fácil identificação gnóstica, bem como alguns ritos e sacramentos.

Identificar um gnóstico não era fácil para a ortodoxia. Especialmente porque eles não usavam nem faziam nenhum sinal externo que os denunciasse, tampouco possuíam um largo número de adeptos que os delatasse. Descobri-los era um trabalho de investigação sutil ou, infelizmente em muitos casos, simples denúncia anônima seguida de tortura. Sabe-se que em tais circunstâncias o “interrogado” confessava qualquer coisa; há mesmo o caso de um que jurou ser filho de dois macacos. (RIBEIRO JUNIOR, 1989:51) Alguns historiadores consideram a perseguição aos gnósticos, pagãos e outros hereges como o início da Inquisição. (RIBEIRO JUNIOR, 1989 :27)

Continuando com o Evangelho de Maria Madalena, após exortar os apóstolos renovando-lhes o ânimo, Madalena recebe um pedido e um reconhecimento surpreendentes. O próprio Pedro reconhece que Jesus a amava mais que aos outros e que, por isto, Maria possuía um conhecimento que só a ela fora passado. Maria não discorda do que Pedro diz, pelo contrário, começa, solícitamente, a contar a todos o que havia ouvido em segredo. Esse trecho da narrativa mostra a grande dignidade de Madalena, respeitada até por Pedro; no entanto o leitor não sabe como Pedro irá se comportar após ouvir Maria e acredita, de fato, que ele a respeita e quer ouvir. O preâmbulo de Pedro possui a função narrativa de reforçar o poder das palavras de Madalena, que viriam em seguida. São um recurso muito usado nos evangelhos

canônicos. È preciso lembrar, também, que Evangelhos são narrativas de base oral; assim, estes preâmbulos serviam para que os ouvintes aguçassem os ouvidos para uma mensagem importante. Em um texto teriam função semelhante a um trecho em negrito ou sublinhado.

E ela começou a falar para eles estas palavras: “eu”, ela disse “Eu vi o senhor em uma visão e eu disse a ele: “senhor eu hoje te vi em uma visão” Ele respondeu e me disse: “ Bendita sejas tu, porque não acenaste ao me ver, pois onde está a mente, aí está também o coração”. Eu disse a ele : “ Senhor, aquele que vê uma visão, a vê com a alma ou com o espírito?” O salvador me respondeu e disse: “ Nem com a alma, nem com o espírito, mas com a mente que está entre os dois e é ela quem vê a visão e isto é [...] [ as páginas de 11 a 14 foram rasgadas]

[...] isto. E deseja isto, “ Eu não vi você descendo, mas agora eu te vejo subindo. Por que você mente, já que você pertence a mim?” A alma respondeu e disse “ Eu vi você . Você não me viu, nem me reconheceu. Eu servi para você como uma vestimenta, e você não me conheceu”. Depois de dizer isto, foi embora com grande alegria.

Novamente foi até a terceira potência, que é chamada ignorância e a potência questionou a alma dizendo: “Para onde você está indo? Você está presa na fraqueza, mas você está ‘presa, não julgue” e a alma disse “ por que você me julga quando eu nada julguei? Eu estava presa, embora não tenha prendido. Eu não fui reconhecida, mas reconheci que o Todo está sendo dissolvido nas coisas terrestres e celestes.”

Quando a alma venceu a terceira potência, ela subiu e viu a quarta potência, que tomou sete formas. A primeira forma é a escuridão, a segunda o desejo, a terceira ignorância, a quarta é o desejo da morte, a quinta é o reino da carne, a sexta é a sabedoria tola e a sétima é a sabedoria irasciva. Estes são os sete poderes da ira. Eles perguntaram à alma: “De onde tu vens, destruidora de homens ou para onde vais, conquistadora do espaço?” a alma respondeu “Aquilo que me prendia foi destruído, e o que me rodeia foi vencido e meu desejo acabou e minha ignorância morreu. Em um mundo, de outro mundo eu fui solta e de um tipo para um tipo celeste e dos grilhões do esquecimento, que é transitório. De agora em diante eu irei esperar pelo resto do tempo, da estação, da era, em silêncio.” (THE NAG HAMMADI LIBRARY, 1978: 150)

Logo em seguida Madalena começa a contar-lhes sobre uma visão que teve. A visão era uma mensagem recebida diretamente do mundo espiritual. O ápice do ritual de iniciação, ou batismo, gnóstico era quando o (a) neófito entrava em transe e começava a ter visões. Os estudiosos supõem que este transe era induzido por drogas, vapores ou privações alimentícias. (PAGELS, 2006: 241) A pessoa tinha de narrar uma visão, uma revelação particular, isto era sua primeira gnosis, seu primeiro encontro, íntimo e pessoal com a verdade, com Sophia. Somente após esta experiência, os gnósticos o/a aceitavam como membro. O conjunto de crenças gnósticas não era fechado e definido, formando sua própria ortodoxia. Por meio da aceitação das visões, eles aceitavam também as revelações. Isto é, novas verdades de fé

poderiam ser acrescentadas por meio de visões dos membros do grupo, algo inaceitável para a ortodoxia nascente. É interessante observar que o cristianismo romano também aceitava visões, mas não revelações. O que isto quer dizer? Uma experiência mística, pessoal, como a dos monges no deserto, é considerada perfeitamente válida e até louvável. Os monges no deserto podem falar com anjos, desde que eles não digam nada além do que nós já sabemos. Podem receber mensagens de Deus, desde que Deus se repita. O canal entre Deus e a humanidade não se fechou, apenas não pode dizer nada de novo. A ortodoxia considera que a revelação acabou com o último livro escrito pelo último apóstolo; este seria João, morto no exílio, na ilha de Patmos, na Grécia, por volta do ano 100 DC, cujo último livro seria o apocalipse. Em outras palavras, a humanidade pode, sim, falar com Deus, ele só não pode dizer nada de novo. Qualquer “novidade” doutrinária na visão, a transformaria *ipso facto* em heresia. Nenhuma visão particular pode ir contra o ensinamento dos discípulos, nada de novo pode ser revelado, pois a revelação acabou com a morte do último apóstolo. Em suma, Deus pode nos dizer tudo... tudo o que já disse. Mais do mesmo, eterna glossa, uma religião de comentadores. Foucault definiria isto como uma doutrina, dentro da ordem do discurso:

A doutrina tende a difundir-se; e é pela partilha de um só e mesmo conjunto de discursos que indivíduos, tão numerosos quanto se queira imaginar, definem sua pertença recíproca. Aparentemente, a única condição requerida é o reconhecimento das mesmas verdades e a aceitação de certa regra ... A heresia e a ortodoxia não derivam de um exagero fanático dos mecanismos doutrinários, elas lhes pertencem fundamentalmente... A doutrina liga os indivíduos a certo tipo de enunciação e lhes proíbe conseqüentemente, todos os outros; mas ela se serve, em contrapartida, de certos tipos de enunciação para ligar indivíduos entre si e diferenciá-los, por isso mesmo, de todos os outros. A doutrina realiza uma dupla sujeição: dos sujeitos que falam aos discursos e dos discursos ao grupo dos indivíduos que falam. (FOUCAULT 2006: 42-43)

Nada melhor para definir o binômio ortodoxia/heresia e seus jogos de certo/errado. As visões são, portanto, um divisor doutrinário. Tanto a ortodoxia quanto o gnosticismo a aceitam, mas a enxergam de maneira diferente. Uns com grande desconfiança, outros com deslumbramento, ambos afirmando suas identidades.

É por isto que Madalena narra sua visão, não só a primeira, mas uma segunda, muito mais gnóstica e simbólica, que já começamos a ler a partir do meio. Algumas páginas do manuscrito foram arrancadas, por isso já encontramos Madalena imersa em sua narrativa, mas, pelo estilo narrativo, tudo leva a crer que se trata do relato de uma visão ou êxtase. Paulo narra algo semelhante em sua carta aos romanos, quando fala de um homem que foi

arrebatado até o sétimo céu. O mesmo se dá com o narrador do apocalipse, além do fato de que histórias assim se encontram em muitas narrativas do início do cristianismo, como: o *pastor* de Hermas<sup>42</sup> (Séc III DC) e há um sem número de exemplos nas escrituras gnósticas. Este tipo de narrativa influenciou muito da cultura erudita e popular das civilizações cristãs e foi uma das fontes inclusive para *a Divina Comédia* de Dante.

Mas que visão Madalena teve? Trata-se de uma jornada. Jornada por onde? Por um lugar metafísico, espiritual; uma interpretação possível é de que a viagem não foi externa, mas interna. Tudo acontece dentro dela mesma. A alma precisa atravessar uma série de provações para alcançar sua gnosis. Ela precisa vencer quatro inimigos, chamados de potências: escuridão, desejo, ignorância e a quarta. A quarta potência é uma reunião de todas as anteriores acrescidas do desejo da morte, do reino da carne, da sabedoria tola e da sabedoria irasciva. Todos juntos formam os sete poderes da ira. Ora, é evidente que tudo isto é altamente simbólico, a começar da própria jornada.

Estudiosos de mitologia e religiões comparadas criaram, especialmente nos anos 1940-50, influenciados pelo estruturalismo, parâmetros de comparação entre os fenômenos religiosos encontrados entre os mais diversos povos da terra. Um destes estudiosos foi o professor Joseph Campbell, dos EUA, que, com base em seus estudos de *Finnegans Wake*, de James Joyce, cunhou o termo: “monomito”. Trata-se da busca de elementos comuns em todos os mitos presentes em uma amostragem. Algo como os mitemas de Lévy-Strauss, acrescidos de uma forte base Junguiana. O principal monomito que ele encontrou, é o que ele chama de “A jornada do Herói”:

O percurso padrão da aventura mitológica do herói é uma expansão da fórmula representada nos rituais de passagem: separação; iniciação; retorno que podem ser considerados a unidade nuclear do monomito ...Um herói vindo do mundo cotidiano se aventura numa região de prodígios sobrenaturais; ali encontra fabulosas forças e obtém uma vitória decisiva; o herói retorna de sua misteriosa aventura com o poder de trazer benefícios aos seus semelhantes. (CAMPBELL, 2007:36)

É exatamente este o percurso de Madalena, encaixando-se facilmente nos padrões míticos tradicionais; especialmente se comparado com outros mitos do mediterrâneo, como Gilgamesh, Inana, Orfeu ou Osiris. As potências são símbolos dos inimigos do neófito, em

---

<sup>42</sup> Livro apócrifo do século II DC, narra a história de um homem que tem uma série de visões sobre Jesus, a igreja e a vida cristã. Foi uma obra considerada canônica por alguns grupos ortodoxos, mas posteriormente rejeitada. (Conf CROSSAN, 2004: 312).

seu caminho em busca da gnose, nada de mais mítico ou iniciático. Poderíamos resumi-las a três: desejo, ignorância e ira. Desejo simbolizava para os gnósticos, não apenas o sentido sexual, mas também a ânsia por riquezas e poder. A ignorância era a raiz de todo o mal, o contrário de Sophia e da gnosis, que trazem a ressurreição; por isso todo o pecado provém da ignorância. Esta é uma posição helênica, socrática, chamada de idealismo - a crença de que “ninguém pode conhecer o bem e não amá-lo, amá-lo e não segui-lo.” (PLATÃO, 2007) A ira é a última e mais destruidora das potências, pois engloba todos os aspectos anteriores e acrescenta outros, é ela quem cegamente pratica o mal e dissemina o caos, provocando um círculo vicioso que só a fortalece. Ora, tudo isto pode parecer metafísica, sem muitas implicações imediatas, entretanto, é perceptível que todas essas discussões teológicas possuem conseqüências e motivações políticas claras.

Todas as potências simbolizam o principal inimigo que os gnósticos enfrentavam na ocasião: a ortodoxia romana. A primeira potência, desejo, era a rápida secularização, o enriquecimento e a estatização do cristianismo em Roma. O gnóstico acha que Roma não o conhece, a ortodoxia pensa ser a dona do gnosticismo: “...por que você mente, já que você pertence a mim?”, mas o gnóstico conhece a ortodoxia melhor do que ela o conhece: “Eu vi você. Você não me viu, nem me reconheceu. Eu servi para você como uma vestimenta, e você não me reconheceu.”-

Para os gnósticos, a ortodoxia é facilmente comparada à ignorância, pois se o deus hebraico era chamado de cego e tolo (ignorante), *saklas*, quanto mais seus seguidores. Eles são os seguidores ignorantes de um deus ignorante, conhecem uma parte da verdade, se apropriam dela e a usam para perseguir. Neste momento aparece a última e mais perigosa das potências: a ira. A força da perseguição dos primeiros cristãos a tudo o que ameaçasse a ortodoxia criou, graças ao apoio dos imperadores Constantino e Teodósio, o santo ofício; e serviu de base para mais de um milênio de perseguições, condenando e estigmatizando “o outro” em suas várias formas: a mulher, o judeu, o negro, o homossexual etc.

Depois de enfrentar espiritualmente todas estas dificuldades, Madalena tem de lidar com inimigos pouco afeitos a metáforas e especulações metafísicas. A ortodoxia romana, claramente representada em Pedro e André, critica duramente a mensagem gnóstica. André é o primeiro a falar e mostra uma posição mais amigável. Se não favorável, pelo menos não tão truculenta:

Depois de dizer isto, Maria calou-se, pois foi o que o salvador lhe havia falado. Mas André respondeu e disse aos irmãos: “Digam o que vocês quiserem sobre as coisas que ela falou. Eu, pelo

menos, não acredito que o salvador tenha dito isto. Porque certamente estes ensinamentos são idéias estranhas.” Pedro respondeu e falou sobre estas coisas. Ele interrogou os outros sobre o salvador: “Terá ele realmente falado com uma mulher, escondido e sem o nosso conhecimento? Devemos agora todos nos virar para ela e ouvi-la? Terá ele preferido uma mulher a nós?”

Então Maria chorou e disse a Pedro: “Meu irmão Pedro, o que você está pensando? Você acha que eu inventei todas estas coisas em meu coração ou que eu estou mentindo sobre o salvador?” Levi respondeu e disse a Pedro: “ Pedro, você sempre teve pavio curto. Agora eu estou te vendo brigar contra a mulher como os adversários. Mas se o salvador a tornou digna, quem você pensa que é para rejeitá-la? Certamente o salvador a conhece muito bem. Por isso ele a amava mais que a nós. Devemos nos envergonhar e vestir o homem perfeito e adquiri-lo para nós, como ele nos mandou e pregar o evangelho, sem criar nenhuma outra regra ou outra lei além daquela que o salvador disse.” Quando [...] e eles começaram a sair para proclamar e pregar.

O evangelho segundo Maria ( *THE NAG HAMMADI LIBRARY*, 1990 : 524-527)

André não concorda, mas permite que os outros pensem o que quiserem, e isto é fundamental. Ao não acreditar, ele fala somente de si. Discorda das idéias de Madalena, mas não manda que ela se cale, nem questiona sua autoridade.

Pedro é, claramente, o maior inimigo de Madalena no pequeno círculo dos apóstolos. Ninguém melhor do que ele para representar a ortodoxia. Imediatamente após André falar, ele toma a palavra e não poderia ser mais truculento. Sua misoginia é seu principal argumento. É por meio dela que ele tenta desacreditar Madalena. Pedro não consegue aceitar duas coisas: que Cristo tenha dado ensinamentos especiais, secretos a uma mulher; e que, assim sendo, ela teria autoridade e voz no grupo. É interessante observar que Pedro não estranha a existência de ensinamentos ocultos, nem mesmo questiona as idéias levantadas por Maria, como fez André. Seu único problema, e ele deixa isso bem claro, é o fato de Madalena ser mulher. Ele nem menciona a doutrina ou a revelação que ela trouxe, nem liga para o que ela disse, simplesmente não suporta que uma mulher aja com autoridade. Ora, esta cena é absolutamente sintomática do processo que estava ocorrendo com o cristianismo. As mulheres estavam perdendo seu espaço na Igreja devido à grande estatização e aculturamento sofrido pelo movimento de Cristo em Roma. Um processo que estava em franca ascensão apesar da oposição de pequenos grupos dentro da comunidade, como as viúvas, as patronas e as profetizas. Vale lembrar que este evangelho é o único do novo testamento, apócrifo ou canônico, cuja autoria é reputada a uma mulher. É óbvio que Pedro se incomodava com Madalena, estamos diante de uma disputa de poder. Pedro mostra claramente que Madalena e



tudo o que ela representa - os gnósticos, as mulheres, uma outra visão do cristianismo - são uma forte ameaça a tudo o que a comunidade de Roma, por ele representada, tenta construir. Mais perigoso do que o inimigo externo é o inimigo interno, por isso uma virulência tão grande, por isso uma sede tão feroz pela “opinião correta”, a ortodoxia.

Disputas entre Pedro e Madalena ocorrem em outros escritos gnósticos, como em *Pistis Sophia*. Neste, Cristo ressuscitado, bem ao gosto dos gnósticos, está respondendo a perguntas dos discípulos. Ele constantemente pede aos ouvintes que interpretem passagens da Bíblia e Madalena se destaca com vantagem. Ela não só é quem mais pergunta, como é a que melhor responde. Merecendo seguidos elogios de Cristo que a chama de “filha e herdeira da luz... conhecedora dos mistérios” (THE NAG HAMMADI LIBRARY, 1978: 134). Das quarenta e duas perguntas feitas a ele, trinta são dela. Chega um momento em que Pedro, irado, pede que Cristo a mande calar-se para que os outros também possam perguntar. Jesus o repreende e Maria diz: “ Pedro me faz hesitar, tenho medo dele, porque ele odeia a raça das mulheres.”(THE NAG HAMMADI LIBRARY, 1978:137) Trata-se de misoginia motivada por muitos fatores que vão desde o patriarcalismo mediterrâneo até motivações políticas e, mesmo, ciúme e inveja.

Os motivos e modos pelos quais a ortodoxia, ou seja, Pedro, suplantou Madalena e o que ela simbolizava, foram muitos e variados. Alguns já foram brevemente comentados neste capítulo. Mas e quanto aos gnósticos? Qual era sua posição? Choraram e se entristeceram com a atitude de Roma, como Madalena? Provavelmente, mas uma parte do grupo respondia com a mesma virulência aos ataques ortodoxos, basta ver como eles se referem à tradição petrina e suas idéias. No entanto, ao contrário de Pedro que ataca Madalena exclusivamente baseado em misoginia, os gnósticos criticam a ortodoxia usando argumentos teológicos, como suas idéias sobre o demiurgo, Cristo, a redenção e a ressurreição. A crítica *ad hominem* que fazem a Roma é sobre sua ganância e arrogância; no mais, discutem idéias.

É neste ponto que aparece um personagem conciliador: Levy. Ele representaria uma parcela de ambos os lados, Roma e Alexandria, que queria o fim daquela disputa. Sua repreensão a Pedro é direta e incisiva. Ele lembra a todos o temperamento irascivo de Pedro. Isto mostra que o redator(a) deste evangelho conhecia bem a tradição de Cristo, que via Pedro como nervoso e impulsivo. Basta lembrar de episódios como o corte da orelha do soldado romano no Getsêmani (Jo 18:10), a promessa estouvada de morrer por Jesus (Mc 14:29) ou a falta de fé que o fez sair do barco para andar sobre as águas na tempestade (Mt 14:28) para percebermos que Pedro não ponderava seus atos e palavras, prejudicando a si mesmo e a outros. É notória também sua inicial rixa com Paulo, que teve de amolecê-lo e trazê-lo para o

seu lado. É disso que Levy está falando; Pedro está atirando no próprio pé, criando divisões entre os cristãos. Levy diz : “...estou te vendo brigar contra a mulher...”, ou seja, ele não entende o que acabou de ver como uma simples questão pessoal entre Pedro e Madalena, mas como uma ofensa de Pedro à própria mensagem de igualdade de Jesus. Brigar com a mulher, na sua visão, é coisa para os adversários (pagãos, o mundo, a carne, as potências, etc), não para os cristãos, e desafia Pedro: “se o Salvador a tornou digna, quem você pensa que é para rejeitá-la?” Sua pergunta ecoa até hoje. Ele lembra do conselho de Cristo, de que os discípulos não deveriam criar outras leis, além daquelas que o próprio Jesus havia dado, sob pena de serem escravizados por elas. Os gnósticos percebem que é exatamente isto que está acontecendo com Roma e discordam da rígida hierarquia e intolerância doutrinária que percebem em seus irmãos. Ao retomar as palavras de Madalena, Levy lhe reconhece a autoridade e lhe assegura o respeito do grupo , que Pedro havia tentado tirar.

Levy fala que todos deveriam se revestir do “homem perfeito”; alguns podem perceber nessa expressão traços patriarcais, mas como já foi comentado, não podemos cometer o anacronismo de esperar dos gnósticos posições ideológicas posteriores a eles. O tratamento dispensado por Levy à Madalena e a própria representação desta neste evangelho, elevam a mulher a uma dignidade rara de se encontrar na ortodoxia misógina de então. Além disso, sabemos que os textos de Nag-Hammadi são traduções coptas de originais gregos. Em grego, também em sua versão *koiné*, havia uma clara distinção entre *Andros* (Ανερ/ Ανδρως) Homem e *Anthropos*- (Ανθρωπος) humanidade. O problema é que em Copta, dizem os tradutores, (PAGELS, 2006: V) Esta distinção não existe, e a mesma palavra é utilizada para indicar homem e humanidade *Prone* (πρωνη). Assim sendo, alguns tradutores entendem todas as passagens em que os gnósticos falam de “homem perfeito”, “ se revestir do homem perfeito”, “transformar em homem”, etc como uma tradução copta de *Anthropos*, ou seja, humanidade. Dessa maneira, o possível fator misógino nas falas de Madalena e Levy deixam de existir, pois eles estão se referindo a toda a humanidade e não a um sexo em particular.

Duas são as tradições presentes neste Evangelho. Alguns diriam dois cristianismos: A Pedra e a Torre. Pedro foi chamado por Cristo de pedra, sobre a qual ele construiria sua igreja<sup>43</sup>.( Mt 16:18) O nome de Madalena tem duas origens, muitos dizem que viria de sua

---

<sup>43</sup> Trecho fundamental sobre o qual o papa e Roma estabelecem grande parte de sua autoridade e direitos. É uma passagem muito polêmica, pois só se encontra em um evangelista- Mateus- um dos últimos escritos e o mais próximo da tradição Paulina/Petrina. Alguns teólogos e pesquisadores chegam a sugerir que esta passagem, seria uma adição posterior de um escriba, feita exatamente para dar autoridade à ortodoxia nascente. Algo muito semelhante foi feito com relação às mulheres ao se forjar as cartas de I e II Timóteo, justificando posições misóginas adotadas pela ortodoxia. Vide EHRMAN, 2006.

cidade natal, a pequena vila de Magdala, à beira do lago Tiberíades. Outros dizem que ela não poderia ser de Magdala porque a vila de Magdala só iria existir 100 anos depois. Seu nome é interpretado como um título. Assim como Pedro é rebatizado e chamado “a pedra”, Maria é rebatizada como A torre do rebanho מִגְדוֹלֵדֶר *Migdol-eder*, em hebraico e em grego μαγδαλενε. (STARBIRD, 2005: 73-78) Assim como a pedra dá solidez, a torre dá luz, proteção e orientação. Além disso, um título é uma missão, como a torre do rebanho, os gnósticos achavam que Madalena deveria ser para eles uma estrela norte, guia e porto seguro, modelo de discípula e pastora que levaria o rebanho ao aprisco verdejante do bom pastor.

## Capítulo IV: *The Wild Girl*: Michelle Roberts e a recriação de um mito.

Caríssimos irmãos e irmãs em Jesus Cristo. Aqui começa o livro do testemunho de Maria Madalena. Aquela que escreve o faz por obediência ao Senhor e a Maria, sua bendita mãe, para a maior glória de Deus e para a edificação dos discípulos que vierem após ela. Ela deseja que vocês saibam que tudo o que ela escreve aqui é verdadeiro, tal qual ela viveu e se recorda. Ela tem sido, e ainda é, testemunha dessa verdade. Ela pede a quem ler este livro que reze por sua alma. Amém. (Roberts; 1999:11)

Assim se inicia o Romance *The Wild Girl* da autora inglesa contemporânea Michele Roberts. Roberts nasceu na Inglaterra em 1949, filha de pai Inglês anglicano e Mãe francesa católica. Ela diz que sempre se sentiu filha de duas terras e um certo sentimento de identidade nômade se percebe em seus livros. Educada em um convento, quando criança desejava ser freira. Sua educação foi fortemente católica. Ao entrar na universidade, ela declara ter perdido sua fé e abraçado o movimento feminista. Nos anos 1970, sua militância só cresceu e ela tornou-se membro de uma editora para mulheres escritoras. Atualmente é professora universitária na Inglaterra.

*The Wild Girl* narra a versão de Maria Madalena sobre a vida de Cristo. Boa parte da narrativa é em primeira pessoa, pois se trata do relato testemunhal da própria protagonista, um narrador autodiegético. Acompanhamos Madalena, desde sua infância, passando por sua rebeldia contra a misoginia judaica, sua fuga de casa, sua prostituição, seu encontro e relacionamento amoroso com Cristo, sua luta contra Pedro para se tornar uma apóstola e, por fim, seu exílio e exclusão do grupo dos doze. A obra tem muitas influências, mas as principais são: os evangelhos gnósticos de Nag Hammadi, especialmente aquele atribuído à Madalena; as reflexões do movimento feminista, com implicações no campo teológico, e a metaficção historiográfica, vista como ferramenta para problematizar as definições tradicionais de literatura e história.

Começamos então com o preâmbulo. O trecho acima citado abre o romance e, através de uma paródia do estilo bíblico, remete o leitor imediatamente à linguagem das escrituras: “Aqui começa o livro...” Um início assim é típico dos escritos da antiguidade clássica, inclusive os evangelhos, apócrifos ou não: “Livro da origem de Jesus Cristo, filho de Davi, filho de Abraão” (MT 1-1) “Início do evangelho de Jesus Cristo, filho de Deus” (MC 1-1) “Revelação de Jesus Cristo...Jesus a comunicou a seu servo João. Este dá testemunho de que tudo quanto viu é palavra de Deus e testemunho de Jesus Cristo (Apocalipse 1,1:2) “Este é o

testemunho das palavras que o Jesus Vivo falou e que Tomé, seu gêmeo, escreveu” (Evangelho gnóstico de Tomé 1-1). Abrir seu romance como se fosse um evangelho é um recurso ficcional, primeiro de muitos, que Roberts utiliza para aproximar seu texto, parodicamente, de um relato bíblico. Isto é feito para nos trazer à mente o caráter ambíguo dos textos canônicos, ora literários, ora históricos, e questionar as fronteiras entre história e ficção.

A voz narrativa que lemos supõe estar escrevendo não para converter um gentio, mas para fortalecer a fé de alguém que já a recebeu; ao contrário de algumas cartas de Paulo, Madalena escreve para “a edificação dos que vierem após ela”. Os evangelhos , tanto gnósticos quanto canônicos, foram também escritos com este mesmo propósito. Mais do que converter, a intenção era edificar, esclarecer uma fé já recebida :

Muitos tentaram escrever a história dos fatos ocorridos entre nós, assim como nos transmitiram aqueles que, desde o início, foram testemunhas oculares e, depois, se tornaram ministros da palavra. Diante disso, decidi também eu, caríssimo Teófilo, redigir para ti um relato ordenado, depois de ter investigado tudo cuidadosamente desde as origens, para que conheças a solidez dos ensinamentos que recebeste. (Lc 1, 1-4)

Além de dizer que Teófilo já havia recebido a mensagem cristã, Lucas abre uma série de possibilidades muito interessantes, pois já começa admitindo a existência de outros relatos anteriores ao seu e, implicitamente, deseja respeito e autoridade ao texto que escreve, pois o fez “depois de ter investigado tudo desde as origens”. Lucas se quer historiador, o que é compreensível para um médico grego escrevendo para helenos recém convertidos. Nele se percebe o desejo de universalidade presente na cultura grega. O “caríssimo Teófilo” é o amigo de Deus (*θεου φιλος*) podia ser qualquer um. Os outros relatos, especialmente os mais judaizantes, como Mateus e Marcos, começam apresentando a genealogia de Cristo. Não querem provar que são bons pesquisadores. Estão mais preocupados em fazer com que os judeus aceitem Jesus como Messias. Assim, Lucas, um heleno escrevendo para helenizados, mostra duas das características mais marcantes do lógos grego: a universalidade e a objetividade.

Michele Roberts segue outro caminho. Ela deseja subverter a tradição patriarcal e pela primeira vez ouvimos o evangelho pela boca de uma mulher. O início de seu “evangelho”, assim como todo o romance, que nos é apresentado como um evangelho, tem pontos de aproximação e de afastamento das narrativas oficiais. As divergências são sempre feitas com

o objetivo de desestabilizar as pretensas colunas de mármore do cânone, mostrar que a casa construída sobre a pedra (Pedro) pode não ser tão sólida quanto parece. É o que encontramos logo nas primeiras palavras. Madalena se diz testemunha, em grego: μαρτυρία -(martiría), ou seja mártir. Temos aqui um recurso metaficcional, pois ela brinca com o duplo sentido da palavra “testemunha” já que Maria Madalena é, ao mesmo tempo, testemunha e mártir da mensagem que traz. Isto a liga ao próprio Cristo, que também possui este duplo papel, e antecipa para o leitor como há de ser a protagonista da narrativa.

Quando, no início do romance, a narradora afirma que tudo o que ela escrever é verdade, tal qual ela viveu e se recorda, ela se aproxima e se afasta da tradição oficial de Lucas. Aproxima-se ao afirmar que tudo é verdadeiro, mas não apoiada na objetividade racional do pesquisador evangélico, senão em sua própria vida e memória. Neste momento Michele subverte a tradição falologocêntrica, pois dá crédito e *status* de verdade a coisas não previstas no *logos* grego como a memória, mãe da História, e sua vivência pessoal. Sabemos como esses dois aspectos (memória e experiência) são importantes para a construção do saber/fazer feminista.

A narradora Madalena tem um olhar gendrado, de uma mulher excluída por força, mas também por vontade própria. Vítima? Talvez, mas nunca inerte. Ao contrário de Lucas, que se quer imparcial, ela desde o início nos mostra seu lugar de fala. O posicionamento da narradora abre uma brecha na historiografia oficial e permite uma construção ficcional que nos remete a uma “história do possível”. Como se trata de um romance e a voz narrativa não é a de um historiador logólatra, podemos ouvir outras vozes que não estariam presentes em arquivos oficiais. Estas idéias também estão em pleno acordo com a teoria historiográfica pós-moderna, conforme representada em Foucault, Margareth Rago, Keith Jenkins, Hayden White e Tania Swain, entre outros. A atitude de Madalena ao explicitar claramente seu lugar de fala condiz com os pressupostos da teoria e crítica literária feminista que busca uma nova epistemologia, desmascarando as ilusões de imparcialidade e universalidade do conhecimento dito “científico”. Sem dúvida, a filosofia da ciência já há muito questiona estes pressupostos, no entanto, a maioria da comunidade científica internacional só recentemente começou a se indagar mais seriamente sobre as bases em que se assentam seus axiomas.

Michele Roberts escolhe, deliberadamente, como ela mesma diz na dedicatória de sua obra (ROBERTS, 1999: Nota da autora), fundir duas figuras bíblicas em uma só personagem: Maria de Betânia e Maria Madalena. A teologia moderna não mais costuma fazer esta junção. A confusão começou quando o papa Gregório Magno, em um discurso, no século VI d.c, misturou várias mulheres do evangelho em uma só: “Aqueela a quem Lucas chama de mulher

pecadora, a quem João chama de Maria, nós acreditamos ser a Maria da qual sete demônios foram expulsos, de acordo com Marcos. E o que significavam estes sete demônios senão todos os vícios?” (in KEIJSER, 2006: 50). Ele juntou, em uma só mulher, várias figuras femininas menores dos evangelhos: Madalena, Maria de Betânia, a mulher que unge os pés de cristo e a adúltera perdoada. Tal amálgama nunca foi feito pela igreja ortodoxa (do oriente), que sempre as considerou mulheres diferentes. A palavra do papa, entretanto, foi decisiva para o imaginário ocidental, que juntou estas três mulheres em uma só. A piedade popular ergueu, para esta santa compósita, templos belíssimos; e Madalena foi a segunda santa mais venerada da Idade Média, só perdendo em número de igrejas para a Virgem Maria.

Obviamente sua devoção, no início da conversão dos povos europeus ao cristianismo, tinha um forte apelo popular, pois a ligava às antigas imagens das deusas pagãs, como Vênus, Ishtar<sup>44</sup> ou Frída<sup>45</sup>. Suas imagens eram bastante sensuais para a época. Além disso, ela possuía uma vantagem psicológica sobre a Virgem Maria. Madalena era mais humana; a imagem de pecadora arrependida fez com que multidões de fiéis vissem nela uma ponta de esperança, uma possibilidade de salvação, pois se até ela se tornou santa, por que eles não? A Virgem Maria é sobre-humana, inalcançável, o fiel comum a venera, sem dúvida, mas não pode nunca comparar-se a ela, com Madalena se dá o oposto. Michele Roberts decidiu ignorar as recentes descobertas dos teólogos e manter, usando sua licença poética, a Madalena mista. Não que ela não aceite a interpretação de que Madalena é uma figura compósita, mas talvez por isto; em nossa leitura, ela não desmembrou sua personagem porque sem os atributos das outras mulheres que se imiscuíram nela, Madalena perderia carga dramática. Além do que, Roberts decidiu respeitar a tradição popular que consagrara a prostituta arrependida como um dos símbolos mais fortes de feminilidade cristã. (ROBERTS, 1999: Nota da autora)

#### **4. 1 - O INÍCIO DA NARRATIVA**

No início da obra, Madalena ainda vive com sua família em Betânia. A protagonista se mostra, desde pequena, uma menina curiosa e inquieta, com um pendor para idéias e atitudes desencorajadas pela sociedade judaica de então:

Eu cresci na fé judaica, meus pais eram judeus. Esta fé moldou meus desejos e sonhos. Eu esperava, como todos nós, pelo Messias. Entretanto, minha experiência de Deus veio menos de

---

<sup>44</sup> Deusa suméria do amor e da fertilidade, ligada a outras Deusas como Inana, Anahita e Astaroth (Astarté).

<sup>45</sup> Deusa nórdica do amor e da fertilidade, seu dia é sexta-feira (friday).

nossa amada liturgia e orações, em casa e na sinagoga, do que de minhas experiências quando estava sozinha.

Quando eu era criança eu sabia, antes que me contassem, que eu era parte de algo muito maior que eu, apesar de eu não poder expressá-lo ou entendê-lo. ...Eu costumava olhar, sozinha, as estrelas da noite. Ali, na escuridão, sob uma cúpula de sombras, era meu lar, de lá eu viera, para lá eu desejava retornar. (ROBERTS; 1999:14)

Percebe-se que ela não nega suas origens judaicas, mas também não as aceita tal como lhe são passadas. Ela busca por algo diferente, que não sabe bem o que é. Nota-se já, nesse trecho, algumas indicações muito fortes das duas fontes que marcarão toda a obra: O gnosticismo, representado pela experiência pessoal da divindade, e o feminismo, representado pelo resgate das tradições da Deusa. A gnosis, objetivo místico do movimento gnóstico, era uma experiência íntima, não exteriorizada. O ser divino estava dentro do fiel, não fora. É dos gnósticos o termo entusiasmo (Ενθουσιασμος), que significa ter um Deus dentro de si. Não era uma religiosidade com manifestações exteriorizadas. É em Roma que o cristianismo toma a característica das procissões e das manifestações exteriores, com decoração de igrejas, cortejos etc - mais de um milênio depois, esta será uma marca registrada do barroco católico. As exterioridades suntuosas eram típicas dos imperadores e notáveis de Roma que faziam estardalhaço público dos circos e gladiadores, dos shows com animais e escravos de terras distantes. O gnosticismo é muito mais interior e individual que o cristianismo romano e o judaísmo. Este último se quer a religião de um povo escolhido, com uma liturgia e uma experiência religiosa toda voltada para o coletivo. A experiência religiosa de Madalena, desde a infância, é interna, pessoal, secreta.

O segundo ponto é a tradição da Deusa. Madalena busca estruturar sua religiosidade em símbolos tidos como femininos: a noite, a lua, o mistério . Do ponto de vista psicanalítico, são imagens da mãe e do pré-edípico, o lugar de onde ela veio e para onde quer retornar (ventre/túmulo).

Quando minhas regras chegaram e eu me tornei uma mulher aos olhos de minha família, estas visões acabaram. Nada mais de dormir no teto, vendo a noite. Meus olhos tinham de ficar baixos. Meu irmão, Lázaro, foi incentivado a estudar os livros de nossa fê, eu não. Eu aprendi sobre nossa religião pela boca dos homens, Deus foi mediado para mim...Eu fiquei em silêncio, eu preferia meu Deus secreto, o Deus que eu conhecia à noite. Eu era uma judia, sim, e fiquei quieta (ROBERTS; 1999: 15)



O rito de iniciação era a menstruação, a entrada no mundo oficial, em que a mulher deve desempenhar seu único papel: o de reprodutora da espécie. Isto marcou o afastamento do mundo da infância, da religiosidade mais livre que Madalena costumava ter. A lei do pai a afastou da mãe. Seus olhos eram um símbolo de sua nova condição. Era preciso modéstia, discrição, recato. Nada de atitudes ou idéias não permitidas para mulheres. A religião, símbolo de sua liberdade, era agora imposta de fora para dentro. Seu acesso era manipulado, mediado pelos homens, que apresentavam um Deus masculino, patriarcal, irascivo e misógino. Um Deus que parecia preferir Lázaro a ela. Em outra passagem do romance, Lázaro reza uma famosa oração da Torá: “ Obrigado senhor, porque não me fizeste mulher”. Era este o Deus que lhe era imposto. Quanto à divindade que ela sentira na infância, esta calara-se. A deidade secreta, noturna, a abandonara.

O drama da mediação da divindade é o drama da exclusão de Madalena. O divino fornece a autoridade, o dogma, ferramentas de poder que privilegiam o homem. Ao se negar a ela a divindade materna interior, está-lhe negando também um espaço próprio, autônomo na sociedade. Ela não tem nenhuma fonte de poder simbólico que a autorize, que a permita exprimir-se e sentir-se bem consigo mesma. Como não encontra modelos femininos de autoridade, Madalena precisa criá-los ela mesma. Só que ela se sente insegura, tem inicialmente medo de enfrentar a lei do pai. É algo muito semelhante ao que a teórica feminista Susan Gubar chama de “angústia da autoria”:

...a poetisa não experimenta a “angústia da autoria” do mesmo modo que o seu equivalente masculino o faz. Pela simples razão que ela deve enfrentar precursores masculinos que são quase exclusivamente homens e, por isso, diferentes dela. Esses precursores não apenas encarnam a autoridade patriarcal, eles tentam cercá-la com definições sobre ela própria e seu potencial, a qual, reduzindo-a a estereótipos extremos (anjo, monstro) diverge drasticamente com o próprio senso que a mulher tem de si mesma, isto é, sua subjetividade, autonomia e criatividade.... Por isso, a “angústia da influência” que o poeta experimenta é sentida pela poetisa como uma “angústia da autoria” ainda mais primária - um medo radical de que ela não possa criar que por ela nunca ter tido uma “precursora” o ato de escrever irá isolá-la ou destruí-la (GUBAR, 1979: 57).

Madalena tem medo de seguir seu caminho de rebeldia e iluminação interior, mas ao mesmo tempo, não pode suportar a lei do pai. Ela passa por muitas dúvidas e, temporariamente, parece aceitar a submissão que lhe é imposta. Reconhece sua identidade coletiva, pois era isto que reforçava e justificava a apropriação patriarcal que dela era feita:

“Eu era uma judia, sim, e fiquei quieta.”; no entanto, seus olhos não ficariam baixos por muito tempo.

Embora confusa, Madalena foge de casa aos quinze anos, após a morte de sua mãe: “Eu era uma fugitiva . Possuída, habitada por um deus ou um demônio, não sei qual”,(ROBERTS, 1999:19) A morte da mãe é um símbolo de sua transformação em ser autônomo; psicanaliticamente é preciso reprimir a ligação com a mãe, abandonando o pré-simbólico em direção à lei do pai, que a oprime. Isto para se poder criar uma personalidade própria, autônoma, isso se concordarmos com o *script* freudiano.

A idéia de estar possuída por um deus ou um demônio, alude à passagem de Lucas que diz que Madalena foi liberta de sete demônios (Lc 8-2). É interessante notar que aquilo que os cristãos traduziram por demônio, em grego significa simplesmente guia interior, ou consciência, Δαίμων (*dáimon*). Assim Sócrates diz em sua defesa, diante do tribunal em Atenas: “O melhor serviço que podia prestar a minha cidade era seguir a voz de meu *dáimon*” (PLATÃO, 2007: 75) Não poucos exegetas ficaram se perguntando qual seria este “demônio” de Sócrates. Consciência seria uma tradução melhor. Assim também Madalena, ao fugir de casa, era guiada por seu *dáimon*, seu deus interior, sua resistência de mulher às limitações a ela impostas.

Entretanto, toda esta audácia mostrou-se inútil: “eu fugi da autoridade dos homens de minha vila, só para encontrar aquela dos homens da estrada”(ROBERTS, 1999:20). Ela é estuprada por todo um grupo de mercadores que a levam a Alexandria para vendê-la em um bordel. Ao ser violentada e vendida, ela recebe o castigo que o patriarcado aplica a quem ousa desafiar as regras. Mas há uma vantagem nisso tudo. Para ela, não ter mais nada a perder lhe dá uma grande liberdade. “Assim eu fora iniciada no que minha mãe chamava “Os sagrados mistérios da feminilidade”, eu fora brutalizada, mas estava livre” (ROBERTS, 1999:21). A expressão “os sagrados mistérios da feminilidade”, nos remonta às tradições matriarcais de culto às deusas. Estes cultos eram muitas vezes sangrentos, não raro com sacrifícios humanos; por isto a religião patriarcal passou a aceitar somente o sacrifício de animais, para se contrapor à morte ritual de seres humanos realizada pelos cultos às deusas; era uma forma de afirmar uma nova identidade se contrapondo às religiões já existentes, assim como o deus único de Israel só pôde existir em contraponto aos vários deuses dos outros povos do oriente médio.

Além disso, a sexualidade era um fator exuberante e fundador nos cultos à deusa. Uma das cerimônias encontradas por todo o mediterrâneo era a do chamado casamento sagrado ou *hierogamos* (Ἱεροσ Γαμος) , em que a união sexual ritual se dava entre uma sacerdotisa da

deusa e um rei-caçador do povo. Simbolizava a união entre a terra, representada na sacerdotisa da deusa, e o povo, rei-caçador, para gerar a vida. Após a fertilização, o rei era morto ritualisticamente, para ressuscitar depois. Simbolizando o sofrimento do povo no inverno e seu alívio na primavera. (FRAZER:, 1993:144). Assim, os ritos da deusa eram também permeados de dor e de muitos outros elementos sombrios.(CAMPBELL, 2004:56)

Continuando sua trajetória, Madalena torna-se prostituta em Alexandria. É importante lembrar que esta cidade era de grande importância para o movimento gnóstico; além de ser considerada o último bastião, a última trincheira de resistência cultural do mundo mediterrâneo pagão durante a queda do império romano do ocidente. (CONF. BROWN, 1990:142). O marco maior para o início da idade média, do ponto de vista da cultura, é exatamente a queima da Biblioteca de Alexandria e o assassinato de Hipatia<sup>46</sup>. Este último episódio é particularmente sintomático para as mulheres, pois Hipatia foi morta exatamente por ser ousada demais. Deste dia em diante, seu nome passou a ser citado, como mau exemplo, em sermões nas igrejas, feitos para assustar as moças.

Entretanto, a prostituição de Madalena não é uma condição ruim, pelo contrário, ela se torna aprendiz de hetaira. As hetairas eram profissionais do sexo com alta reputação no mundo greco-romano. Possuíam educação, conheciam medicina, praticavam as artes, muitas eram até sacerdotisas. O ambiente em que Madalena passa a viver e circular é muito mais elegante, luxuoso e refinado do que a aldeia miserável na Judéia de onde ela viera. Sua mestra e anfitriã era uma hetaira mais velha, chamada Sybilla. O nome da personagem é inspirado nas sacerdotisas de Apolo; responsáveis pelo oráculo de Delfos, as sibilas tinham o dom da profecia e, sob o efeito de gás vulcânico alucinógeno, forneciam previsões para os devotos do deus sol. As previsões eram famosas por serem ambíguas e tinham um papel importante na vida política, religiosa e social de toda a Grécia. Foi uma sibila quem disse a Sócrates que ele era o homem mais sábio da terra. Assim, Roberts mistura e confronta duas tradições aparentemente antagônicas, o monoteísmo cristão e o politeísmo clássico. Escolhendo mulheres para isto, e não homens, os representantes “oficiais” das duas tradições.

Madalena vive na casa de Sybilla por quatro anos. Neste tempo alfabetiza-se e aprende muito sobre medicina, arte, história, magia e sedução. Ela tem um caso com sua anfitriã, uma relação lésbica que nada tinha de escandalosa e que Madalena enxergava quase como um dever de gratidão, além de uma evolução natural da amizade que tinham. A autora desconstrói não apenas o comportamento heterossexual, normatizado pelo patriarcado, mas também a

---

<sup>46</sup> Hipatia de Alexandria ( +/- 350- 415 DC) Grande filósofa, matemática, professora e inventora. Criticava abertamente as doutrinas misóginas do cristianismo. Foi barbaramente assassinada por cristãos em 415 DC.

noção de que, no passado, as mulheres eram educadas apenas para a heteronormatividade familiar.

Porém, Madalena quis voltar para casa; abandonou a vida confortável que levava e retornou para Betânia, onde continuou a se prostituir, em condições muito diversas das que tinha no Egito, onde ela levava uma vida de luxos e privilégios e era tratada com dignidade e respeito. É neste momento, quando também seu pai havia morrido, que ela tem um encontro transformador, que justificará todo o seu relato. Seu irmão, Lázaro, traz para casa um amigo, um pregador itinerante que ele conhecera numa taverna: Jesus. Madalena se torna sua discípula e amante. Ao entrar para o grupo dos seguidores do novo rabi, ela percebe que não teria problemas de relacionamento com eles, exceto com um: Pedro.

## **4. 2 - PEDRO NO MEIO DO CAMINHO**

### **4. 2. 1 - O Primeiro embate**

No evangelho gnóstico de Maria Madalena, há uma cena sintomática sobre o início do cristianismo. Madalena revela aos outros apóstolos uma visão que tivera e Simão Pedro, representante da ortodoxia romana nascente, a agride verbalmente, conforme visto no capítulo três. É uma cena clara de forte dissensão interna em um movimento que muitos tinham como exemplarmente coeso. Quebra-se um mito. Os cristãos não se amavam como seu mestre ordenara. Os insistentes pedidos de união encontrados nas cartas de Paulo podem ser considerados um sinal de que esta união não existia. E quando veio a existir, se é que algum dia houve, foi por meio de perseguições, censura e morte.

O embate entre Pedro e Madalena é um dos eixos do romance de Michele Roberts. Esta luta é particularmente forte em duas cenas. A primeira acontece pouco depois que Madalena junta-se ao grupo. Uma noite, no acampamento, Cristo a beija na boca, apaixonadamente. Vejamos o que se segue, na voz narrativa de Madalena:

“Por que você a ama mais do que a nós?” Simão Pedro explodiu, seu rosto estava vermelho de raiva. “Você sabe o que ela era. Isto não é certo!”

Jesus Sentou-se e olhou para ele dizendo: “ Por que não perguntar por que eu não te amo da mesma maneira que a ela?”

Simão ficou atônito. “homens não podem expressar amor dessa maneira, é uma abominação, é impuro”.

“Maria me ama completamente, Jesus respondeu, corpo e alma. Nossos beijos demonstram que somos amantes, não só entre nós, mas também com Deus. Nós alimentamos, concebemos e damos

a luz a Deus, cada vez que nos amamos.” Jesus pôs a mão no ombro de Pedro - “Simão, Simão, você precisa aprender a beijar mais.”

“E ser como ela!? Nunca!” Ele gritou. (ROBERTS, 1999: 59)

A pergunta inicial de Pedro é tirada diretamente do evangelho apócrifo de Felipe (THE NAG HAMMADI LIBRARY, 1978:148). No entanto, como se trata de uma recriação, Roberts se apropria da fonte gnóstica e acrescenta o comentário sobre o passado de Madalena como prostituta. Obviamente isto não está nas fontes gnósticas. Mas é condizente com a cena no romance e com a proposta criativa que Roberts abraçou. Revisitar suas fontes com um olhar transformador é uma característica fundamental do dialogismo metaficcional. Não basta apenas parafrasear, é necessário acrescentar, subverter, também nisto reside o trabalho criativo. Se pensarmos na noção Foucaultiana de autor como agrupador de discursos, chegaremos à conclusão de que não há autoria possível. O autor é um compilador, no entanto, é exatamente nisto que está sua contribuição individual: ao amarrar os discursos pré-existentes, ele os modifica. O mesmo faz o leitor ao receber a obra, ele a recria, e mais, é só por meio dele que um texto literário obtém sua ontologia estética. O que Roberts faz é algo semelhante, ela agrupa o discurso do evangelho gnóstico de Felipe com a noção tardia de que Madalena foi prostituta. Como autora e leitora, ela recria as fontes e os discursos por ela selecionados. O resultado ficcional é um personagem Pedro que mostra uma misoginia mais complexa e sofisticada, permitindo um combate melhor a estas idéias pré-concebidas, um dos objetivos do romance em questão.

A resposta de Cristo, no original gnóstico, é exatamente a repetição da pergunta que lhe havia sido feita: “Por que você a ama mais do que a nós? O salvador respondeu e disse, “por que eu não os amo como a ela?”(THE NAG HAMMADI LIBRARY, 1978:148). O que Michele faz é engenhoso porque parece manter a estrutura original do pensamento, porém introduz, insinua, algo que não estava presente na fonte: a homossexualidade. Pedro reage como era de se esperar, vai imediatamente à Torá e cita o livro de Levítico que chama o ato de impuro, abominação. A heterossexualidade compulsória possui fortes raízes bíblicas, tais raízes podem ser explicadas:

Rodeados por nações antigas, superpopulosas e poderosas - assírios, babilônicos, caldeus, hititas egípcios, os hebreus, este pequenino bando de pastores nômades não tinham outro caminho para atingir seu ambicioso projeto civilizatório: fazer filho, fazer muitos filhos, engravidando ao máximo suas mulheres e escravas, a fim de cumprir a promessa feita por Javé ao patriarca Abraão: “multiplicarei a tua posteridade como as estrelas do céu e as areias do mar!” Destarte, o exercício

da sexualidade passou a ter apenas um objetivo: povoar de areias humanas o deserto, procriar novos guerreiros capazes de enfrentar os inimigos violentos, sempre desejosos de subjugar o pequenino Israel, que muitas vezes nada podia fazer além de chamar estes povos e seus deuses de abominações e demônios...A relação homoerótica masculina foi mais perseguida do que os demais atos sexuais não-reprodutivos por uma simples lógica aritmética: são dois semeadores que desperdiçam sua semente, diferentemente de quando um homem se masturba ou tem relações com um animal, ocorrendo a perda de apenas um produtor vital...cada gota de espermatozóide desperdiçado passou a constituir crime de lesa nacionalidade. (MOTT, no prelo: 3-4)

Era portanto, perfeitamente lógico, dentro dos padrões sócio-históricos do povo de Israel, que o livro de Levítico condenasse a homossexualidade como aberração e lhe decretasse pena de morte. O que o Cristo de Roberts vem fazer é questionar esta lógica assassina apresentando uma outra face de Deus. Um Deus complementar, não absoluto, mas relacional. As antigas restrições não faziam mais sentido, era isto o que Pedro não conseguia entender.

Jesus não se aprofunda na discussão sobre Israel, mas busca explicar para Pedro uma outra visão sobre a sexualidade. Ele tenta trazer uma visão que une prazer sexual e elevação espiritual. Esta junção entre espiritualidade e sexualidade, vistas no romance como complementares, ou como a mesma coisa, é antiqüíssima. Pode ser encontrada nos rituais de hierogamos, no tantra indiano, nos hereges Dulcinianos da idade média, nos poemas de Santa Teresa d'Avila e nas seitas *new age* do final do século XX.<sup>47</sup> Não há, entretanto, registros explícitos de que os gnósticos partilhassem dessa opinião. Pelo contrário, sua visão do corpo e da matéria, assim como do sexo, era incrivelmente pessimista. Eram mais pessimistas quanto ao corpo que os judeus ortodoxos.

A influência gnóstica neste ponto era platônica, marcada pelo dualismo característico, assim como suas conseqüências: A hierarquia entre os opostos e a busca pelo monismo. Continuando com a cena:

Eu, então, levantei-me, mas Jesus me sentou e começou a nos instruir: “As pessoas vêem o mundo e não se tornam o mundo. Com vocês, meus discípulos, é diferente. Vocês devem ver o espírito e tornarem-se espírito. Devem ver a mim, o Cristo, e tornarem-se Cristo. Ver a Deus e tornarem-se Deus. Ver a luz, e ser luz. Assim também você, Pedro, você deve ver Maria cheia de Deus e se tornar Maria. (ROBERTS, 1999: 60)

---

<sup>47</sup> Para maiores detalhes acerca deste tema ver BATAILLE, 2004.

Maria parece se exaltar, Cristo a segura, e começa a ensinar. Quando ele instrui os discípulos, fala exatamente como um mestre oriental, como nos textos gnósticos, por meio de paradoxos ou aparentes obviedades “as pessoas vêem uma pedra e não se tornam uma pedra”. Este recurso de dizer aparentes obviedades é uma ferramenta típica dos mestres do oriente, que podemos encontrar nos ensinamentos de Buda, Confúcio, Lao-tzu e, mais recentemente, na poesia de um grande poeta do século XX, de língua árabe, o libanês Gibran Khalil Gibran (GIBRAN, 2001). Consiste em fazer com que o ouvinte pense que o mestre está falando uma bobagem, o que obviamente não se espera de um mestre. Quando menos se espera, o mestre põe um novo elemento e sua mensagem fica mais clara, mais profunda. Este recurso estilístico dá um certo tom “exótico”, oriental, fornece uma certa “cor local” usada por Roberts para ambientar o romance. É, sem dúvida, uma ferramenta narrativa utilizada de modo consciente, o que denota uma atitude metaficcional, uma recriação da tradição. O cristo da tradição ocidental usava o recurso estilístico acima citado, apenas não defendia as mesmas idéias. Nisto está a apropriação e a inovação.

A idéia de juntar masculino e feminino, de unir os opostos, vem da mesma fonte do recurso estilístico: o oriente. Basta lembrar a noção fundadora do Taoísmo (Yin–Yang). No ocidente, os cultos iniciáticos da Hélade e as seitas de mistérios ( como o platonismo órfico, a alquimia e o próprio gnosticismo) usavam exaustivamente esta imagem como símbolo de perfeição. É o objeto da busca do discípulo, o ponto máximo de onde se veio e para onde se deveria retornar, na tradição platônica. É o famoso gêmeo alquímico ou o caduceu de Hermes<sup>48</sup>

---

<sup>48</sup> Mensageiro dos deuses na mitologia grega, responsável também por guiar a alma dos mortos no além-vida, era por isso chamado de guia ou condutor das almas - *Psychopompus*. O caduceu era o instrumento de que ele se utilizava para tal fim.



*Conjunctio*, do livro de anotações de Nicolas Flammel Séc XV DC

Fonte da imagem: [http://altreligion.about.com/library/graphics/bl\\_alchemy.htm](http://altreligion.about.com/library/graphics/bl_alchemy.htm) acesso em 01/08/2007.



Caduceu

Fonte: [http://www.ci.schaumburg.il.us/vos.nsf/e2481b32d10b3b6786256be600778276/58f18a79cfcb5da0862570690061e1e0/\\$FILE/caduceus.jpg](http://www.ci.schaumburg.il.us/vos.nsf/e2481b32d10b3b6786256be600778276/58f18a79cfcb5da0862570690061e1e0/$FILE/caduceus.jpg) acesso em 01/08/2007.

As duas imagens simbolizam idéias muito semelhantes e foram utilizadas por Jung para explicar os conceitos de *animus* e *anima*. As duas cobras são os pólos extremos, que se enroscam, encontram-se e confundem-se, no eixo maior do ser imóvel, a unidade que os liga, o tronco da árvore da vida, o eixo do mundo, o *self* que as mantém juntas. Vale lembrar que esta idéia já se encontra presente nos cultos à deusa, conforme podemos perceber pelas imagens encontradas em escavações ao longo do mediterrâneo. São imagens bastante comuns, da deusa com um guardião duplo, quase sempre serpentes. Às vezes a deusa segura as duas



serpentes em suas mãos, deixando claro seu poder divino. Ela é o eixo do mundo, a guardiã, senhora das serpentes, representa a completude.



Escultura encontrada na ilha de Creta

fonte: [http://altreligion.about.com/library/graphics/bl\\_neolithic3.htm](http://altreligion.about.com/library/graphics/bl_neolithic3.htm) acesso em 01/08/2007.

Retornando ao texto, temos a continuação da cena:

Pedro pôs-se de pé num salto, obviamente ofendido: “Diga à Maria para nos deixar!”, ele disse, “Porque as mulheres não são dignas da vida!”

Todas as mulheres do grupo retesaram-se imediatamente, trespassando-o com os olhos. Ninguém disse nada. Pronto! Acabou! Aquilo que temíamos ouvir fora falado. Tudo o que secretamente temíamos emergiu. A velha acusação com a qual todas nós vivêramos, que tanto nos oprimiu até encontrarmos Jesus. – “Vocês são sujas.” – “Vocês não podem ser sacerdotes”. Eu quis baixar a cabeça, quis sair correndo, quis chorar, mas resisti.

“ Eu mesmo”, Jesus disse, “Eu mesmo vou guiar Madalena para que ela se torne homem, e se torne um espírito vivo, como vocês homens. E também guiarei você, Simão Pedro, para que você se torne mulher, e se torne um espírito vivo, como as mulheres. Porque a fêmea que se fizer macho e o macho que se fizer fêmea, herdarão o reino dos céus.” (ROBERTS, 1999: 61)

Pedro mostra claramente toda a sua misoginia. A fala dele : “Mande Maria se calar por que as mulheres não são dignas da vida” foi retirada *ipsis litteris* de um outro texto gnóstico: *Pistis Sophia* . Nele, Maria mostra-se grande conhecedora dos ensinamentos de Cristo que a elogia diversas vezes. Pedro então, tomado de raiva, pede a Cristo que a mande calar-se para que os outros também possam perguntar. A narrativa de Roberts diz que mesmo indignadas com o que ouviam, as mulheres nada fizeram. Elas achavam que aquele grupo no qual estavam era transformador, libertário e, de repente, são confrontadas com o machismo cru e direto de Pedro. Mesmo assim não reagem. Cabe a pergunta: por quê? Fraqueza? Medo de Simão? O que a teoria feminista teria a dizer sobre esta atitude? Precisamos reavaliar nossas posições, o que chamamos de força ou fraqueza, o fazemos de um ponto de vista patriarcal,

através da ótica, da epistemologia falocêntrica que nos formou. Desde quando silêncio é fraqueza? Desde quando ficar quieto é ser passivo? Quem cala nem sempre consente. Existe resistência também na passividade e o próprio conceito binário de passividade/atividade é problemático. As mulheres calaram-se, mas seus corpos estavam todos retesados, seu sangue fervia e isto também é força. Fica acumulado, ferve primeiro e explode depois. Além do que, Madalena resiste a mostrar atitudes rotuladas como femininas – correr, sair chorando - que só dariam mais razão às palavras de Pedro. Ela lembra que é esta misoginia que impede as mulheres de serem sacerdotes. Na verdade, como vimos no capítulo dois deste trabalho, as mulheres exerceram o sacerdócio livremente no início do cristianismo. O afastamento delas do serviço dos altares foi uma decisão totalmente política, tardia e tendenciosa, motivada pela estatização de um dos ramos do movimento de Cristo.

Em seguida, Cristo passa a ensinar novamente como um mestre gnóstico, repetindo a mesma mensagem de fim do dualismo e voltando sempre ao *topos* do andrógino, da união dos opostos. Esta união leva ao fim da visão dualista; no fim desemboca em um monismo quase spinozano, com laivos de budismo. Obviamente, a negação do dualismo estava já presente no próprio platonismo, que apresentava o mundo como realidade dual e impulsionava o filósofo para que a superasse, para que saísse da caverna e visse o real para além das sombras projetadas na parede. Como gnóstico, filho do platonismo, é isto que o Cristo personagem de Roberts faz.

Ao ouvir isto não pude mais me conter, uma voz cujo nome eu não sabia, sussurrou-me aos ouvidos, inundou minhas veias. Fiquei de pé e me pus a profetizar:

“Vou mostrar-lhes o poder da mulher, eu gritei, o poder de criar e destruir. Pelo portal da mulher nós nascemos, da mãe nós viemos e para ela retornaremos. Chorando e engasgando, como bebês, enquanto voltamos para a morte, a escuridão dela. Nossa vida neste mundo é moldada pela mulher, pela mãe que nos rodeia com seu poder. Se os homens esquecerem de onde eles vêm e para onde irão, ela mostrará sua ira. Ela virá e matará todos os seus filhos. Ela entrará em erupção, causará fome, pragas, seca, inundações e guerras que destruirão toda a criação, seu próprio corpo. Nós morreremos também, porque não a amamos, e ela nos re-alimentará com seu sangue, para que crescamos de novo em seu ventre, alimentados com sua sabedoria, até que possamos renascer. Chegará o dia em que tudo isto virá.” (ROBERTS, 1999:62)

Impulsionada pelas palavras de seu mestre, Madalena libera seus demônios, dá vazão ao seu *dáimon* interior e começa a profetizar. Este trecho é interessante porque nos faz lembrar como era importante a profecia para o cristianismo nascente. Para os gnósticos,

especialmente, como já foi comentado no capítulo anterior, é um sinal de santidade, de contato direto com o divino. Fenômeno que se vê bastante em muitas manifestações neopentecostais da atualidade, tanto católicas (Renovação Carismática Católica) quanto nas mais diversas denominações protestantes (Deus é Amor, Igreja da Graça, Sara Nossa Terra, Universal do Reino de Deus, etc). Madalena assume a posição de poder, fica de pé, e exerce este poder, isto é, fala.

Em sua profecia, percebe-se, na linguagem da análise do discurso, uma matriz de sentido muito forte: a da mãe, começo e fim. Todo o seu discurso revolve em torno disso. É, novamente, uma retomada, feminista, consciente, da figura da Deusa. Como não poderia deixar de ser, ela é retomada em seu duplo aspecto, contraditório e complementar. Aquela que dá a vida e aquela que tira a vida. Do ponto de vista psicanalítico pode-se ver em seu discurso uma representação da fase pré-simbólica, ou melhor, das lembranças dessa fase, que são o único modo que cada um tem para comunicar-se com ela. Representam a mãe como aquilo que Freud chamou de “continente escuro”, numa clara alusão à África, que era, naquele tempo, chamado de o continente desconhecido ou escuro. Em ambos os casos, era necessário colonizar, conquistar, levar a civilização, a lei do pai, o falo e o simbólico ocidental. Para analisarmos mais de perto a deusa de Madalena, convém voltar nosso olhar para uma manifestação hindu da figura Feminina:



Kali Negra

Fonte: <http://www.gangesindia.com/catalog/images/Dsc00532-mkl-black-small.jpg> acesso em 01/008/2007.

A Kali negra é uma divindade indiana que pode, à primeira vista, chocar um observador ocidental. Chocaria ainda mais se lhe fosse dito que a ela eram dadas oferendas de sangue e, em algumas regiões, sacrifícios humanos. O choque transforma-se em espanto,

quando se comunica a este mesmo espectador que ela é uma deusa bondosa, carinhosa, uma das faces da grande mãe hindu. Esta imagem nos remete imediatamente ao discurso de Madalena. Porque a personagem de Michele Roberts resgata o tempo inteiro a figura da Deusa, da Mãe. A Kali negra não tem essa cor para simbolizar o aspecto negativo da morte, mas o mistério da noite e a cor negra da terra profunda, capaz de transformar os elementos a ela confiados. Sobre a origem desta imagem, Joseph Campbell narra a seguinte história:

Numa manhã calma, Ramakrishna percebeu que uma bela mulher saía do Ganges e se aproximava do bosque em que ele meditava. Notou que ela estava prestes a dar a luz. Logo o bebê nasceu e ela cuidou dele ternamente. Pouco depois ela assumiu um aspecto terrível. Pôs o bebê em suas agora terríveis mandíbulas e o esmagou e o mastigou. Engolindo-o, retornou ao Ganges, onde desapareceu. (CAMPBELL 2007: 124)

Após esta revelação, Ramakrishna decidiu representar os dois aspectos da deusa em uma só imagem: nascia Kali. Ela tem uma saia de braços e um colar de cabeças. Os braços mostrando que ela valoriza o trabalho humano, as cabeças são os filho(a)s que ela já devorou. Sua língua fica de fora, está sedenta de sangue. Suas duas mãos superiores representam seu lado destruidor, simbolizado na espada e na cabeça cortada que segura. As mãos inferiores representam seu lado tranqüilizador. A mão inferior direita está fazendo o gesto de “não tema”. A inferior esquerda está oferecendo suas dádivas, os frutos, a água, a vida. Ela é a Deusa de Madalena em seu aspecto duplo. Há outras manifestações que privilegiam apenas o aspecto destruidor da deusa como a obra do pintor holandês Franciscus Johannes Van Den Berg, conhecido como Johfra; o nome do quadro abaixo é exatamente Kali:



Johfra- Kali- 1976- Fonte: <http://www.visionaryrevue.com/webtext2/gal.peri.html> acesso em 01/08/2007.

Esta imagem mostra claramente apenas o lado negativo da Mãe, cuja vagina é uma grande boca devoradora de pessoas. Não há aqui a dualidade presente na imagem indiana, a cena é de terror. O vermelho predomina e sugere o sangue e a dor dos que ela devora. A figura inteira, a começar do rosto de três faces, é uma clara alusão à pictografia medieval do demônio. É, também, uma homenagem de Johfra a mestres medievais como Hieronimus Bosch e Lucas Cranach. O centro absoluto da imagem é o monstro devorador, com uma auréola de fogo. Neste caso, o fogo remete às chamas infernais, não à santidade, como se interpreta na tradição oriental. Enfim, é uma representação do lado destruidor da Mãe. Para a tradição brasileira católica, é algo enriquecedor porque estamos acostumados a ver somente o lado criador, bondoso, da deusa, na imagem da Virgem Maria.

Retornando ao romance, é interessante, do ponto de vista da narrativa, que Roberts tenha escolhido o gênero profético para esta fala de Madalena. Isto dá autoridade à voz narrativa feminina e transforma a mulher em sujeito, não mais objeto das construções verbais do patriarcado. Não que por isto Madalena deixe de ser uma criação verbal. O próprio romance é um jogo, um construto discursivo. O que quer que apareça em um romance, se for representado por letras, é um objeto simbólico expresso de forma verbal. No entanto, as mulheres, nesta passagem do romance, ganham um espaço de fala privilegiado. Falam a partir do divino, são profetisas, mensageiras de um poder superior. A metaficção historiográfica

deseja recontar a história, no entanto, não pode fazer isto do nada. *Ex nihilo, nihil venit*, do nada, nada pode vir, como diziam os escolásticos. Assim, Madalena usa as formas e estruturas já existentes na cultura patriarcal, no caso a profecia, para sabotar o sistema.

É interessante lembrar que sabotagem vem de *sabot* que eram os tamancos usados pelas operárias francesas no século XIX. Quando o patrão não ouvia suas reivindicações, elas colocavam o tamanco dentro da máquina, durante o expediente, e paravam a produção. Logo, é uma ferramenta de luta feminina, desde o princípio. De mulheres inseridas em espaços masculinos e enfraquecendo-os a partir de dentro. A sabotagem de Roberts é feita ao se usar a figuras sagradas de Cristo e Madalena, ao tratar o romance como evangelho e também nesta cena, ao dar o dom da profecia à Madalena. Por quê? Ora, quando as religiões da deusa, chamadas pelos mitólogos de religiões lunares, começam a ser substituídas pelas religiões patriarcais, ditas solares, as antigas sacerdotisas preservam ainda um pouco de seu antigo prestígio. Isto é, as antigas tradições continuam existindo, obviamente, só que com a pecha de negativas, atrasadas. Como Simão Pedro dirá logo em seguida: “As religiões da Deusa são o mal, são sanguinárias”. (ROBERTS, 199:110) Assim, o dom da profecia passa a ser feminino, porque se liga ao lado tido como “noturno” “sombrio”, vale lembrar que para os antigos Gregos o destino era filho da noite e da morte e a profetisa é a voz do destino. Homens não podiam profetizar, se assim o fizessem, seriam como Tirésias, hermafrodita. A profecia, para as mulheres, era mais uma maldição que um dom, conforme exemplificado em Cassandra, irmã de Heitor e filha de Príamo. Sua vidência foi uma maldição de Apolo. O poder da princesa serve apenas para aumentar-lhe a dor, pois não só não impede a destruição de Tróia, seu lar, como faz com que ninguém dê crédito a suas palavras, isto mostra o processo de fragilização da fala da mulher. Neste sentido talvez seja interessante lembrar que Tirésias, mesmo hermafrodita, mas com nome e aparência masculina, era não só crido, mas temido, e Odisseu enfrenta até o Hades para ouvi-lo.

Quando as autoridades da igreja primitiva começam a retirar o poder das mulheres, uma das áreas em que elas eram mais atuantes era na profecia. Mesmo com uma tradição tão feminina, a tradição judaico-cristã registra poucas profetizas oficiais, quase sempre nomes menores. Os dois exemplos mais famosos são a profetisa Ana e a irmã de Moisés. Ana é jogada na sombra, não diz uma palavra porque está acompanhada de um sacerdote e profeta homem, Simeão (Lc 2-36). É ele quem fala. A irmã de Moisés, Maria, é citada apenas uma vez, (Deuteronômio 6-15) *en passant*, nem se compara com um Elias ou um Jeremias. O principal livro profético do novo testamento é atribuído a um homem, João. Exatamente para desconstruir o patriarcalismo presente no gênero profético bíblico. Roberts transforma sua

Madalena não só em apóstola, mas também profetisa. Isto é um gesto literário e político de empoderamento da voz da mulher.

#### 4. 2. 2 - O Segundo Embate com Pedro

Madalena é a primeira testemunha da ressurreição. Ao dar a boa nova aos outros discípulos, ela torna-se apóstola dos apóstolos na tradição ocidental e a igreja do oriente a chama: “aquela cuja santidade iguala a dos apóstolos” (STARBIRD, 2006:64).

Neste momento da narrativa, Michele Roberts re-escreve o evangelho gnóstico de Maria Madalena, analisado no capítulo anterior deste trabalho. A cena é novamente de antagonismo aberto. Um claro cisma na cristandade recém-nascida: de um lado a pedra, do outro, a torre. Assim como no escrito gnóstico, o próprio Pedro pede que Madalena conte o que viu e ouviu. O trecho abaixo narra o que acontece imediatamente após Madalena relatar sua visão, de maneira muito semelhante ao que está descrito no evangelho gnóstico a ela atribuído. A reação de Pedro é furiosa:

...Neste momento eu parei de falar e sentei, pois havia dito tudo o que Jesus me falara... Quando olhei para Simão Pedro senti minha espinha gelar. Ele estava de pé, com um rosto de trovão.

- “Digam o que quiserem, ele disse aos outros homens do local, mas eu não acredito em uma palavra do que ouvi. O salvador nunca pensou estas coisas, e se pensasse, por que nunca nos falou? Quem já ouviu ensinamentos tão ridículos? Maria está delirando, ela inventou tudo.”

-“Por que tanta surpresa? Disse Marta. Todos ouvimos o salvador falar destas coisas antes, isto é só uma continuação. São palavras que ele não pode dizer antes de morrer. Minha irmã não é uma mentirosa, tenho certeza que seu testemunho é honesto, mesmo que não consigamos entender. Simão Pedro relinchou: “Será possível que o salvador iria falar em particular com uma mulher e não abertamente com todos nós? Todos iremos nos voltar para ela e ouvi-la? Será que ele a preferiu a nós?” (ROBERTS, 1999:107).

Este trecho do segundo embate é uma adaptação metaficcional de Roberts, baseada nos trechos finais do evangelho gnóstico de Maria Madalena. É uma estratégia interessante por que temos uma construção ficcional sobre outra construção ficcional, ou seja, o evangelho de Roberts dialogando com o evangelho gnóstico. Isto ecoa a teoria do dialogismo de Bakhtin e a intertextualidade de Kristeva:

A linguagem poética se mostra como um diálogo de textos: Toda seqüência se faz com relação a uma outra, proveniente de um outro *corpus*, de modo que toda seqüência é duplamente orientada:

Na direção da reminiscência (evocação de uma outra escritura) e na direção da soma (a transformação dessa escritura). (KRISTEVA, 1978:120).

É o que percebemos neste trecho do romance de Roberts; ela evoca a cena já presente no evangelho de Madalena e a recria. Entretanto, percebemos que o teor do trecho não se altera, ou seja, o segundo impulso de que fala Kristeva, a transformação, talvez seja, neste trecho, mais fraca que a invocação. Houve outros trechos, como na cena do primeiro embate entre Pedro e Madalena, em que Roberts ousou mais na apropriação e mudança do texto base. Na cena acima citada, uma das mudanças mais significativas que a autora fez foi alterar os personagens presentes. No evangelho gnóstico, não só Pedro, mas também seu irmão, André, questionam Madalena. Marta e Maria, mãe de Jesus, não são sequer mencionadas, presumindo-se que elas não estavam presentes. Tais alterações foram feitas com fins ficcionais. Imaginamos que Roberts não colocou André para que ficasse patente para o leitor o embate, o choque frontal, entre Pedro e Madalena. O personagem Levi, que defende Madalena no evangelho do séc II, é transformado em duas mulheres: Marta e, principalmente, conforme veremos adiante, Maria de Nazaré.

A defesa de Marta é uma intervenção de Roberts, recriando o evangelho gnóstico. Marta, no imaginário cristão ocidental, é normalmente associada ao trabalho, especialmente o doméstico. Faz par com São José operário, no sentido de que um é o padroeiro do trabalho externo e a outra do trabalho caseiro. Obviamente esta classificação apenas reforça a divisão sexual do trabalho em moldes patriarcais. Para os homens, José, o trabalho para fora, social, tanto que seu dia é o dia do trabalho, o estado pára suas atividades em respeito à importância que este ícone tem. E quanto a Marta, seu dia litúrgico é 29/07, não é feriado, quase nem é lembrado. Enquanto o arquétipo do trabalho masculino faz toda a sociedade parar, sua contraparte feminina quase nem é citada.

Na construção ficcional de Roberts, Marta é posta em oposição a Maria de Betânia; fundida com Madalena, ela representa a vida ativa, enquanto sua irmã representaria a vida contemplativa. Isto tem raiz nos evangelhos, quando Cristo visita os irmãos de Betânia. Marta vai para a cozinha preparar a comida para os visitantes e Maria fica na sala, ouvindo Jesus. Marta pede para que Cristo diga a Maria que a ajude e Cristo diz que Maria havia escolhido a melhor parte e esta não lhe seria tirada (Lc 10, 42). A figura das duas irmãs passou a ser tida como antagônica e, paradoxalmente, complementar, no ocidente cristão. Apenas como exemplo, elas são o modelo para a regra de vida da mais importante ordem monástica da



história do cristianismo: os beneditinos, cujo lema é *ora et labora*, reza e trabalha, a síntese das duas irmãs de Betânia.

Marta foi a figura simbólica usada pela igreja para se apropriar do trabalho feminino, pondo-o a seu dispor, mantendo a tradição patriarcal. Basta tomar o exemplo contemporâneo e escandaloso das mulheres na Opus Dei. Elas têm de parar de estudar e não podem trabalhar senão em casa. Vivem como escravas brancas, não ganham salário nenhum, não podem ver suas famílias quando desejam e fazem todos os serviços domésticos das casas da organização, só podem sair para a rua com autorização, em dias e horários previstos e, muitas vezes, precisam estar acompanhadas. Não bastasse a vigilância externa, há também a interna, ideológica. Todas as leituras e opiniões são rigorosamente observadas, as mulheres são obrigadas a confessar o que sabem sobre as outras, a delação de si e das colegas é incentivada. Obviamente tudo isto é mascarado com uma ideologia religiosa ultra-católica. Todas as práticas são justificadas com argumentos que se querem teológicos. Em um lugar como o Opus Dei, quem houvera de ser escolhida como um modelo de vida para estas mulheres cujo trabalho é tão explorado? Marta de Betânia, junto com outras mulheres, obviamente, mas em um papel de destaque, como exemplo de serviçal..<sup>49</sup>

A Marta de Roberts é um trabalho de metaficção historiográfica, uma transgressão feminista de papéis tradicionais destinados às mulheres e desvalorizados na cultura patriarcal. A principal façanha de Marta no romance é executar o milagre da multiplicação dos pães. Roberts recria a cena do sermão da montanha e introduz um ingrediente fundamental: os pães e peixes não foram multiplicados, foram apenas bem administrados por Marta. Um “milagre” de economia doméstica é como ela o define. Ao fazer isto, Roberts quer dar uma nova dignidade à figura de Marta e fazer uma releitura do papel que tradicionalmente lhe é atribuído, como com Madalena. O problema é que mesmo nesta nova concepção, Marta continua ligada ao trabalho doméstico. Ela não rompe com as condições clássicas de subordinação e apropriação de papéis de gênero.

Quando, mais à frente na trama, Marta defende sua irmã Maria, o faz com base em sentimentos de sororidade e mostra coragem, ao enfrentar Pedro. A defesa que Marta faz de Madalena, é mais um exemplo de metaficção e de dialogismo. O que Marta diz pode ser lido como uma resposta não só à fala de Pedro, mas também à de André, no evangelho original. É ele quem tem a humildade de dizer que simplesmente não entendeu o que Maria havia falado, de certo modo, é a ele que Marta está respondendo. É um bom exemplo de dialogismo, pois as

---

<sup>49</sup> Para maiores detalhes sobre estas e outras denúncias contra o Opus Dei, vide: vários autores, *O opus Dei e as mulheres* 2006.

obras estão, literalmente, conversando entre si, mas como um palimpsesto, nas entrelinhas. Ao dizer que os discípulos já haviam ouvido aquelas idéias antes, temos já a Marta de Roberts. As idéias de Cristo em *The Wild Girl*, às vezes, não encontram origem nem nos gnósticos, Roberts não se limita a essas fontes, em seu romance ecoam outras heresias e idéias contemporâneas. Assim sendo, Marta está tendo um diálogo com a própria obra, ou seja, está se referindo às ideias do Cristo intradieético, do Cristo de Roberts, não do cristo canônico, nem do Cristo gnóstico. Como a obra ficcional pode dialogar com obras anteriores, ouvindo-se o eco de várias vozes, pode-se dizer também que Marta está falando delas, das outras fontes não gnósticas, dialogando com elas. Mas não há aqui um diálogo direto com uma fonte específica, como temos no caso em que ela responde a André. É como se Marta estivesse respondendo a uma multidão de vozes. Não convém esquecermos que a voz dela, de Marta, também é múltipla, ela também é um amálgama de vários discursos e isto nos leva a uma formulação teórica da análise discursiva de que os discursos conversam entre si usando enunciadores como meio. Os discursos são anteriores àqueles que os enunciam, não lhes pertencem nem muito menos foram criados por eles. (ORLANDI, 2002:26) Isto nos aproxima da noção foucaultiana de que o autor é um arranjador, um agrupador de discursos. Assim, Marta está dialogando com um agrupamento de discursos posteriormente feitos por Roberts nos ensinamentos do personagem Cristo. A própria personagem Marta é ela mesma um arranjo de discursos feito por Roberts, que seria, assim, uma autora tecelã cujos fios são discursos e o romance seu bordado.

Continuando com a cena, Pedro mantém sua misoginia e a resposta de Madalena é tipicamente gnóstica, ao defender o Deus interior, e feminista, ao defender os direitos das mulheres. Ao replicar, Pedro se mostra ainda mais misógino e usa a condição feminina de Madalena para descreditar suas palavras; diante disso, levanta-se uma autoridade matriarcal: Maria de Nazaré.

Minhas lágrimas rolaram pelo meu rosto

“-Pedro, meu irmão, eu implorei, você acha mesmo que eu estou mentindo? Cada um de nós é um discípulo, uma autoridade. Cada um de nós conhece o deus interior, como o mestre ensinou. Todos recebemos revelações. Ninguém tem o poder de decidir o que é verdadeiro ou não. É o próprio deus quem nos diz isto, o deus que fala de dentro.

“-Você é só uma mulher”, Pedro disse, “sua dor tomou conta de você , suas palavras são desconexas, loucas, não têm crédito.”

... A Mãe do senhor levantou-se e disse, severa como eu nunca a vira antes:

“- Simão Pedro, você sempre foi cabeça-quente e agora eu vejo você discutindo com esta mulher como se você fosse um inimigo de meu filho. Se o Salvador decidiu que ela era digna de seu amor e sua atenção, se foi a ela que ele decidiu aparecer, quem é você para rejeitá-la? Certamente ele a conhece muito bem e por isso a escolheu como mensageira. Deveríamos nos envergonhar de tratá-la assim. Devemos vestir a roupa de verdadeiros discípulos, do homem e da mulher perfeitos, e sair, como ele mandou para pregar o evangelho. Não é da nossa conta criar lei além daquelas que o próprio senhor já nos deu. E a maior de todas foi o amor entre nós”.

Pedro sentou-se, resmungando e contrariado, mas ninguém ousava dizer nada contra aquela santa mulher, tão venerada por nós todos. (ROBERTS, 1999:113)

A mãe de Jesus assume a voz que na fonte gnóstica é de Levi. Obviamente, como já foi comentado, é uma atitude feminista de Roberts dar a uma mulher a fala de maior autoridade da cena. E não a qualquer mulher, mas à grande matriarca do cristianismo. O interessante é que o poder e a autoridade que Roberts confere a Maria de Nazaré, provém de seu filho, mas isto não a deixa subordinada a ele. Ora, na acepção romana tradicional, todos os louvores que a Maria se prestam e tudo o que nela foi feito, imaculada conceição, assunção, coroação, o foi por causa de seu filho. Ela é silenciosa, submissa, não raro invisível. Sua figura idealizada tem sido uma arma simbólica de dominação patriarcal por mais de um milênio. Existe uma clara hierarquia que separa a mãe de seu filho, a favor dele, é claro. Ele é adorado, ela é venerada. Ele sempre, e não ela, é a razão maior de tudo.

Em *The wild girl* é diferente: Maria é respeitada por conta de seu filho, mas não é menor que ele. Como a mensagem gnóstica pregava que todos podiam alcançar o estado de Cristo, não há hierarquia eterna entre eles, ela pode ser tão divina quanto seu filho. Isto, é claro, lhe aumenta a dignidade e a faz encarnar um dos aspectos da deusa a que Madalena tanto se refere, a mãe de amor. O romance foge da iconografia tradicional, não há madonas nele, nem virgens concebendo sem pecado. Maria é uma mulher comum, de meia-idade; não é a imaculada conceição, preservada eternamente de qualquer pecado; é uma mãe que amava seus vários filhos e se torna a mãe do grupo. Quando ela se expressa, nem Simão tem coragem de retrucar. A fala dela é quase que *ipsis literis* à fala final de Levi, no evangelho gnóstico de Maria Madalena. Ela acrescenta apenas que a lei dada por seu filho foi a do amor universal. O que fortalece seu pedido de fraternidade entre os primeiros cristãos. A liderança feminina de Maria de Nazaré é um claro contraste com a liderança masculina de Pedro. Irascivo e preconceituoso, Pedro é o contrário do que um líder deveria ser. Ele precisa impor respeito pelo medo, gritando, brigando. Ao contrário dele, Maria fala em tom normal, não julga nem

acusa ninguém, tranqüiliza os ânimos e reafirma a fé de todos, lembrando-os dos sentimentos e idéias iniciais que os trouxeram até ali.

Do ponto de vista teórico, percebemos ao longo da narrativa, que Roberts defende uma idéia muito cara ao movimento feminista, especialmente dos anos 1970 até meados dos 1980: a Sororidade. Sororidade é um termo que nasce em oposição à fraternidade, isto é, seria a relação de solidariedade entre as mulheres de um determinado grupo ou região, entre si, ou com mulheres de outras comunidades. Estes laços são tidos como fortes e construtores de uma identidade comum. (CONF. RUBIN, 1975) Por sofrerem de problemas semelhantes, as mulheres se unem em uma rede de ajuda mútua quase clandestina, subterrânea, como as benzedeadas no nordeste ou as parteiras em várias regiões do Brasil.<sup>50</sup> As benzedeadas eram perseguidas oficialmente enquanto o catolicismo era a religião estatal; após o Estado permitir a liberdade religiosa, estas mulheres continuaram, e continuam, a sofrer com o preconceito e a discriminação de outros grupos religiosos, notadamente cristãos. Algo muito semelhante se deu com as parteiras, quando o Estado decretou que o que elas faziam era “exercício ilegal da medicina”, chegando a prender algumas praticantes. A proibição foi retirada, mas o preconceito continua. Somente a partir da segunda metade do século XX começa a haver um movimento de revalorização dos saberes dessas mulheres, com base nas reivindicações do movimento feminista e de outros movimentos sociais. A própria academia e a ciência médica (neste caso, a obstetrícia) teve de reconhecer o quanto devia e deve a estas mulheres, o quanto elas aprenderam com elas. E enquanto eles eram doutores, elas eram “foras-da-lei”.

Entretanto, com relação às parteiras e às benzedeadas, percebia-se que elas continuavam resistindo. Elas não deixaram de trabalhar, mesmo sob perseguição, e continuam até hoje, com ou sem preconceito. A teoria feminista, então, tenta explicar fenômenos assim, observados em várias partes do mundo ( desde as comunidades operárias da Inglaterra, até as tribos africanas) com o conceito de sororidade. A solidariedade entre as mulheres permitiu que elas continuassem exercendo suas práticas, porque uma protegia a outra. Eram as mulheres que conheciam e espalhavam quem era a melhor parteira, ou qual erva era boa para as cólicas e mesmo para o aborto. Seu conhecimento coletivo sobreviveu, apesar da ciência oficial, por conta das redes de solidariedade que criaram.

O feminismo, especialmente a partir do final dos anos 1980, começa a questionar alguns usos da idéia de sororidade. A maior reclamação que fazem é que ela serviria para criar uma identidade comum a todas as mulheres do mundo, essencializando e reduzindo as

---

<sup>50</sup> Para maiores detalhes sobre a história de exclusão e a resistência de parteiras e benzedeadas, vide: QUINTANA, 1998 e CAIXETA, 2003.

diversidades em nome de uma unidade sufocante. Como todas tinham uma luta comum, eram irmãs, sóros. A nova geração de feministas não questionava a existência da solidariedade entre grupos de mulheres, pois era algo percebido e vivido em muitas culturas. O que elas não querem é que isto seja usado com fins políticos, nesse caso, a exclusão das alteridades, em nome de uma suposta homogeneidade baseada apenas no gênero:

Por exemplo, quando Betty Friedan chamou as mulheres para se libertarem das tarefas domésticas trabalhando fora, as mulheres negras, que sempre trabalharam sabiam que mesmo se juntando aos homens negros no trabalho, elas ainda seriam discriminadas. Ou quando a teóloga feminista radical Mary Daly falou sobre resgatar a espiritualidade feminina através de rituais à Deusa, a poetisa afro-americana Audre Lord perguntou: “Qual é a cor da sua Deusa?”

(FREEDMAN, 2002: 89)

Roberts não põe estas questões em discussão no trecho que estamos analisando. Seu foco maior é mostrar a solidariedade existente entre as mulheres do primeiro grupo cristão.

Os postulados da metaficção historiográfica nos ajudam a entender melhor a cena em questão, porque Roberts, ao recriar o evangelho gnóstico original, substitui o apóstolo Levi por Maria de Nazaré. A voz masculina dá lugar à voz de uma mulher, que quase nunca tem este poder no cristianismo tradicional. Ao trocar os personagens, Roberts põe a fala mais sensata e respeitada da cena que lhe serviu de base, na boca de uma mulher. Mais ainda, pois por ter a palavra final no texto gnóstico, Levi demonstra autoridade; Roberts transfere esta autoridade para a mãe de Jesus e mostra que, mesmo a contragosto; Pedro teve de se sentar e acatar as palavras de uma mulher. Tal estratégia serve para reforçar os laços de sororidade e enfraquecer ainda mais para o leitor, os argumentos de Pedro.

O confronto de Madalena com Pedro, entretanto, não acaba assim. Caso acabasse, poderia-se até pensar numa possível vitória de Madalena, já que Pedro termina calado e humilhado por Maria de Nazaré. Acontece que, logo após a cena acima analisada, Madalena adormece. Quando ela acorda, Pedro e os outros homens haviam também visto o Cristo ressuscitado. Isto mudava tudo, eles agora podiam se arrogar autoridade, pois eram também testemunhas oculares da ressurreição. É exatamente isto o que acontece. A cena, desta vez, uma completa criação de Roberts, passa-se quando os discípulos estavam decidindo questões internas sobre o funcionamento do novo grupo religioso que fundavam. A voz narrativa ainda é a de Madalena:

[Pedro] “Onze de nós viram o Salvador, e falaram com ele... sugiro que estes onze sejam considerados sacerdotes e guardiões da fé e dos fiéis... o senhor me nomeou sua rocha e disse que nela construiria sua igreja...”

Levantei-me.

-“Há doze aqui que viram o Senhor. Não esqueça de mim, Pedro Também sou testemunha da ressurreição.”

-“Maria”, Pedro me disse, “sua visão do Senhor não foi com os olhos do corpo, mas com o espírito, não foi você mesma quem disse? Não é deste tipo de testemunho que estou falando.”

-“Pedro, eu não quero ter autoridade sobre ninguém. Cada um de nós é a pedra e o pastor, somos testemunhas da ressurreição que se dá dentro de nós. Não deve haver hierarquia em nosso meio...”

(ROBERTS, 1999: 130).

Esta cena é o começo do embate final entre a Pedra e a Torre. Madalena acaba perdendo a discussão. Assim, o sacerdócio e qualquer posição oficial de prestígio e autoridade, é negada às mulheres na nova religião. Obviamente o que Madalena pede não é prestígio, ela não quer ser sacerdotisa por ambição, mas por vocação, tão genuína e legítima quanto a de Pedro. Através da metaficção historiográfica, Roberts recria no microcosmo desta cena mais de 300 anos de debates sobre o papel das mulheres no cristianismo nascente. Os argumentos usados por Pedro e Madalena são, na verdade, os argumentos usados por gnósticos e ortodoxos durante seus debates ao longo de séculos. Poder-se-ia pensar que os dois personagens são, então, “tipos” e os dois grupos cristãos atuam com eles como ventríloquos. Eles seriam apenas títeres que servem para dar voz a suas correntes de pensamento. Algo semelhante ao romance realista do século XIX, ao “romance-tese”, nos moldes de Charles Dickens ou Eça de Queiroz. Esta seria então uma cena-tese e os personagens apenas marionetes que a autora usa para destilar seu ponto de vista? Poderíamos classificar os personagens como estilizados, especialmente Pedro, no entanto não se pode dizer que sejam personagens-tipo, ao gosto realista. A tese a ser defendida nesta cena seria a da injusta exclusão das mulheres do sacerdócio cristão. Sem dúvida essa é uma leitura possível, pois assim como o romance realista do século XIX, a literatura feminista de Roberts também é engajada, também deseja uma transformação social.

Entretanto, a personagem central, no caso Madalena, tem reações bastante estranhas para quem deveria ser um baluarte da força e da audácia feminina enfrentando o poder patriarcal representado em Pedro. Ela chora diante dele; de raiva, sim, mas chora. Não se esperava isso de um símbolo do feminismo. Logo, ela não é uma personagem caricata. Ela se mostra insegura e fraca, não para fragilizar o papel da mulher, mas para dar mais verossimilhança ao personagem. A Madalena de Roberts é uma heroína feminista, sem

dúvida, mas não é uma personagem previsível, psicologicamente rasa. Roberts tenta trabalhá-la por inteiro, para dar-lhe maior complexidade e gerar maior empatia entre sua personagem principal e o público leitor.

Retornando à cena, Pedro já começa chamando para si a liderança do grupo. Lembra a todos de que Cristo o havia nomeado sua rocha, indicando a materialidade e a força de sua missão, e dito que sobre ele construiria sua igreja, indicando a origem divina da institucionalização. Ele usa como argumento para a dignidade de apóstolos a visão que os discípulos homens haviam tido do Cristo ressuscitado, o que os tornava os “guardiões da fé e dos fiéis”. Era este o argumento básico para se reconhecer um apóstolo no cristianismo primitivo (CROSSAN, 2004:61). Tão importante que Paulo, para ser aceito como apóstolo, teve de contar a história da sua visão no caminho de Damasco (At, 9;7-15). Tal visão significava uma graça especial, uma missão particular, exigia um comprometimento maior de quem havia visto. Madalena, então, enfrentando Pedro, lembra-lhe que ela também havia visto o ressuscitado. Pedro então, usa um argumento tipicamente ortodoxo: a visão de Madalena não foi com os olhos do corpo. O que queria dizer isto? Aparentemente Pedro parece amigável e não está negando a visão de Madalena; nas entrelinhas, entretanto, pode-se perceber que seu desejo é o de minar qualquer autoridade que ela pudesse ter devido a sua experiência. Por quê? Porque dizer que ela viu com os olhos da mente era reafirmar um velho estereótipo misógino: mulheres são histéricas e dadas a ver coisas. Seu testemunho, por mais que ela quisesse, não poderia ter crédito. Por trás disto está uma crença de que tudo o que se vê com os olhos é real. Nada mais questionável. Mágicos e ilusionistas têm por profissão mostrar como nossos olhos podem ser falhos, como eles são facilmente enganáveis.

Madalena não se deixa levar por este subterfúgio de Pedro e vai direto ao ponto. O que estava acontecendo era uma disputa de poder e Pedro não tinha o direito de exercer autoridade sobre ninguém. Madalena assume uma posição gnóstica de que o que importa é a ressurreição interior e reafirma o discurso igualitário. A idéia de que não podia haver hierarquia entre os cristãos é um discurso que circulava nos dois lados da disputa, mas pode-se dizer que nenhum deles a praticava. Os gnósticos também tinham seus mestres e iniciados, além do que a própria mensagem gnóstica se acreditava em um patamar superior àquela da ortodoxia. Os gnósticos achavam que tinham um segredo mais profundo e não poucos deles olhavam com desprezo os fiéis ortodoxos. Quanto à Igreja Romana, sua arrogância dispensa comentários; inúmeros exemplos disso foram apresentados ao longo desta dissertação.

Houve então uma confusão, com todos falando ao mesmo tempo. Eu senti que os outros haviam escolhido Pedro como líder, mas continuei:

“Somos todos diferentes e cada um teve uma experiência particular da revelação... Eu fui a primeira pessoa a vê-lo ressuscitado, nem por isso quis ter autoridade sobre ninguém...Eu enfrentei o batismo e a ressurreição em minha alma, por isso eu desejo ser sacerdotisa e batizar os outros, como farão meus irmãos. Certamente todos podemos ser sacerdotes.”

-“ Maria, Maria, como você pode ser sacerdotisa? Sem dúvida nossa nova igreja vai precisar de nossas irmãs, e muito....Existe um lugar para vocês, como sempre houve...”

-“ Por que eu não posso ser sacerdotisa?, eu gritei. Por que eu não posso batizar e partir o pão como vocês farão?”

Seguiu-se um breve silêncio em que eu esperei pelas outras mulheres na sala. Por que elas não diziam nada? Por que elas não exigiam seus direitos de discípulas como os outros?...Talvez as outras não quisessem ser sacerdotisas. Talvez elas tenham entendido alguma coisa que eu não percebi sobre a vocação feminina e não tivessem necessidade do sacerdócio. (ROBERTS, 1999:131)

Neste trecho Madalena sente que vai perder o debate, ela sente que a liderança de Pedro tinha aceitação no grupo, mesmo assim continua e, ainda falando como uma gnóstica expõe claramente sua opinião. O mais interessante é que ela, para reforçar seu argumento de igualdade entre todos, descarta o que seria seu principal trunfo: ela fora a primeira a ver o ressuscitado. Isto a tornava o proto-discípulo, apóstola dos apóstolos. Ela abdica disto abertamente durante o debate. Pode-se pensar que isto foi uma atitude estratégica, um jogo argumentativo, feito apenas para ganhar o debate; no entanto ela parece estar sendo sincera, pois em momento algum ao longo de todo o romance, Madalena utiliza-se, ou sequer se lembra, da primazia que teve na visão do ressuscitado para desejar uma posição superior. É neste momento, na cena, que ela revela pela primeira vez seu maior desejo: o sacerdócio. Baseada na autoridade da revelação interior gnóstica e no discurso da igualdade.

Pedro quer se mostrar conciliador, mas percebe-se que ele está se enervando aos poucos. Ele usa o clássico discurso patriarcal de que o trabalho das mulheres é importante, desde que em seu devido lugar. Em seu discurso podem ser identificados mecanismos naturalizadores das desigualdades do sistema sexo-gênero; é um claro exemplo da ideologia patriarcal que constrói a imagem da mulher como um ser frágil para fins políticos de manipulação e controle. Sua intenção é camuflar a injustiça em argumentos de que os papéis não são melhores ou piores, apenas diferentes. Exatamente o que ele dirá pouco depois. Destarte, nega-se o mal no campo ideológico para perpetuá-lo na realidade. Ao negar a discriminação contra as mulheres, Pedro apenas a afirma ainda mais. Haverá um lugar para



elas “como sempre houve”, ou seja, nada vai mudar. A igualdade que Madalena queria para hoje, a ortodoxia adia para amanhã. Todos são iguais em teoria, na prática, uns mais iguais que os outros. A cada um o seu papel, como estava antes. Igualdade e liberdade plenas ficam apenas para o reino de Deus, após a morte. Os cristãos primitivos diziam que não havia mais escravos nem senhores, mas não eram abolicionistas. Não consta que tenham formado sociedades pela libertação dos escravos ou que os comprassem para depois libertá-los. Poderiam ter exigido que todos os recém convertidos libertassem os seus escravos, como prova de sua fé, mas nada disso foi feito. O fim das distinções sociais tornou-se mera retórica em uma igreja secularizada, estatal e hierárquica. É o que Pedro, nas entrelinhas, está querendo fazer com as mulheres.

Madalena em seguida demonstra força, pois grita de raiva. Entretanto, o que poderia ser bom torna-se ruim, pois ao gritar, enfrentando Pedro, ela perde crédito com os outros apóstolos. Ela mostra descontrole. Isto era algo que o código social do mediterrâneo aceitava em um homem, nunca em uma mulher. Esse código, como já foi falado em um capítulo anterior, possuía divisões de gênero bem marcadas; um homem como Pedro podia se exaltar e gritar, era sinal de força, de pulso firme. Se uma mulher fizesse a mesma coisa, era histeria. Madalena, para este código, é uma ameaça, é uma mulher que quer um papel público, de sacerdotisa. Ser uma mulher no espaço público a torna uma mulher pública, ou seja, de todos. Para enfrentar este código misógino, Madalena apela para a sororidade. Ela busca o apoio das outras mulheres da sala, mas tudo é vão. Ao se ver sozinha, ela sente a força de Pedro crescer e começa a pensar que talvez esteja errada. Mas por que o elo de solidariedade entre as mulheres do grupo falhou em um momento crucial como este? Elas já haviam se apoiado antes, por que se calavam agora? Madalena não responde, nem Roberts. Seria esta uma forma ficcional de dizer que as mulheres cristãs aceitaram o patriarcalismo que lhes foi imposto? Mas sabemos que não foi assim, houve resistência, e muita. As mulheres na sala podem ter se calado, mas isso não quer dizer que aceitavam as ordens de Pedro. As motivações do silenciamento das mulheres e suas conseqüências são inúmeras e complexas.

Este, entretanto, é o combate final e, ao fim, foi a ortodoxia quem venceu. Mas, a seu modo, as mulheres nunca ficaram caladas. Ao longo da história do cristianismo elas se mostraram sacerdotisas, mesmo sem o sacramento. Hildegard Von Bigen<sup>51</sup>, Joana D’Arc<sup>52</sup>,

---

<sup>51</sup> Grande mística alemã, religiosa professa, abadessa, compositora e poetisa do século X.

<sup>52</sup> Grande líder mística e nacionalista francesa ajudou seu país a vencer a guerra dos 100 anos contra os ingleses, padroeira da França.

Catarina de Sena<sup>53</sup>, Teresa de Jesus<sup>54</sup>, Sórora Juana Inés De La Cruz<sup>55</sup>, até os dias de hoje com a Irmã Dorothy Stang<sup>56</sup>, assassinada há pouco, quantas delas não exerceram o sacerdócio de fato? O sacerdócio verdadeiro, de sangue e coragem. Mostraram-se *alter christus super terram*, outro cristo sobre a terra, definição máxima de um sacerdote cristão. Ofereceram seu corpo e sangue, como Cristo, fizeram-se vítimas sacrificais em nome de seu povo e sua fé. São muitas, entre lembradas e esquecidas; nas palavras do livro de Apocalipse, elas são a procissão do cordeiro, cujo número e beleza só ele conhece. Assim, nunca houve submissão absoluta das mulheres cristãs ao patriarcado que lhes era imposto. Sempre houve algum tipo de resistência, não raro heróica.

“Maria”, Pedro disse, “ouça! Antes de tudo nós conhecemos Jesus como homem...agora, depois de sua ressurreição, ele é Deus. O fato é que o verbo se tornou carne masculina, Deus nasceu masculino...é simples assim. Vocês, irmãs, têm um papel diferente, não menor, apenas diferente.”

“ E a imagem do homem, masculina, não foi posta na cruz para morrer? O pai somente é incompleto, nossa teologia e nossa prática devem incluir o sagrado feminino, senão, como conheceremos Deus inteiramente?”

Neste momento eu não pude mais me controlar e comecei a chorar.

“Entre discípulos”, Pedro disse, “não há mais macho ou fêmea. Aos olhos de Deus, somos todos iguais: Homem ou mulher, servo ou senhor...Entretanto vivemos em um mundo corrupto, mal, que explora e abusa das mulheres. Não podemos deixar que nossas irmãs viajem longas distâncias e se exponham a esses perigos.”

“ Se fôssemos sacerdotes nossa posição nos daria respeito e ajudaria a nos proteger” eu disse, entre lágrimas. (ROBERTS, 1999:133)

Pedro tenta se mostrar calmo e explicar para Madalena, por que as mulheres não podem ser sacerdotes. Seu argumento é um dos principais usados, na época, pela ortodoxia para justificar a exclusão: Deus se fez homem, não mulher. Sim, mas Deus também se fez judeu, homem-livre e nazareno, assim apenas os judeus, não-escravos e de Nazaré deveriam ser sacerdotes. Se gentios ou escravos podiam ser sacerdotes, por que as mulheres não?

---

<sup>53</sup> Grande mística e taumaturga Italiana do século XIV, Religiosa dominicana secular, enfrentou o imperador Frederico barba-Ruiva e ajudou o papa a retornar a Roma, encerrando exílio de Avinhon. Analfabeta, ditou cartas e diálogos místicos com Deus, primeira mulher a receber o título de doutora da igreja.

<sup>54</sup> Uma dos maiores nomes da poesia mística mundial, grande mística e taumaturga espanhola do século XVI, fundadora das carmelitas descalças, mãe de uma nova espiritualidade, visionária e reformadora enfrentou e venceu a inquisição, doutora da igreja.

<sup>55</sup> Religiosa professora mexicana do século XVI, grande compositora, intelectual, poetisa e dramaturga. Suas posições ousadas lhe valeram a perseguição de seus superiores.

<sup>56</sup> Religiosa missionária estadunidense ligada à teologia da libertação, foi friamente assassinada em Anapu, estado do Pará, em 12/02/2005, por defender os seringueiros e populações carentes contra os grandes senhores de terra da região.

A igreja hoje percebe que este não é um argumento muito bom e se apóia em outro (conforme vimos no capítulo II desta dissertação), o de que Jesus só escolheu homens para seu ministério. Sabemos que isto é altamente questionável. As fontes históricas para esta afirmação não são unânimes e as pesquisas recentes mostram algo diferente do que Roma gostaria de ver. Após apresentar seu argumento, Pedro busca mais uma vez um mascaramento da discriminação por meio de sua negação. Ele nega que o papel das mulheres seja inferior, alega serem apenas diferentes, mas estava evidente que elas deveriam continuar como serviçais de seus maridos e filhos; ele queria, portanto, reproduzir no novo grupo a mesma estrutura da sociedade exterior.

Madalena reage como uma gnóstica e apela para um sagrado dual e complementar; ela quer a inclusão do feminino, pois ter apenas um dos pólos é ter um Deus incompleto. Ela usa uma metáfora muito preciosa para os gnósticos, a de que a imagem do homem foi posta para morrer na cruz. A interpretação é de que quando Cristo morre na cruz ele está destruindo a imagem patriarcal, o poder absolutista do masculino. Como não vê possibilidade de vitória, ela começa a chorar. Seu choro pode provocar várias interpretações nos outros à sua volta. Pode ser ruim, pois pensariam que é histérica, descontrolada, e passa da raiva para o choro em um instante; isto reforça o estereótipo apresentado por Pedro. Mas pode ser algo positivo, pois ao chorar ela estaria aceitando, ou ao menos fingindo aceitar, um papel feminino e se encaixando mais nos padrões esperados de uma mulher, o que ganharia um pouco da simpatia dos outros apóstolos. Como ninguém se apresenta para defendê-la, a primeira opção parece ter vencido.

A fala de Pedro em seguida é uma colagem de vários escritores cristãos dos primeiros séculos. Ouve-se a carta de São Paulo aos gálatas (GL 3-28) “Não há mais homem nem mulher, judeu nem grego, servo nem senhor, pois todos somos um só em Cristo Jesus”. Uma retomada do discurso de igualdade, manipulado para um fim simetricamente oposto. O patriarcalismo aparece em seguida, disfarçado de preocupação paternal. É bom lembrar que é comum se notar nos primeiros cristãos um desprezo pelo que eles chamavam de “mundo”: os prazeres, o corpo, o poder, etc. Ora, se o mundo não lhes seduzia com suas tentações, tampouco os ameaçava com seus perigos. Viajavam destemidamente por estradas repletas de bandidos e cruzavam várias vezes mares tempestuosos, misturavam-se a doentes de peste e em nenhum momento temiam a morte ou o mal do corpo. Pelo contrário, caso viessem a morrer, o que não poucos desejavam, seriam mártires. O próprio Paulo se orgulha de tudo o que sofreu pelo evangelho (2 Tim , 6-18). Por que então, de repente, todo esse zelo com a segurança das mulheres? Se eles desprezavam tanto assim o mundo, por que essa precaução

tão mundana? Porque não é zelo, mas sexismo disfarçado. É exatamente este o argumento usado pela patrística peri-Niceana<sup>57</sup> para justificar a exclusão das mulheres do sacerdócio e do serviço missionário. Obviamente isto não se justifica, pois inúmeras são as missionárias cristãs que foram e vão aos quatro cantos da terra enfrentando toda sorte de perigos. A igreja romana atualmente não utiliza mais este argumento para negar a ordenação sacerdotal às mulheres. Continuar usando-o seria acumular uma ofensa sobre outra, uma dupla injustiça. Pois além de negar-lhes a dignidade sacerdotal, estaria desmerecendo o trabalho de um sem número de irmãs de caridade que arriscam suas vidas em guerras civis na África, em acampamentos de empestados, enfrentando coronéis e toda sorte de “poderosos”. Principalmente nas regiões mais pobres ou mais perigosas. Sabe-se, por experiência que, ao menos no Brasil, o número de freiras e consagradas é bem maior que o de padres ordenados<sup>58</sup>. Madalena desmente o argumento de Pedro dizendo que o *status* de sacerdotisas protegeria as mulheres de abusos. Não que isto as imunizasse, lembremos que não serviu tanto para os homens, mas sem dúvida poderia ajudar.

Pedro começou a ficar vermelho e a fechar os pulsos de raiva.

‘Você, Maria, mais que ninguém conhece os perigos que assolam as mulheres que se aventuram pelas estradas...Você acha que tem condições de receber o sacerdócio? O seu passado em Alexandria a condena. Você se envolveu em toda sorte de prática pagã, entregou seu corpo a todas as formas de abominação...você diz que se converteu, mas ao invés de nos relatar as palavras do Senhor você nos apresentou um conto de fadas pagão<sup>59</sup>.Para mim você se abre para os demônios e se porta como uma bruxa. Você quer manchar nossa missão com a nódoa da bruxaria? Do paganismo? É a chance perfeita para nossos inimigos nos acusarem de práticas demoníacas...’

-“ O que você quer dizer, Pedro, é que porque eu escolhi viver e amar livremente eu ameaço seus planos a respeito das mulheres da congregação. Você acha que se eu não for virgem ou esposa não há lugar para mim no grupo. Você me chama de bruxa, mas quer dizer puta, mulher livre.”

-“ Maria, Maria, não exagere, estou apenas dizendo que você não está qualificada para o sacerdócio”

-“ E as outras mulheres que estão aqui?”

---

<sup>57</sup> Referente aos grandes teólogos do cristianismo que viveram durante, logo antes ou logo após o concílio de Nicéia 325 D.C, entre eles Santo Agostinho, São Jerônimo, São Basílio Magno, Santo Irineu de Lyon, Orígenes, São João Crisóstomo e outros.

<sup>58</sup> O Brasil possuía, em 2006, 18.685 padres e 35.732 freiras. Apesar do número muito maior as disparidades são evidentes e a favor dos homens: “85% dos padres têm curso superior completo,entre as freiras este número cai para 38,8%, sendo que 20% delas não passaram do ensino fundamental”. Conforme reportagens publicadas nos jornais O Globo e Folha de São Paulo disponíveis em: <http://oglobo.globo.com/sp/papa/mat/2007/05/08/295670546.asp> ; <http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u78379.shtml> e <http://oglobo.globo.com/pais/mat/2007/03/14/294922799.asp>. Acesso em 08/07/2007

<sup>59</sup> Pedro está se referindo aos ensinamentos gnósticos do Evangelho de Maria, que Madalena transmite aos discípulos logo após encontrar-se com cristo ressuscitado.

-“ Também não, a vocação delas, como a sua, é diferente.”

Eu me sentei, a raiva era tanta que eu não conseguia nem chorar.. (ROBERTS, 1999:133)

Pedro então começa a mostrar seu comportamento característico, especialmente quando desafiam sua autoridade: a ira. Ele derruba as máscaras que vinha usando e faz um ataque direto, *ad hominem* (no caso *ad feminam*), a Madalena. Quais são as matrizes discursivas de sua fala? Abominação, paganismo, bruxaria, nódoa, prática demoníaca-para ele, estas palavras partilham do mesmo *locus* semântico. Ele as relaciona entre si e as correlaciona com Madalena, contrapondo-as à missão cristã, que não pode sujar-se com tais “práticas demoníacas”. Novamente esconde seu machismo atrás de seu zelo, neste caso, o bem do grupo. Ele teme ter que dar o sacerdócio às mulheres os ligaria aos pagãos, possuidores de sacerdotisas e deusas. Isto daria mais um forte argumento aos judeus para desprezá-los e perseguí-los. Tal matriz discursiva, “o bem comum”, será brevemente retomada por ele.

Pedro mostra todo o preconceito existente na patrística ao colocar liberdade feminina, liberdade sexual e práticas religiosas não judaicas no mesmo nível de “abominação” e “práticas demoníacas”. Ele pratica uma satanização do outro, do diferente, do não-eu, taxando de sujo e demoníaco, tudo o que não está de acordo com os seus preceitos culturais. Isto mostra a contradição presente no cristianismo, pois a religião que pregava a igualdade e o amor universal pensava e agia de maneira intolerante e dogmática.

A resposta que Pedro escuta vem de uma Madalena não arrependida. Longe de ser a imagem que a ortodoxia criou, a Madalena de Roberts assume todo o seu passado e não se envergonha dele. Pelo contrário, enxerga nele uma prova de força, de liberdade, um desafio aos estereótipos que Pedro e o patriarcalismo quiseram impingir-lhe. Ela percebe que Pedro tinha planos de reproduzir no novo grupo as mesmas estruturas sociais que Cristo veio questionar. Madalena se mostra como uma mulher livre, puta. Resgatando assim o sentido etimológico da palavra<sup>60</sup> que é de transgressão, de desafio ao papel limitado da mulher nas sociedades patriarcais.

Pedro quer, novamente, disfarçar seu machismo e diz que as mulheres têm uma vocação diferente dos homens. Diz não possuir preconceito de gênero nem fazer distinções, mas é exatamente o que faz enquanto fala. Aliás, a negação é uma prova de que está fazendo aquilo que nega, caso contrário não precisaria negar. Obviamente é assim que agiu e age a ortodoxia romana. Nega qualquer distinção entre seus membros e mantém uma atitude

---

<sup>60</sup> Conforme- <http://depalabra.wordpress.com/2006/10/25/puta/> acesso em 08/09/2007.

ofensivamente misógina e homófoba, além de uma hierarquia em contradição com a igualdade pregada. Cada vez que negam, estão apenas confessando, às avessas.

“Maria”, Pedro insistiu, “deixe-se guiar por mim. Eu sou mais velho, tenho mais experiência. Além do mais eu fui escolhido pelo Senhor, depois de sua ressurreição, para liderar seu rebanho na terra, Você nega isso?”

“Eu não nego sua visão irmão e peço que você também não negue a minha. Mas eu não posso aceitar outro guia além da minha consciência que eu considero a voz de Deus em mim.”

“Maria! Pedro gritou, Você não percebe o quanto está sendo divisiva? Se todos nós fizessemos como você e seguíssemos uma luz individual, quanto tempo você acha que poderíamos resistir? Quanto tempo duraríamos? Neste momento nossa missão mais importante é a de manter a unidade do grupo, nos consolidarmos como apóstolos. Você não consegue fazer este sacrifício? Em nome do bem de todos nós?”

Então a questão foi posta em votação... ficou decidido que o Pai seria refletido em um sacerdócio masculino e que as filhas do Pai iriam continuar a rezar e profetizar, dentro de certos limites, é claro. Serviriam à nova igreja dos muitos e importantes modos em que as mulheres serviam seus maridos e família. (ROBERTS, 1999: 134)

Pedro pede a obediência de Madalena, utilizando como argumentos sua idade e seu pretenso primado apostólico. Ora, ambas as coisas são questionáveis. Não é porque ele é velho que deva ser sábio e Cristo não mostrava predileção só por ele. Acaso a amizade especial entre Jesus e João não dava a este último algum tipo de primazia também? O fato de Madalena ter sido a primeira a ver e anunciar a ressurreição também não lhe daria mais direitos? E quanto à mãe de Jesus, acaso também não teria ela o direito de ser uma líder, se assim o quisesse? E quanto a Tiago, irmão de Cristo? Como se vê, Pedro não era o único nas opções de liderança dos primeiros cristãos. O trecho do evangelho em que a igreja romana se apóia é Mateus 16,18: “Tu és Pedro e sobre esta pedra edificarei minha igreja”. No entanto, muitos teólogos acreditam que isto é uma adição posterior feita por copistas romanos exatamente para justificar o poder do bispo de Roma. Não havia nada disso no original de Mateus, que, convenientemente, desapareceu. Temos somente cópias bem posteriores, já do tempo em que Santo Agostinho dizia: “Roma falou? Caso encerrado”<sup>61</sup>

Maria reage como uma gnóstica, evocando a força do deus interior. Roberts faz Madalena chamar este Deus interior de consciência. Pedro, porém, não quer argumentos metafísicos, ele é a pedra e está firme no chão, na praticidade. Ele mostra a Madalena as conseqüências políticas da liberdade de idéias no cristianismo naquela altura. Divisão, morte,

---

<sup>61</sup> Para mais detalhes EHRMAN, 2006

o grupo mal havia nascido e já estava se dividindo. A perseguição não seria pequena, o mínimo necessário para se sobreviver seria uma forte coesão interna. Obviamente tais análises de conjuntura, tão sutis, não são muito verossímeis para o Pedro dos evangelhos. Percebe-se pela leitura dos textos canônicos que Pedro não era alguém de muito raciocínio abstrato, suas interpretações das parábolas de Cristo eram quase literais e a tradição gnóstica o interpretava como um sendo um ignorante, bruto e irascivo<sup>62</sup>. O Pedro de Roberts é muito mais sutil. Ele continua se irritando facilmente, mas suas falas são um apanhado de séculos dos melhores teólogos do cristianismo, o primeiro dos quais foi São Paulo. Paulo foi aquele para quem a idéia de unidade, levou ao desejo de unidade que por sua vez criou o mito da unidade. Paulo percebeu claramente que se os cristãos não se abrissem para os gentios e não possuíssem uma doutrina clara e sistematizada, morreriam como grupo. Como morreram muitas outras seitas surgidas na mesma época com idéias e profetas semelhantes. Depois de ter a idéia da unidade, Paulo passou a desejá-la e a pregá-la ostensivamente em suas cartas. A partir daí, seus seguidores, como o evangelista Lucas, passaram a fazer de tudo para alcançá-la, até mentir.

A partir da bibliografia teológica estudada e da própria razão de ser desta dissertação, sabemos que o cristianismo inicial não era um bloco único, coeso e inconsútil. Era feito de várias visões, de pequenos subgrupos. Durante a luta pela instalação da ortodoxia, que começa com Lucas, cria-se o mito da unidade celestial entre os primeiros cristãos para mostrar que a diversidade existente no presente era um desvio e uma degeneração da mensagem original. Provava também que a unidade não só era possível, como havia sido o ponto de partida de tudo. O problema é que esta unidade inventada escondia um desejo de padronização, de apagamento das diferenças. É um dos casos em que um historiador, no caso Lucas, altera a história em proveito próprio. O problema não é que ele faça isto, pura e simplesmente, pois nenhum historiador é isento e imparcial, como já discutimos antes. O problema é que Lucas manipula os fatos e os apresenta como originais, como se ele nada tivesse feito. A isto se chama “o mito da unidade”.

Voltando a Pedro, ele pede que Maria sacrifique-se pelo bem do grupo, ou seja, que abafe sua diversidade em nome de uma unidade excludente. A questão é decidida em votação, Madalena perde e com ela os gnósticos e as mulheres. Roberts recria através da Metaficção historiográfica um mito fundador da resistência feminina. Madalena é uma mulher forte sem ser estereotipada, uma desviada por escolher outra via, uma puta, por pensar de forma independente. Ela e sua luta por um sagrado feminino são o cerne do romance. Os gnósticos

---

<sup>62</sup> Vide THE NAG HAMMADI LIBRARY, 1978

não são sequer mencionados no corpo da obra, mas permeiam quase tudo o que a protagonista diz. São uma presença ideológica, fazem parte do jogo intertextual. Roberts não quer fazer historiografia, mas parece que ela acaba fazendo, ao questionar as fronteiras entre literatura e história. É preciso dar voz aos silêncios da história oficial. Assim é com as mulheres, uma história feita de sussurros e pequenos vestígios. É preciso ler para além de Tácito, Josefo e Lucas, é preciso lê-los como um palimpsesto. Tentar ver o não escrito por debaixo da escrita. É preciso interrogar o silêncio e descobrir que ele é na verdade um silenciamento. Que o sussuro era originalmente um grito, mas o quiseram abafar, enfraquecer. Tânia Swain defende a bela idéia de uma história do possível, eu acrescento que o romance possibilita os possíveis.



## Considerações Finais

Analisando os textos que foram objeto desta dissertação( *o evangelho gnóstico de Maria Madalena e The wild girl*), pode-se perceber quão tendenciosa e condicionada é a decisão de negar às mulheres católicas a dignidade sacerdotal. A igreja romana ainda não aceita a ordenação sacerdotal de mulheres e, pelo que se pode perceber das declarações dos últimos papas, as perspectivas não são nada boas, segundo o papa Paulo VI: “A exclusão das mulheres do sacerdócio está de acordo com os planos de Deus para sua igreja” (ORDINATIO SACERDOTALIS, 1994:4); João Paulo II ratifica seu antecessor: “Cristo agiu de maneira livre e soberana ao escolher apenas homens para seus apóstolos”. (ORDINATIO SACERDOTALIS, 1994:3). Continuando a sucessão petrina, Bento XVI não poderia ter sido mais claro: “Declaro que a igreja não tem absolutamente a faculdade de conceder a ordenação sacerdotal às mulheres, e que esta sentença deve ser considerada definitiva por todos os fiéis da igreja”. (ORDINATIO SACERDOTALIS, 1994:7)<sup>63</sup>. Revendo as declarações dos últimos três papas confrontadas com os ensinamentos misóginos de Santo Agostinho, São Jerônimo, Santo Tomás de Aquino e outros doutores da igreja, percebe-se quão importante é a luta de Michele Roberts e outras feministas, que tentam combater o patriarcalismo e a exclusão das mulheres na liderança do catolicismo romano.

A luta do movimento feminista contra o sexismo, em suas várias formas, encontra uma importante frente de batalha no campo religioso e a Igreja Romana é a instituição religiosa mais tradicional e numerosa do cristianismo; é natural que teólogos e fiéis do mundo inteiro questionem a Sé de Pedro sobre o modo como trata as mulheres. A luta pelo sacerdócio feminino é a luta pela correção de um erro histórico, pela aplicação do evangelho na instituição que o deveria defender e executar. Os questionamentos pós-modernos e dos movimentos sociais só vieram acentuar a situação de descompasso existente entre as posições conservadoras da cúria romana e os anseios dos fiéis. A identidade rígida exigida por Roma, não tem mais lugar na fragmentação identitária da pós-modernidade.

A literatura, por meio do romance de metaficção historiográfica, surge como uma arma importante para um contra-ataque ideológico, a favor de uma maior dignidade para as mulheres no espaço do catolicismo. É preciso expor as idéias preconceituosas que ainda existem por trás do discurso aparentemente igualitário da Igreja Romana. *The Wild Girl* é uma obra esteticamente apurada, com uma narrativa sofisticada e um posicionamento ideológico

---

<sup>63</sup> Na época em que ainda se chamava Joseph Ratzinger e era inquisidor mor de João Paulo II, Bento XVI foi o redator da encíclica ORDINATIO SACERDOTALIS, que nega a ordenação sacerdotal às mulheres.

bem definido; é quase um manifesto a favor do resgate da dignidade da mulher no campo teológico. Muitas são as mulheres que foram, e ainda são, prejudicadas pelo patriarcalismo religioso; felizmente também não é pequeno o número daqueles que buscam mudanças. A apropriação que o patriarcalismo faz das mulheres se utiliza de poderosas armas ideológicas, de tecnologias de construção das desigualdades, por isso é preciso resistir também com idéias. Mais do que simplesmente conseguir a ordenação sacerdotal para mulheres, o objetivo de um feminismo teológico deve ser o de resgatar a dignidade do sagrado feminino, para além dos estereótipos de subordinação e maternidade a que o catolicismo o reduziu com o culto à Virgem Maria.

A recriação Metaficcional de Roberts é transformadora porque permite que se lance um novo olhar sobre o real, possibilita a desnaturalização da exclusão. Roberts não quer que sua Madalena seja “real”, mas lança a dúvida, e isso basta. A história oficial é a história do masculino, o trabalho de Roberts busca dar voz aos silêncios da historiografia tradicional, denunciando injustiças de séculos. Mais do que afirmar, ela busca deixar perguntas, seu desejo não é o de substituir um dogma por outro, mas de problematizar as verdades estabelecidas. Nesse sentido, rejeitar a imparcialidade e a universalidade pretensamente científicas da “história dos historiadores” é um gesto epistemológico revolucionário, porque permite que se pense em um novo fazer historiográfico. É também um gesto político, pois se questiona as premissas, questionam-se também as conclusões e seus resultados práticos.

A pós-modernidade está mais consciente do caráter condicionado do fazer científico e não aceita mais, passivamente, afirmações preconceituosas travestidas de ciência. O mesmo se dá com a história; o Vaticano justifica a exclusão das mulheres ao sacerdócio, dizendo que sempre foi assim, que mulheres nunca celebraram a eucaristia. Com base nos dados e discussões presentes no capítulo dois desta dissertação, sabe-se que esse argumento não procede. Se a justificativa não mais se sustenta, suas conseqüências também não. *The Wild Girl*, por meio da intertextualidade e da metaficção historiográfica, busca mostrar que a mentalidade patriarcal do clero católico, está em contradição com o pleno exercício dos direitos religiosos das mulheres. Ao mostrar a fragilidade das bases epistemológicas da exclusão, Roberts solapa qualquer justificativa de manutenção da injustiça e a torna ainda mais indignante.

É comum se ouvir dizer que a ordenação sacerdotal de mulheres no catolicismo romano é uma causa perdida. Dizem que a pedra de Pedro é muito dura, não vai ceder, se assim é, podemos então pensar que os que defendem um sacerdócio feminino são como a água, insistentes... “água mole em pedra dura.”.. o ditado está a nosso favor. Para aqueles que

não vêem mal algum em um sagrado feminino ou em um deus mãe e acham que as religiões do Pai devem tratar melhor suas filhas, eis um conselho gnóstico de Maria Madalena : “Não chorem e não fiquem tristes, nem sejam temerosos, pois a graça de Cristo estará com vocês em toda a sua plenitude e vos protegerá” ( THE NAG HAMMADI LIBRARY, 1978: 533)  
Que assim seja grande apóstola, rogai por nós, Madalena, amém.

## Referências Bibliográficas

- ALLIGHIERI, Dante. *A divina comédia*, Rio de Janeiro, Ediouro, 1998.
- ARISTÓTELES. *A política*, São Paulo, Martin Claret, 2007.
- ATWOOD, Margaret. *A odisséia de Penélope*, São Paulo, Cia Das Letras, 2005.
- BATAILLE, Georges. *O erotismo*. São Paulo, ARX, 2004.
- BEAUVOIR, Simone. *O segundo sexo, vol I- fatos e mitos*, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2000.
- BENITEZ, J. J. *Operação cavalo de Tróia*, São Paulo, Mercuryo, 2007.
- Bíblia Sagrada*-tradução da CNBB. São Paulo, Ed. Loyola. 2002.
- BOGADO, Ana Patrícia Chagas. *Maria Madalena: o feminino na luz e na sombra*, Rio de Janeiro, Lucerna, 2005.
- BROWN, Dan. *O código da vinci*, São Paulo, Sextante, 2007.
- BROWN, Peter. *Corpo e sociedade: o homem, a mulher e a renúncia da sexualidade no início do cristianismo*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1990.
- \_\_\_\_\_. *A antiguidade tardia in História da vida privada, vol I*, São Paulo, Cia das Letras, 1991.
- CAIXETA, Vera Lúcia. *Parteiras em Minas Gerais no século XIX: poderes e saberes compartilhados (1832-1850)*, dissertação de mestrado em história apresentada no departamento de história da Universidade de Brasília, 2003.
- CAMPBELL, Joseph. *O herói de mil faces*, São Paulo, Cultrix, 2007.
- \_\_\_\_\_. *As máscaras de Deus, vol II Mitologia Ocidental*, São Paulo, Palas Athena, 2004.
- CASTORIADIS, Cornélius et Allii. *A criação histórica e a instituição da sociedade in A criação histórica*, Porto Alegre, Artes e ofícios, s/d.
- CERVANTES, Miguel de. *Don Quijote de la Mancha*, Madrid, Alfaguara, 2004.
- COETZEE, J. M. *Foe*, Nova Iorque, Penguin USA, 1987.
- CROSSAN, John Dominic. *O nascimento do cristianismo*, São Paulo, Paulinas, 2004.
- \_\_\_\_\_. *O Jesus histórico*, Rio de Janeiro, Imago, 2005.
- CUNHA, Antonio Geraldo. *Dicionário etimológico nova fronteira*, São Paulo, Nova Fronteira, 2007.
- CUNNINGHAM, Michael *The hours*, Nova Iorque, Picador, 2002.
- DALCASTAGNÈ, Regina. *A personagem do romance brasileiro contemporâneo (1990-2004)*. Estudos de literatura brasileira contemporânea, Brasília, v. 26, p. 13-71, 2005.

- Declaração sobre a admissão de mulheres ao sacerdócio*, Vaticano, imprensa do vaticano, 1976.
- DE LYON, Santo Irineu. *Apologética*, São Paulo, Paulus, 2003.
- DEVARAZZE, Jacopo. *A legenda áurea: vidas de santos*, São Paulo, Cia das Letras, 2006.
- ECO, Umberto. *O nome da rosa*, São Paulo, Nova Fronteira, 2006.
- EHRMAN, Bart D. *O que Jesus disse? O que Jesus Não disse?*, Rio de Janeiro, Ediouro, 2006.
- FIGES, Eva. *The Tree of Knowledge*, Nova Iorque, Pantheon, 1991
- FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*, São Paulo, Loyola, 2006.
- FRAZER, James. *The golden bough: a study on magic and religion*, Londres, Wordsworth, 1993)
- FREEDMAN, Estelle. *The history of feminism and the future of women*, Nova Iorque, Ballantine books, 2002.
- GALENO. *Biblioteca clássica Gredos: Galeno*, Madrid, Gredos, 2003.
- GIBRAN, Khalil. *O profeta*, São Paulo, LPM, 2001.
- GUILLAUMIN, Colette. *Pratique de pouvoir et idee de nature l'appropriation des femmes in questions feministes 2*, février, mai 1978.
- GUBAR, Susan. *Infection in the sentence: the woman writer and the anxiety of authorship*, Nova Iorque, WA, 1979.
- HALL, Stuart. *A identidade Cultural na pós modernidade*, Rio de Janeiro, DPe A, 2005
- HEINEMANN, Uta Ranke. *Eunucos pelo reino de Deus, mulheres, sexualidade e a igreja católica*, 2ª ed., Rio de Janeiro, Rosa dos ventos, 1996.
- HERCULANO, Alexandre. *Eurico, o presbítero*, São Paulo, Attica, 1998.
- HERMAS. *O pastor*, in *Padres apostólicos*, São Paulo, Paulus, 2004.
- HORACIO. *Teoria literária na antiguidade*, São Paulo, Ediouro, 1991.
- HUTCHEON, Linda. *A poética do pós-modernismo*, Rio de Janeiro, Imago, 1991.
- JENKINS, Keith. *Re-thinking history*, London, Routledge, 1991.
- JERÔNIMO, São. *Sobre o sacerdócio* São Paulo, Paulus Editora, 2004.
- JODELET, Denise. *Representações Sociais: um domínio em expansão*. In: JODELET, Denise (org). *As Representações Sociais*. (Tradução Lílian Ulup). Rio de Janeiro: Editora da UERJ, 2001.
- JOYCE, James. *Finnegans Wake*, Londres, Penguin, 2001.
- JOSEFO, Flávio. *Historia dos Hebreus*, São Paulo, CPAD, 2004.
- JUNG, Karl Gustav. *O homem e seus símbolos*, São Paulo, Nova Fronteira, 1990.

- JUNIOR, João Ribeiro. *Pequena história das heresias*, Campinas, Papyrus, 1989.
- KAZANTZAKIS, Nikos, *A última tentação de Cristo*, São Paulo, círculo do livro, 1989.
- KEIJZER, Arne J. *A verdadeira história de Maria Madalena*, Rio de Janeiro, Ediouro, 2006.
- KING, L. Karen. *The gospel of Mary of Magdalene*. London, Polebridge, 2003.
- KRISTEVA, Julia. *Semeiotiké: recherches pour une sémanalyse*, Paris, Editions du Seuil, 1978.
- LAURETIS, Teresa de. *Tecnologias do Gênero*. (Tradução de Suzana Funck). In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de. (org). *Tendências e Impasses: o feminismo como crítica da cultura*, 1ª. Edição, Rio de Janeiro, Rocco, 1994.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. *Antropologia Estrutural*, Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1970.
- MACEDO, Joaquim Manuel de. *A moreninha*, São Paulo, Attica, 1998.
- MOTT, Luiz. *A revolução homossexual*, no prelo.
- MITCHELL, Margareth. *E o vento levou*, São Paulo, Itatiaia, 2000.
- MULLER, Kurt *The literary Encyclopedia* Nova Iorque, Ny university press, 2004.
- ORLANDI, Eni P. *Análise de Discurso: Princípios e Procedimentos*. 4ª. ed., Campinas, SP, Pontes, 2002.
- ORIGENES. *Contra Celso*, São Paulo, Paulus, 2004.
- PAGELS, Elaine, *Os evangelhos gnósticos*, Rio de Janeiro, Objetiva, 2006.
- PLATÃO. *A república*, São Paulo, Martin Claret, 2007.
- \_\_\_\_\_. *Fédon*, São Paulo, Martin Claret, 2007.
- PERROT, Michelle. *Entrevista com Michelle Perrot in cadernos Pagu*, 4ª ed.
- QUINTANA, Alberto. *A ciência da benzedura*, São Paulo, Siemens, 1999.
- RUBIN, Gayle. *The traffic in women: notes in the political economy of sex*, 1975.
- RAGO, Margareth. *As marcas da pantera: Foucault para Historiadores*. In *Revista Resgate*. Campinas, n. 05, Centro de Memória da UNICAMP, 1993.
- ROBERTS, Michele. *The Wild Girl*, Londres, Vintage Books, 1999.
- ROHDEN, Fabíola. *Feminismo do sagrado: O dilema 'igualdade/diferença' na perspectiva de teólogas católicas*. Rio de Janeiro, 1995.
- SANT'ANA, Thiago. *Sorriam meninas! Vocês estão sendo fabricadas! A construção da diferença sexual na escolarização goiana do séc. XIX*, no prelo.
- SCOTT, Walter *Ivanhoe*, São Paulo, Scipione, 2005.
- SENECA, Lucius Annaeus. *Sobre a brevidade da vida*, São Paulo, Nova Alexandria, 2003.
- SHAKESPEARE, William. *The complete works*, Oxford, Oxford university press, 1991
- SNODGRASS, Mary Ellen. *Notes on Roman Classics*, Nebraska, Cliffs, 1988.

- STARBIRD, Margaret. *Maria Madalena: a noiva no exílio*, São Paulo, Cultrix, 2006.
- STEVENS, Maria Cristina Teixeira. *Maternidade e feminismo: diálogos interdisciplinares*, Florianópolis, editora mulheres, 2007.
- SWAIN, Tânia. *Os limites discursivos da história, imposição de sentidos in Labrys* ed 09 [www.unb.br/ih/his/gefem/labrys9/libre/anahita.htm](http://www.unb.br/ih/his/gefem/labrys9/libre/anahita.htm), acesso em 12/01/2007.
- THOMAS, D. M. *The White Hotel*, Londres, Viking Press, 1999.
- TOLSTOI. *Guerra e paz*, São Paulo, LPM, 2007.
- TORJESEN, Karen Jo. *When Women were priests*, San Francisco CA, Harper, 1995.
- VÁRIOS AUTORES. *The Nag Hammadi Library*, San Francisco CA, Harper, 1978.
- VÁRIOS AUTORES. *O Opus Dei e as mulheres*, São Paulo, Editora Original, 2006.
- WALKER, Alice. *In search of our mothers garden*, NY, Ny university press, 1988.
- WAUGH, Patrícia. *Metafiction: theory and practice of conscious fiction*, Londres, Paperback, 1984.
- WHITE, Hayden. *Tropics of discourse: essays in cultural criticism*, Baltimore, the John Hopkins university press, 1978.
- WOOLF, Virginia. *A room of one's own*, Londres, Penguin books, 2000.
- \_\_\_\_\_. *Mrs Dalloway*, Londres, Penguin books, 1999.